

KÊNIA MARA DE FREITAS SIQUEIRA

**O SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL AKWÊ-XERENTE (JÊ): ÂMBITOS
DE ANÁLISE**

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Goiás
Goiânia
2010

KÊNIA MARA DE FREITAS SIQUEIRA

**O SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL AKWÊ-XERENTE (JÊ): ÂMBITOS
DE ANÁLISE**

Orientadora

Profa. Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Goiás
Goiânia
2010

KÊNIA MARA DE FREITAS SIQUEIRA

**O SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL AKWÊ-XERENTE (JÊ): ÂMBITOS
DE ANÁLISE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras e Linguística da Universidade Federal de
Goiás/Faculdade de Letras como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos

Orientadora: Profa. Dra. Silvia L. B. Braggio.

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Goiás
Goiânia
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GT/BC/UFG

S618s	Siqueira, Kênia Mara de Freitas. O sistema de classificação nominal akwê-xerente (jê) [manuscrito] : âmbitos de análise / Kênia Mara de Freitas Siqueira. – 2010. 197 f. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sílvia Lucia Bigonjal Braggio. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2010. Bibliografia. 1. Sistema de classificação nominal Akwê-Xerente (Jê). Título. CDU: 811.87(81)
-------	--

Kênia Mara de Freitas Siqueira

O SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL AKWÊ-XERENTE: ÂMBITOS DE ANÁLISE

Tese defendida em 31 de maio de 2010, e aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio -UFG
(Orientadora- Presidente)

Profa. Dra. Maria Sueli de Aguiar - UFG

Prof. Dr. Sinval Martins de Sousa Filho - UFG

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes – UnB

Profa. Dra. Gláucia Vieira Cândido - UEG

Profa. Dra. Tânia Ferreira Rezende – UFG
Suplente Interno

Profa. Dra. Mariana de Souza Garcia – UFMS
Suplente Externo

Ao povo Akwe®-
Xerente, com respeito e imensa
gratidão.

AGRADECIMENTOS

À Elza (Hirêki) e ao Márcio Xerente
pela colaboração precisa e sincera acolhida.

À Gildilene Xerente,
que me considera uma:
*“Romwasku we mâtô wi
Wat wa par pibumã”*.

Ao Nelson Prazé Xerente,
meu primeiro colaborador!

Aos professores indígenas xerente
Laura, João, Domingos e demais professores indígenas do
Curso de Formação de Professores do Tocantins.

E também a Aldeli, Cleide e Joana,
porque me possibilitaram
participar de várias etapas
da formação
desses professores.

À Dra. Silvia Braggio,
pela orientação segura e criteriosa.

À Universidade Estadual de Goiás,
pela concessão da licença remunerada
que me permitiu dedicar à pesquisa.

Aos componentes da banca de qualificação
e examinadora,
pelo interesse, leitura minuciosa
e sugestões fundamentais.

Ao Dr. Sinval,
pelo apoio, incentivo, pela participação
em todos os momentos desta pesquisa.
E pela discussão sobre os dados,
auxílio imprescindível para
a realização deste trabalho.

Ao Dr. Dioneu,
pela colaboração e
valiosas sugestões de leitura,
além das oportunas correções
sobre os aspectos morfológicos.

À Dra Gláucia,
pelas palavras certas
nos momentos incertos,
pelo interesse constante em
ouvir minhas inquietações.

À Dra. Maria Sueli,
porque me ensinou, durante suas aulas,
que a alegria de aprender e ensinar
também é uma forma de conhecimento.

À Dra. Marita Porto,
toda minha admiração,
carinho (e saudade), por ter me conduzido
durante minha primeira pesquisa
sobre línguas indígenas.

Às Dra. Heloísa Augusta e Dra. Dillys Rees,
pelas valiosas lições de Etnografia,
úteis para o trabalho de campo.

À Dra. Kátia,
coordenadora do Programa
de Pós-graduação,
e também a Consuelo e ao Bruno.

Aos meus alunos
do curso de Letras de UEG/Pires do Rio,
porque me ensinaram tanto
...muito mais que aprenderam.

À minha avó materna, vó Lídia,
pelos princípios e valores éticos
com que vem, há 96 anos,
unindo e orientando
nossa família.

Aos meus pais, Deca e Ubirajara,
com quem aprendi, tenramente,
o valor do ser humano.

Às minhas irmãs, Arlene e Beila,
porque conseguiram dimensionar
a importância deste estudo
para minha realização
pessoal e profissional.

Ao meu irmão querido, Birinha,

sempre fomos tão companheiros,
tão ligados que nem precisamos de palavras para
nos entendermos.

Às minhas sobrinhas e aos meus sobrinhos e
à minha cunhada Licemara, pelas minhas ausências nos
momentos importantes da vida deles.

À amiga Ruth,
por tantas ideias compartilhadas.

Ao Sandro,
pela ajuda com a
formatação do texto.

Aos meus colegas da Pós-graduação:
Raquel, Luciane,
Luciane Guimarães, Rejane,
Paulo Henrique, Rodrigo,
Célia, Eunice,
Leosmar, pelos caminhos
que percorremos juntos.

Aos demais componentes do LIBA,
Dra. Daniele Grannier,
Shelton e Jeronilson.

À minha família, meus amados filhos Eduardo e Tiago
que tanto me incentivaram com sua
presença radiante durante a longa rotina de estudos,
e ao querido Winiston,
meu companheiro de todas as horas,
obrigada pela compreensão,
auxílio, apoio, incentivo e, sobretudo,
obrigada por acreditar em mim.

A Deus, porque infundiu em mim o amor,
o respeito, a consciência de igualdade que fez com que,
desde muito cedo, eu me interessasse
pelos povos indígenas e
os guardasse sempre no meu coração.

Obrigada, Senhor,
porque não há nada
que não seja feito
segundo a sua vontade.

“Copiar a natureza é uma atividade invertebrada [...] Mas imitar a natureza envolve o uso da palavra e então nós mesmos nos tornamos a natureza, inventando assim um objeto que é uma extensão desse processo”.

William Carlos William

RESUMO

A necessidade de se descrever e documentar línguas ameaçadas de extinção vem, nas últimas décadas, ganhando contornos mais significativos face ao iminente risco de perda da cultura e do conhecimento acumulado pelos povos indígenas, no sentido de que a continuidade de cada uma dessas línguas seja assegurada por ações pautadas nos resultados de estudos que visem tanto à descrição da situação sociolinguística, quanto à descrição e à análise dos aspectos linguísticos que a caracterizem como língua de uma determinada família linguística, já que a morte de uma língua significa, entre tantos outros aspectos, uma perda inestimável para a ciência Linguística e, sobretudo, uma violência contra o direito desses povos de preservarem seus bens imateriais. O presente estudo tem como objetivo descrever algumas questões acerca do uso de classificadores, termos de classe e nomes em função classificadora como componentes do sistema de classificação nominal da língua Akwê-Xerente (Jê), falada pelo povo indígena de mesmo nome. Os Akwê-Xerente somam, aproximadamente, 3100 pessoas e vivem em terras indígenas na região de Tocantínia, no Estado do Tocantins. A descrição do sistema de classificação xerente fundamenta-se em referenciais teóricos funcionais para o reconhecimento e diferenciação de certas raízes nominais que podem ocorrer com funções de classificação ou na organização de classes, que indiquem características em comum entre os itens designados, tais como forma, tamanho, aspecto, consistência e função. Este estudo estrutura-se da seguinte maneira: no Capítulo 1, são apresentadas propostas de elaboração de tipologias sociolinguísticas para o delineamento da situação de contato em que se encontra a língua xerente; o capítulo traz também a descrição da metodologia usada para coleta, seleção e procedimentos de sistematização dos dados. Esses procedimentos constituem-se numa sequência de passos ancorados nos métodos de pesquisa da Linguística de Campo de base sincrônica. No Capítulo 2, é feita uma exposição do quadro teórico usado para descrição e análise de aspectos do sistema de classificação nominal da língua. O Capítulo 3 demonstra os critérios morfológicos utilizados para a definição e delimitação dos conceitos de palavra na língua xerente, de nome, de nome composto (palavra composta) e algumas características dos nomes no que concerne às possibilidades de marcação de posse/possuidor em certo grupo de nomes xerente. No Capítulo 4, o foco é a descrição de aspectos da classificação nominal em relação às raízes nominais que atuam como termos de classe e nomes em função classificadora. Este estudo faz parte do Projeto LIBA – Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas: documentação (descrição e análise e tipologias sociolinguísticas) e visa oferecer subsídios, em âmbito linguístico, para a elaboração de programas de educação escolar xerente, bem como contribuir para o conhecimento científico de aspectos relacionados aos sistemas de classificação e categorizações linguísticas.

Palavras-chave: Linguística, língua Akwê-Xerente, sistema de classificação nominal, classificadores, termos de classe, nomes de partes do corpo em função classificadora.

ABSTRACT

The need to describe and document the languages threatened with extinction has been gaining importance in the last decades, given the growing risks of cultural loss and the knowledge accumulated by indigenous people. The purpose of continuity of each one of these languages is ensured by actions based on the results of studies which focus on the description of the sociolinguistic problem, as well as on the description and analysis of the linguistic aspects which characterize the language of a determined linguistic family, since the death of a language means, among many other things, an undetermined loss of the science of Linguistics and, above all, the disrespect for the rights of these people to preserve their immaterial richness. The present research has as objective to answer some questions regarding the use of classifiers, terms of classes and names in classifying function as components of the classifying system of the language Akwe®-Xerente (Jê), spoken by the indigenous people of the same name. The Akwe®-Xerente add up to about 3,100 people and inhabit indigenous lands in the region of Tocantinia, in the Tocantins State. The description of the system of the Xerente classification is based on theoretical functional references for the recognition and differentiation of some nominal radicals which may occur in the function of classifying or organizing the classes which show common characteristics amongst the designated items such as form, size, aspect, consistence and function. This research is structured in the following way: In Chapter 1 are presented some proposals of elaboration of typology of sociolinguistics, to outline the contact situation in which the Xerente language is found nowadays; the chapter also gives a description of the methodology used to collect, select, and the process of systematization of the data. These procedures are constituted of a sequence of steps based on the methods of research for the Linguistic of field of synchronic base. In Chapter 2 an exposition is made of the theoretical views used in the description and analysis of the aspect of the nominal classifying system of the language. Chapter 3 shows the morphological criteria used in the definition and delimitation of the concepts of the words in the Xerente language, of the name, the compound name (compound word), and some characteristics of the name referring to the possibility of marking the possession/possessor in a certain group of Xerente names. In Chapter 4, the focus is in the description of aspects of nominal classifying in relation to the nominal stems which act as terms of classes and names in classifying function. This research is part of the LIBA Project – Brazilian Indigenous Threatened Languages: Documentation (description and analysis and sociolinguistic typology) and means for offering subsidies in the linguistic range for the education program, as well as contributing in the scientific recognizance of related aspects to the classifying systems and linguistic category.

Key-words: Linguistics, Akwe®-Xerente language, nominal classifying system, classifier, terms of class, human body names in classifying function.

LISTA DE TABELAS E ESQUEMAS

Figura 1. Exemplo da relação dos dados para análise.....	51
Figura 2. Listas de termos selecionados.....	53
Figura 3. Transcrição de trechos dos formulários de pesquisa.....	55
Figura 4. Transcrição de trechos dos formulários de pesquisa.....	56
Figura 5. Matriz fonológica.....	85
Tabela 1. Diferenças entre classes nominais e classificadores.....	68
Tabela 2. Classificadores: realização morfológica e semântica.....	68
Tabela 3. Grupo de nomes com tendência a desenvolver-se em classificadores.....	73
Tabela 4. Classificadores xerente.....	81
Esquema 1. Padrões silábicos verificados na língua xerente.....	88
Esquema 2. Classificadores nominais xerente.....	112
Esquema 3. As funções da raiz “kP↔®”.....	113
Esquema 4. As funções da raiz “kwa”.....	116
Esquema 5. Termo de classe “du” ‘capim’.....	121
Esquema 6. Termo de classe “nPõ” ‘palmáceas’.....	122
Esquema 7. Termo de classe “k\” ‘água’.....	123
Esquema 8. Termo de classe “kPu” ‘rato’.....	123
Esquema 9. Termo de classe “kuh↔®” ‘suídeos’.....	124
Esquema 10. Termo de classe “kuk↔®” ‘quelônios’.....	125
Esquema 11. Termo de classe “kt\” ‘animais comestíveis’.....	125
Esquema 12. Termo de classe “si” ‘aves’.....	126
Esquema 13. Termos de classe “tpe” ‘peixes’.....	127

Esquema 14. Termo de classe “Yde” ‘árvore’	128
Esquema 15. Termo de classe “z\” ‘sementes’	129
Esquema 16. Termo de classe “hesp ” ‘banana’	129
Esquema 17. Termo de classe “kupa” ‘mandioca’	130
Esquema 18. Nomes em função classificadora.....	132
Esquema 19. NFC em composição com partes do corpo.....	134

SIGLAS E ABREVIACÕES

A – Ataque

ADV - Advérbio

AG - Agente

BN – Base nominal

Cap. - Capítulo

C – Coda

CEMIX – Colégio Estadual de Ensino Médio Indígena Xerente

CF – Comunidade de fala

cf. – conforme/confira

Class - Classificador

Comp – comparativo

conc - conectivo

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CV – consoante vogal (padrão silábico)

D – Denominal

DIM – Diminutivo

erg – ergativo

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

GO – Goiás

HON – Honorífico

i. é – isto é

inac - inacusativo

IN – Incorporação nominal

IPA – International Phonetic Alphabet

LIBA – Projeto Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas: Documentação (Análise e Descrição) e Tipologias Sociolinguísticas

L1 – Língua um

L2 – Língua dois

lit. - literal

MFP – Morfema formação predicativa

MOD – Modificador

MOD DES – Modificador descritivo

MPOSS – Marcador de posse

N – Nome

N – Núcleo silábico (nas grades silábicas)

NFC – Nomes em função classificadora

NI – Nome inalienável

NOM – Nominalizador

NPF – Nome próprio feminino

NPM - Nome próprio masculino

NSN – Núcleo do sintagma nominal

NUM – Numeral

O - objeto

P – Pronome

p. página

PANF – partícula de ação não-futura

PAS PER REAL – Passado perfeito real

PI – Pronome indefinido

Pred – predicativo

PROCAMBIX – Programa de Compensação Ambiental Xerente

RA -raiz

R – rima

R1, R2, R3 – Prefixo Relacional^{1, 2, 3}

S – sílaba forte

SNS – Sintagma nominal sujeito

TAMP – Tempo, aspecto e modo TC – Termos de classe

TI - Terra Indígena

UFG – Universidade Federal de Goiás

UnB – Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

V – Verbo

VTD – Verbo Transitivo Direto

VT – Verbo Transitivo

W – (weak) sílaba fraca

1^a pess – primeira pessoa

2^a pess – segunda pessoa

3^a pess – terceira pessoa

μ – mora

Σ – pé silábico

σ – sílaba

~ - variação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
-------------------	-----------

CAPÍTULO I	
O PAPEL DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA PARA A PRESERVAÇÃO DA LÍNGUA E CULTURA INDÍGENA	28

1.1	A contribuição dos estudos sociolinguísticos	29
1.2	O povo Akwe®-Xerente	36
1.2.1	Aspectos socioculturais e econômicos	39
1.2.2	O contexto sociolinguístico: o papel da escolarização	42
1.3	Metodologia	46
1.3.1	As perguntas de pesquisa	46
1.3.2	O tipo de pesquisa	47
1.3.3	Os procedimentos para sistematização dos dados	49
1.3.4	Os dados	52
1.3.5	Os formulários	55
1.3.6	Outros instrumentos de pesquisa	56
1.3.6.1	As notas de campo	56

CAPÍTULO II	
SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL: CLASSIFICADORES, TERMOS DE CLASSE E NOMES DE PARTES DO CORPO EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA	58

2.1	A natureza das conceituações linguísticas	58
2.2	Classificadores: concepções, conceitos e dimensões	61
2.2.1	Categorização semântica dos classificadores	63
2.2.2	Propriedades semânticas universais dos classificadores	64
2.2.3	Tipos de classificadores	65
2.2.4	Morfossintaxe dos classificadores	66
2.3	Classificadores nominais	67
2.4	Outros tipos de classificadores	69
2.5	Dimensão dos sistemas de classificadores	72
2.5.1	Extensão semântica dos classificadores	74
2.6	Termos de classe	75
2.7	Nomes de partes do corpo em função classificadora	76
2.8	Classificadores em Akwe®-Xerente	80

CAPÍTULO III	
A CLASSIFICAÇÃO NOMINAL EM AKWÊ-XERENTE	84
3.1	Matriz Fonológica 85
3.2	Constituintes silábicos 86
3.2.1	A sílaba Xerente 88
3.2.1.1	As grades silábicas 89
3.3	Morfologia 95
3.3.1.	Classes de palavras 98
3.3.1.1	Nomes 98
3.3.1.2	Tipos de nomes 101
3.3.2.2	Nomes compostos 105
3.3.2.3	Topônimos 107
3.4	Classificadores nominais Xerente 108
3.5	O item “kP↔®” 113
3.6	O item “kwa” 115
CAPÍTULO IV	
TERMOS DE CLASSE E NOMES DE PARTES DO CORPO EM	119
FUNÇÃO CLASSIFICADORA	
4.1	Termos de classe Xerente 119
4.1.1	Descrição dos termos de classe 121
4.2	Nomes de partes do corpo em Xerente: função classificadora 131
4.2.1	Morfologia dos nomes em função classificadora 133
4.2.2	A sintaxe dos nomes em função classificadora 135
4.2.3	A semântica dos nomes em função classificadora 135
4.2.4	Graus de lexicalização 138
CONCLUSÃO	145
REFERÊNCIAS	150
APÊNDICES	162
ANEXOS	180

Embora possa estar incorrendo em lugar comum, é necessário mencionar, nestas linhas introdutórias, que grande parcela das pessoas no Brasil desconhece a diversidade linguística que permeia a realidade sociocultural brasileira, ou melhor, as pessoas ignoram que existem mais de 180 línguas indígenas faladas por diversas etnias em todo território nacional. Em outras palavras, ignoram a face multilíngue que caracteriza a realidade em que vivem as comunidades de fala nas diferentes regiões do país. Ignoram que o Português não é a língua nativa de milhares de brasileiros espalhados pelos espaços mais remotos do Brasil.

O desconhecimento deste fato resulta, provavelmente, na omissão dos problemas enfrentados pelos povos indígenas, desde a colonização do país até períodos mais recentes da História brasileira. É importante insistir no fato de que se as pessoas em geral conhecessem a verdadeira situação linguístico-cultural e diversidade étnica deste país, talvez a ameaça à sobrevivência desses povos pudesse ser amenizada através de ações conscientes movidas, não só por parte das autoridades responsáveis, mas também pela intervenção criteriosa de pessoas sensibilizadas pelo prejuízo significativo que representa o desaparecimento da diversidade dos povos e culturas indígenas.

Pensando assim, Braggio (2009, p. 98) acentua: “as pessoas precisam saber que as populações indígenas e suas línguas fazem parte e são um peso importante no delicado equilíbrio social, linguístico, cultural, ecológico e político mundial.” Quebrar esse equilíbrio significa algo ainda não assistido pela raça humana, e pode significar o fim da vida como é conhecida hoje.

Numa época de crescente globalização, a diversidade humana, em todas as suas esferas e vieses, precisa ser preservada porque, cada vez mais, os indivíduos entram em contato (em âmbito mundial) com povos de línguas e culturas diferentes das suas, tornando o contato entre etnias de poder assimétrico inevitável. As consequências do contato entre povos aloglotas atingem mais drasticamente as etnias de menos poder econômico e de menos contingente populacional. Isto ocorre ao largo da sabedoria e das inúmeras riquezas naturais, culturais e linguísticas que esses povos detêm.

Assim, é possível compreender que apenas o conhecimento amplo e real das questões que envolvem os povos indígenas pode direcionar ações mais positivas e mais profícuas em relação à preservação das línguas e culturas das minorias étnicas.

Conhecer as causas é envolver-se com o problema é, antes de tudo, envolver-se com esses povos, reconhecendo seus direitos, entendendo sua maneira de pensar, de ver o

mundo, de agir no mundo. Compreender, pelo menos em parte, sua maneira de recortar a realidade circundante simbolizada na estrutura de sua língua e cultura.

Na verdade, as línguas não têm vida independente de seus falantes, são os falantes que a concebem diariamente nas interações com seus pares. Se algo ameaça essas interações, atinge diretamente tanto a língua quanto a maneira como os falantes a concebem em vista do uso que dela fazem. Se, de alguma forma, são forçados a usarem outra língua, conseqüentemente, o farão em proporção cada vez mais crescente em detrimento de sua língua nativa.

O que precisa ser salientado é que toda situação de contato oferece risco à cultura de menor poder, podendo, inclusive, provocar o desaparecimento de todo conhecimento acumulado pelo povo minoritário. Dessa forma, a perda de qualquer conhecimento significa o empobrecimento da diversidade humana, extinguindo as diferenças e impelindo todos os povos indígenas (minoritários e minorizados) a cultivar os mesmos valores culturais de vida da sociedade dos não-índios, o que aniquila, sobremaneira, a essência humana de quem se vê obrigado a “mudar” de cultura.

O legado histórico de toda essa ameaça aos valores culturais indígenas se faz sentir e já vem sendo anunciado drástica e paulatinamente pelos meios de comunicação. As notícias sobre os índios são sempre carregadas com pinceladas negativas sobre eles e sobre o seu modo de vida. Quase sempre, são notícias que ignoram os aspectos antropológicos, sociais, políticos que os diferenciam dos demais povos.

Praticamente tudo que diz respeito à questão indígena veiculado pela grande mídia recebe contornos desfavoráveis ao real conhecimento que todo cidadão brasileiro, seja de que etnia for, deve ter das questões indígenas. As notícias só fazem reforçar a imagem, há anos difundida (até mesmo pela escola), do indivíduo que, por ser diferente, tem de ser assimilado, tem de integrar-se à sociedade majoritária oferecida a ele como o único caminho que lhe resta a seguir.

Evidentemente, toda essa situação agrava-se à medida que também se acentua a falta de conhecimento (e de veiculação de conhecimento), já que muitas línguas indígenas se encontram pouco documentadas e outras tantas não possuem nenhum tipo de estudo de cunho linguístico ou sociolinguístico ou de qualquer outra natureza.

Esse tipo de cenário, sumariamente retratado, é que propicia o desaparecimento de grande parte das línguas faladas no mundo e de todo conhecimento acumulado pelas comunidades que as falam.

Portanto, a realização de pesquisas linguísticas se faz extremamente necessária e urgente. Documentar as línguas ameaçadas consiste numa tarefa premente para salvaguardar o registro de fenômenos linguísticos únicos, encontrados apenas em poucas línguas do mundo.

Em relação à língua e ao povo xerente a situação não é diversa. Os Xerente, à sua maneira, passam por esses problemas e os enfrentam conforme lhes é possível, ou melhor, atravessam as consequências do contato com a sociedade envolvente como pessoas agredidas no ponto em que lhes é mais caro e indispensável, sua identidade indígena. Esta, preservada a duras penas pelo pouco respeito que ainda se tem pelos direitos dos Povos Indígenas garantidos pela Constituição Federal, que se referem especificamente às peculiaridades desses povos, brasileiros que são, muito antes da chegada dos europeus ao Brasil.

O que tudo isso tem a ver com esta pesquisadora? Como a vida de centenas de Xerente pode interessar a alguém que não compartilha da mesma língua, da mesma cultura, das mesmas necessidades práticas e reais desse povo? A resposta é muito simples e imediata por dois motivos: primeiro, uma vez conhecendo-os, é impossível não se envolver com a causa indígena Akwfe®.

Aliás este fato é narrado na história dos Xerente, que ressalta episódios em que esse povo sempre se mostrava mais propenso ao contato com os não-índios do que os Xavante. A docilidade dos Xerente é uma característica que facilita e move o convívio com eles. Muito difícil é manter-se alheio a qualquer coisa que se refira, de alguma forma, aos seres humanos da etnia Xerente.

O segundo motivo estende-se à língua. Estudar uma língua indígena é um trabalho bastante revelador, pois possibilita observar fenômenos linguísticos talvez nunca vistos em outras línguas. Ressalvados os universais linguísticos, essas línguas apresentam aspectos gramaticais raros, apenas encontrados nas línguas do mesmo tronco linguístico. Como linguista, é natural o interesse por línguas muito diferentes das européias da família do latim ou da anglo-saxônica.

O modo como categorizam, como organizam sua maneira de falar sobre o mundo, aparece recortado nas diferentes classificações que fazem, principalmente, nas classificações nominais, já que estas são responsáveis por organizar o espaço sociocultural em que vivem e que é revelado pela língua Akwe®. Todas as coisas do ambiente xerente são marcadas no sistema linguístico do povo Akwe). A visão descritivista da língua Akwe® perpassa todo sistema de classificação nominal xerente, acentuando a função que cada morfema desempenha na composição dos itens que pretende designar.

Dessa maneira, o objetivo deste estudo é descrever o uso de raízes nominais que apresentam funções específicas de classificador, considerando para tal que o sistema de classificação nominal se estabelece em diferentes níveis gramaticais: morfológico, sintático, semântico.

Em primeira instância, o léxico Xerente se apresentou como lugar mais propício para o levantamento de dados e hipóteses de pesquisa. No entanto, no desenrolar dos primeiros levantamentos das raízes nominais e da comparação entre os dados obtidos, pôde-se perceber que alguns tipos de mecanismos de classificação de que o Xerente dispõe são mais produtivos quando considerada a interface morfologia/sintaxe/semântica, mostrada pelo uso dos classificadores nominais na língua. A referida interface é também reveladora de outros âmbitos de classificação, tais como o uso de termos de classe e de nomes de partes do corpo em função classificadora.

Para os termos de classe, é importante verificar se o léxico realmente se apresenta como a origem mais comum desses termos, já que funcionam na língua como hiperônimos de outros elementos.

No decorrer do estudo, muitas questões emergiram, como o uso de nomes em função de classificador, configurando outras funções que são também mencionadas, visando o esclarecimento do maior número possível de questões.

Todavia, é possível ressaltar que a maneira ímpar, singular, com que os Akwe® recortam a realidade da qual fazem parte está, de uma forma ou de outra, mais explícita ou menos visivelmente percebida, mas sempre pontuada por mecanismos linguísticos específicos e próprios de suas concepções de mundo, tais como os tipos de nomes que aparecem na língua, classificados de acordo com os aspectos de “possessibilidade” expressa pelos três tipos gerais de nomes xerente: alienáveis (opcionalmente possuíveis), inalienáveis e os que não podem ser possuídos.

É importante ressaltar que a base teórica que fundamenta as descrições pauta-se em paradigmas tipológico-funcionais, principalmente os que se vinculam a trabalhos de linguistas conhecidos como “funcionalistas-tipológicos” como Hopper e Thompson (1980) e também: Allan (1977); Dixon (1986); Craig (1986); Mithun (1986); Payne (1986); Nichols (1988); Croft (1994); Aikhenvald (2000a,b); Grinevald (2002); Gomes (2006), para citar apenas alguns autores.

Entretanto, um estudo linguístico que versa sobre línguas indígenas pouco documentadas não pode prescindir da contribuição de outras linhas de análise linguística, pois (se não contraditórias entre si) podem corroborar ou acrescentar apoio teórico para questões

não resolvidas pelos modelos tipológicos. A tese encontra-se organizada em quatro capítulos, descritos a seguir:

O primeiro capítulo apresenta, de maneira geral, a trajetória de alguns autores que apresentam, como desdobramento dos estudos sociolinguísticos propriamente ditos, a proposta de elaboração de tipologias sociolinguísticas como meio de compreender a situação de uma dada língua, cujo risco de extinção é, de alguma maneira, iminente. Nesse sentido, o capítulo intenta rever algumas questões concernentes à natureza da situação de contato em que se encontra a comunidade de fala (CF) Akwe®-Xerente, em relação aos usos de sua língua nos diversos domínios sociolinguísticos. Propõe ainda discussões sobre as relações entre língua e os demais âmbitos da atividade humana, pois toda reflexão sobre os fatos da língua podem significar importante contribuição para o esclarecimento de muitas questões que estão na base da formação de nomes compostos, já que os contornos dessa relação são desenhados em função dos usos que se faz da língua indígena. No item final do capítulo (1.3), descreve-se a metodologia utilizada na pesquisa.

O objetivo do segundo capítulo é traçar um quadro em que se mapeiam concepções teóricas sobre os critérios operacionais envolvidos na categorização de palavras, mais especificamente, na identificação e caracterização dos sistemas de classificação nominal das línguas para que se possa obter uma descrição mais coerente dos classificadores, termos de classe e nomes de partes do corpo em função classificadora na língua Akwê-Xerente. O capítulo faz uma revisão dos critérios morfossintáticos aplicáveis na descrição e análise das categorias.

Para o terceiro capítulo, os objetivos propostos são: resenhar algumas considerações sobre os conceitos de morfologia, além de rever alguns princípios teóricos importantes para descrição e análise dos aspectos de classificação apresentados pelos nomes em Xerente. O terceiro capítulo tem como objetivo também especificar os conceitos de nome e nome composto, diferenciando este último de sintagma nominal. Encerrando o capítulo, faz-se o levantamento dos usos dos itens “kP↔®” e “kwa” a partir de sua extensa funcionalidade na língua.

No quarto capítulo, o objetivo é descrever um grupo de raízes nominais que funcionam na língua Akwe®-Xerente como termos que organizam outros nomes por meio da observação de características que incluem aspectos de diversas ordens. Apresenta-se ainda a análise de alguns nomes inalienáveis (NI), usados em função classificadora, em consonância com critérios de natureza morfológica, sintática e semântica. Seguem, obviamente, ao corpo

do texto, as referências, o apêndice (contém a matriz fonológica usada neste trabalho) os anexos; o resumo e o sumário que antecedem o texto.

A documentação e análise de línguas vivas, especialmente das que estão ameaçadas de desaparecimento, é a maior prioridade da linguística porque a descrição dessas línguas representa uma fundamental e permanente contribuição para a fundação da Linguística.

Assim, tem-se nesta tese o objetivo de oferecer também uma parcela de contribuição para a consolidação da Linguística como ciência, pois coloca à disposição das academias a descrição de aspectos de mais uma língua indígena. Essa descrição possibilita também elucidar questões importantes para a compreensão da tipologia de línguas da família Jê, línguas que, como tantas outras, encontram-se em perigo de extinção.

Finalmente, convém reafirmar a intenção de que os resultados obtidos com a pesquisa venham a servir à sociedade xerente, contribuindo para o processo de afirmação da língua indígena, através de várias ações que possibilitem a documentação da língua, facilitando o acesso dos professores indígenas aos resultados da pesquisa, de modo a utilizá-los na preparação e execução do seu trabalho docente.

CAPÍTULO I

O PAPEL DA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA PARA A PRESERVAÇÃO DA LÍNGUA E CULTURA INDÍGENA

O gatilho para toda mudança é o contato.

Mufwene (2001)

Quando uma língua morre, um sistema de classificadores pode ser uma das primeiras coisas a ser perdida.

Dixon (1986)

Este primeiro capítulo apresenta, de maneira geral, as propostas de alguns autores para a elaboração de tipologias sociolinguísticas como meio de elucidar e compreender a situação de uma dada língua cujo risco de desaparecimento é, de alguma forma, iminente.

Assim, mesmo se tratando de um trabalho de cunho linguístico, mais especificamente de âmbito morfológico (e semântico-lexicais), rever algumas questões concernentes à situação de contato em que se encontra a comunidade¹ de fala (CF) Akwe®-Xerente, em relação aos usos de sua língua. O capítulo apresenta também um esboço do contexto sociocultural, importante para a descrição e documentação de qualquer língua que se encontre em vias de desaparecimento.

A discussão que enseja as relações entre língua e os demais âmbitos da atividade humana desempenha, em primeira instância, um importante papel face ao esclarecimento de muitas questões que estão na base da formação de nomes compostos, já que os contornos dessa relação são desenhados em função dos usos que se faz da língua indígena.

Não que as tipologias sejam suficientes para resolver todos os problemas envolvidos na questão indígena, mas podem indicar caminhos para ações em conjunto com outras áreas do conhecimento, visto que, segundo Braggio (2009, p. 81):

a situação sociolinguística, por não ser a causa, mas o seu efeito (do conflito sociocultural), mas também sua potencializadora, se não analisada, pode deixar de trazer à luz dados essenciais para que se considere uma língua vitalizada ou em processo de desvitalização.

Os estudos tipológicos sociolinguísticos têm oferecido inegáveis subsídios para a compreensão do contexto em que a língua se insere, pois indicam aspectos que imbricam a língua e a organização social do povo xerente, bem como revelam faces da situação extralinguística geradora de fatores que concorrem para o fortalecimento ou enfraquecimento da língua indígena.

¹ Em termos gerais, a palavra “comunidade” remete a duas acepções: algo que é comum, um grupo que tem algo em comum. Termo usado por Gumperz (1982) e Bloomfield (1984) – “*speech community*”. Para Romaine (1994), o conceito “*speech community*” não coincide com “*language community*”, ambos conceitos remetem à distinção feita por Saussure (1996), entre língua (*langue*) e fala (*parole*). Este estudo toma o termo “comunidade de fala” como algo que é comum a um grupo, que é compartilhado pelo grupo.

Sendo assim, este primeiro capítulo apresenta-se dividido em itens que discorrem sobre a contribuição dos estudos sociolinguísticos para o esclarecimento de questões ligadas, principalmente, à situação em que se encontram as línguas ameaçadas; traz também informações sobre o povo akwe®-xerente (aspectos socioculturais e econômicos); e no item 1.3, descreve-se a metodologia utilizada para coleta, seleção dos dados e formação do *corpus* de pesquisa.

1.1 A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

De acordo com Krauss (1992), Hale (1998), Crystal (2000), das mais de seis mil línguas existentes atualmente no mundo, entre 59 % (cinquenta e noventa por cento) delas não existirão mais até o final do século XXI.

Conforme documento da UNESCO (1996), as línguas são consideradas patrimônio imaterial da humanidade, razão pela qual o valor da perda de uma língua torna-se inestimável sob todos os pontos de vista. A situação de cada uma dessas línguas é única, é delicada e apresenta características específicas do povo que a fala. Assim, há inúmeros argumentos em favor da preservação, manutenção e, sobretudo, valorização dessa língua, seja ela falada por três pessoas apenas ou por 30 mil. O valor dela está naquilo que representa como patrimônio histórico, cultural, social e linguístico propriamente dito.

Importa reconhecer também que a Linguística, em sentido restrito, depende da diversidade linguística para o progresso de seus estudos. Segundo Hinton (2001), estudar as línguas indígenas pode apresentar-se muito importante e esclarecedor, pois possibilita a compreensão de questões de áreas da linguística histórica, dos universais linguísticos, da sociolinguística e das tipologias linguísticas, já que, em muitos casos, conhecer uma língua “diferente” faz avançar o desenvolvimento das teorias linguísticas em geral.

O desaparecimento de uma língua é considerado como parte de uma perda maior de culturas e sistemas de conhecimento, já que na língua estão codificados sistemas humanos, saberes, valores simbólicos, crenças, habilidades artísticas. Nesse sentido, com a morte de uma língua, perde-se uma significativa parcela da essência do conhecimento humano.

Segundo Hale (1992), a lacuna deixada pelo desaparecimento de uma língua é parte de um processo maior da diversidade cultural e intelectual da humanidade. A manutenção de uma língua minoritária é vista também como uma questão de direitos humanos, pois, conforme Hinton (2001), a morte de uma língua é resultado da opressão e

supressão do direito dos povos indígenas, que abandonaram suas terras e, principalmente, seu modo de vida tradicional, impelidos por forças econômicas em nível local, regional, nacional e mais recentemente, por forças mundiais globalizantes que empurram os povos indígenas para um modo de vida contrário aos valores de sua cultura.

Conquanto as línguas tenham, ao largo da história da humanidade, sempre existido e desaparecido, foi somente a partir da década de 1990, depois de uma série de publicações alertando para o problema, que os linguistas passaram a observar que a mudança e o desaparecimento² das línguas minoritárias e minorizadas estavam aumentando progressiva e significativamente.

O conhecimento³ desse fato requer um desdobramento que o equipare, talvez, às perdas biológicas associadas ao movimento ambiental tão evidente para a população em geral, mais consciente da necessidade de sustentabilidade ambiental do que da preservação das línguas das minorias étnicas que se encontram em risco de desaparecer.

Para Bastardas-Boada (2005), essas questões deveriam integrar um conjunto de concepções ecossistêmicas do fenômeno, pois se as pessoas apresentam algum grau de consciência no sentido de preservar o meio ambiente e, como tal, a diversidade biológica, por que essa preocupação também não se aplicaria ao problema das línguas ameaçadas?

Segundo Crystal (2004, p. 60), a importância da questão é geral, pois lida com as consequências de uma tendência globalizante em que forças de mercado e culturais foram liberadas, erodindo pontualmente o equilíbrio do poder linguístico. Na verdade, são forças opostas que agem, por um lado, na expansão *glottophagic*⁴ das línguas dominantes num determinado espaço geográfico e, por outro, na manutenção e desenvolvimento da diversidade linguística.

De fato, como observa Crystal (2000), as línguas não ocorrem no vácuo. Elas se acham em constante contato. Se são línguas de poder equilibrado (línguas da maioria) é possível que o contato seja benéfico para ambas, pois elas se enriquecem mutuamente, emprestando palavras e suprimindo eventuais lacunas, seja no léxico⁵, seja no âmbito pragmático, ou ainda em áreas específicas de tecnologias. Entretanto, se são línguas de poder social diferentes (desigual), o mais provável é que ocorra uma situação assimétrica em

² Para maior esclarecimento sobre a morte das línguas, bem como das causas que as levam ao desaparecimento, cf. Calvet (1998, p. 100-117).

³ Sobre os trabalhos realizados no Brasil utilizando tipologias sociolinguísticas, podem ser citados os trabalhos de Braggio (2003) com os Avá-canoeiros de Minaçu (GO); (2005) com os Xerente; (2007) acerca dos empréstimos, escolarização, migração dos Xerente e o de Garcia (2007) – Tese de doutorado sobre a situação sociolinguística dos Terena da comunidade de Ipegue.

⁴ Bastardas-Boada (2005).

⁵ Dorian (1997).

detrimento da língua de minoria étnica, que vai sendo deslocada pela língua de maior poder - Krauss (1992); Calvet (1998); Crystal (2000), (2004); Nettle & Romaine (2000), Braggio (1986), (2003), (2005).

Essas relações assimétricas entre as línguas podem levar à mudança ou perda da língua minoritária, pois se nada for feito no sentido de engrossar o coro de vozes que se põem a serviço da elucidação das causas do desaparecimento das línguas, será muito difícil resolver ou amenizar os efeitos desse conflito, o que acarretará, fatalmente, a extinção da língua e cultura desses povos.

Uma comunidade de fala quando observa esses fatores e percebe que sua língua corre risco de desaparecer, pode fazer algo para reverter a mudança e introduzir medidas que possam (re)vitalizá-la. Ocorre, assim, o que Crystal (2004) chama de *bottom-up*, i.é, os próprios falantes querem a preservação da língua, mas é preciso haver também *top-down*, ou seja, os governos, tanto local quanto regional, precisam interessar-se pela revitalização da língua nativa e apoiar programas de pesquisa com esse objetivo.

Dessa maneira, qualquer alteração no ecossistema produz efeitos danosos para as comunidades indígenas, uma vez que essas comunidades construíram um sistema de valores simbólicos e de subsistência intimamente ligado à natureza, ao bioma específico que lhes serve de sustentação.

No que se refere aos Xerente, a instalação da Usina Luis Eduardo Magalhães no município de Lajeado em 2001, por exemplo, afetou profundamente o ecossistema, alterando a biodiversidade da fauna e flora típicas do cerrado, pois grande parte dessa diversidade sucumbiu debaixo das águas. Esse fato atingiu sobremaneira os pilares de sustentação de muitas das formas indígenas de subsistência e, inevitavelmente, sua língua e cultura.

O ritual de nominação (ou nomeação), importante para o modo de vida xerente, sofreu perdas drásticas em relação à maneira como cada pessoa recebe um nome para a vida toda, pois o nome é dado tendo como referência um elemento da natureza, as qualidades de um animal, ou características de plantas ou outros seres da cultura.

A própria maneira como o povo xerente classifica linguisticamente o objeto do mundo físico pode modificar-se em decorrência da alteração que um objeto do mundo físico venha a sofrer ou mesmo desaparecer. Perde-se a referência com relação ao tamanho, à forma, à consistência, à cor, à utilidade ou à função. Se um objeto desaparece, leva com ele muito do acervo cultural a que estava de alguma maneira relacionado. Em outras palavras, o “espírito” desse objeto deixa de existir, cessa sua interferência na maneira como o povo simboliza as coisas do mundo. Perde-se o lugar destinado a ele dentro do conjunto de hábitos e costumes.

Os Xerente estão sendo cada vez mais pressionados porque suas terras encontram-se no caminho da expansão econômica do Estado do Tocantins, haja vista a proximidade com a capital Palmas e os efeitos de inúmeros programas de aceleração do crescimento econômico e de infraestrutura dos governos estadual e federal.

Segundo Braggio (1999), a pressão do contato é sentida pelos Xerente como uma perda paulatina de seus direitos de povos minoritários e, de certa forma, minorizados. Um exemplo disso pode ser verificado na intensa migração das aldeias para o espaço urbano de Tocantínia, a cidade mais próxima. A situação demográfica, geográfica e, naturalmente, geopolítica dos Xerente vem sendo mudada sensivelmente.

A pressão externa⁶, geradora e potencializadora de conflitos internos fez com que as aldeias se multiplicassem. Em outubro de 2004, havia 47 aldeias, em 2009, 57 para praticamente o mesmo número de indivíduos, isto é, em torno de 3100 pessoas.

Braggio (2004, p. 4) ressalta que os próprios Xerente apontam esse fato como uma estratégia de sobrevivência, “ocupar a terra para não perdê-la, dividindo-se”. Evidentemente, o conjunto desses fatores atuando juntos desencadeia conflitos internos tais como brigas entre os clãs e lideranças, o que contribui para o enfraquecimento das relações sociais entre eles, afastando-os de muitas atividades culturais perpetuadas socialmente⁷.

Um aspecto salientado por Fishman (1972), Romaine (1994), Crystal (2000) é sobre a importância da transmissão da língua para gerações seguintes (intergerações) que ocorre no domínio casa-família. Os autores enfatizam também a importância de se manter esse domínio intacto para a vitalidade da língua.

Dessa forma, com a elaboração de tipologias é possível verificar o grau de vitalidade da língua. Edwards (1992), Grenoble & Whaley (1998) propuseram modelos de tipologias ancorados na elucidação de problemas arrolados sob dois grupos de variáveis: as macrovariáveis e as microvariáveis. Enquanto as macrovariáveis indicam aspectos que aparecem através de um largo número de situações como demografia, história do grupo,

⁶ Macrovariáveis de acordo com Grenoble & Whaley (1998).

⁷ Tais como as festas: Dasi@pe – Festa de dar nomes (nomação); Kuprê – Homenagem aos mortos; Padi – Tamanduá Bandeira; corrida de Toras de Buriti. Segundo Schoeder (2006, p. 66), a festa indígena que os Xerente chamam de Dasîpsê, dura 7 a 10 dias, com uma seqüência padrão de atividades, em que se destacam a nomação feminina e masculina, as danças de pajé, as corridas de tora pequena e grande. As associações masculinas – dakrsu - podem propor atividades como a saída do Padi (Tamanduá), a imposição de alguns nomes femininos que permitem sofisticções, agregando performances extras; e, ao longo dos dias, inúmeras competições e brincadeiras fazem parte do programa. Dasîpsê é a forma eminente de se autorrepresentar, ao condensar um conjunto de atividades rituais que se sucedem e se entrelaçam num curto espaço de tempo. Para afirmar um modo próprio de ser, recordar como era, para não esquecer como deveria ser, para mostrar e ensinar aos mais novos, aos visitantes etc. são estes múltiplos sentidos e sentimentos que compõem o clima da festa.

geografia, educação, religião entre outros, as microvariáveis concernem às características lingüísticas propriamente ditas, específicas de cada comunidade de fala.

Braggio (2009, p. 83), a partir da tipologia de Edwards (1992) e de Grenoble & Whaley (1998), aponta três variáveis extralingüísticas que considera cruciais para o conflito sociolingüístico na comunidade de língua akwe®-xerente: “a dispersão do povo xerente dentro da sua área, a migração e a escolarização, e a influência desses fatores no uso, percepção e atitudes conferidos à língua nativa e, em última instância, no deslocamento ou perda da língua.” Essas propostas⁸ são extremamente complexas e visam o desvelamento de uma situação sociolingüística específica utilizando os empréstimos como foco de análise.

Em relação aos empréstimos, é importante ressaltar também a contribuição do trabalho de Mesquita (2009): *Empréstimos Lingüísticos do Português em Xerente Akwe®*; que, em síntese, identifica quatro tipos de empréstimos: por criação, os *loanblends*, os que apresentam adaptações fonético-fonológicas e os empréstimos diretos (tomados diretamente do Português, sem sofrer nenhuma modificação). Os resultados apontados pela pesquisa de Mesquita revelam e dimensionam em termos lingüísticos muitos aspectos sociolingüísticos da situação em que se encontra a língua indígena face às situações de contato com o Português. A pesquisa revela também várias facetas de um conflito decorrente de relações assimétricas de poder político, econômico, cultural comum entre povos de poder desigual.

Para Mesquita (2009), não se pode desvincular os empréstimos das atitudes dos falantes nem das políticas lingüísticas adotadas, pois eles tanto ajudam a dimensionar o grau de vitalidade da língua indígena, como compreender a atuação de diversas variáveis (extralingüísticas) potencializadoras da intrusão da língua akwe®-xerente pela língua portuguesa.

Braggio (2009) considera que, tanto os empréstimos, como os processos fonológicos podem atuar em processos de vitalização da língua ou, em sentido contrário, como variáveis de sua obsolescência.

Quanto aos processos fonológicos na língua atual⁹, Braggio (2004) cita entre outros fenômenos: apagamentos de vogais à direita do núcleo silábico, quando em palavras com mais de uma sílaba; apagamentos consonantais em substantivos no *onset* silábico; *coda* em final de palavras usualmente não preenchidas (*coda* $\emptyset$); enfim está ocorrendo um processo

⁸ Braggio (2003) cita outras leituras igualmente necessárias à realização de um estudo tipológico sociolingüístico: Hale (1998); Krauss (1992), (1996); Hinton (2001).

⁹ Observadas as variáveis de idade entre três gerações.

de reestruturação silábica da sílaba¹⁰ padrão CV (wa ‘papagaio’) para outros tipos silábicos: CCV (kbarê ‘pequi’); CCCV (tbro ‘atravessar’), CCVC (prumkwa ‘repartidor’), para citar apenas alguns.

Entre os estudos realizados sobre a língua e o povo xerente convém citar um dos primeiros trabalhos com enfoque linguístico sobre a língua xerente: o trabalho de Mattos (1973) sobre a fonologia da língua. Esse estudo possibilitou o estabelecimento de uma ortografia da língua, a qual é usada pelos xerente, até hoje na alfabetização e em traduções. Muitos outros aspectos verificados em trabalhos anteriores sobre o Xerente representaram um passo a mais no sentido de conhecer e preservar a língua e a cultura deste povo. Podem ser citados ainda: Braggio (2004), Grannier e Souza (2005) e Souza (2008), que apontam a ocorrência de alguns fenômenos fonotáticos que estão na base de processos fonológicos que se encontram em curso na língua, uma vez que Mattos (1973), há aproximadamente 37 anos, já alertava para o rápido movimento rumo à mudança pela qual a língua akwê-xerente vinha passando.

Essa mudança integra as preocupações do Projeto Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas: Documentação (descrição e análise) e Tipologias Sociolinguísticas (o LIBA), projeto interinstitucional – UFG e UnB, cuja coordenação cabe à Profa. Dra. Silvia Lúcia Bigonjal Braggio e do qual participa a autora desta tese.

As pesquisas desenvolvidas pelo LIBA (sejam sociolinguísticas ou de descrição no âmbito linguístico gramatical) têm oferecido importante contribuição ao Xerente, pois oferecem subsídios teóricos acerca da situação em que se encontra a língua. Assim podem ser usados como um meio de se pensar na elaboração de programas, principalmente educacionais, que possam auxiliar na preservação da língua e da cultura akwê-xerente.

Para tanto, os seguintes estudos constituem-se em um passo necessário para o conhecimento mais amplo da língua em questão: a maioria dos trabalhos sobre a língua xerente preocupa-se em enfocar aspectos sociolinguísticos, cf. Braggio (1992), (1997), (1999), (2005), (2007), (2009); Sousa Filho (2000), Vieira (2005), Mesquita (2006), (2009); há também alguns trabalhos que se ocupam de questões lingüísticas nos âmbitos da morfologia, da sintaxe e do léxico. Entre eles podem ser citados o Dicionário Escolar Xerente-Português; Português- Xerente, de Krieger e Krieger (1994); o estudo morfológico da expressão de posse, de Siqueira (2003), (2007), (2009), e o estudo de aspectos

¹⁰ Descritos no item 3.2.1.1 deste estudo.

morfossintáticos do Xerente, de Sousa Filho (2007) e outro mais recente, Sousa Filho (2009), sobre a aquisição do Xerente pela criança.

Há outros que objetivam realizar descrições da fonética/fonologia da língua xerente, seguindo a abordagem dos modelos de análise fonológica lineares. Entre esses trabalhos, é importante citar mais uma vez o de Mattos (1973). Convém salientar que grande parte dos estudos propriamente linguísticos acerca da língua Xerente anteriores a 2003, são de Braggio (1999), todos numa abordagem sociolinguística.

Dessa forma, não é demais afirmar que todos os estudos acerca da situação sociolinguística das línguas ameaçadas vêm preencher lacunas importantes no sentido de, cada vez mais, elucidar aspectos da realidade sociolinguística do povo xerente, oferecendo subsídios para que novos estudos sejam feitos. Assim, as propostas de qualquer estudo face às variáveis, tanto linguísticas quanto as que se encontram na base das redes sociais, políticas, econômicas, demográficas, ambientais, educacionais que envolvem e caracterizam a natureza dos contatos entre os Xerente e a sociedade envolvente, podem oferecer dados importantes sobre fatores que podem tanto retardar como acelerar o processo de obsolescência da língua indígena.

As tipologias sociolinguísticas são instrumento imprescindível para elucidação de todas as questões envolvidas na tarefa de descrever, documentar e analisar a situação de dada língua ameaçada, pois oferecem condições para se conhecer os fatores mais importantes que concorrem para a extinção da língua indígena e também para a análise da comunidade, auxiliando na sobrevivência dos povos indígenas, pois encaram a diversidade lingüística como um bem da humanidade capaz de resguardar a singularidade de cada cultura, cada grupo, cada pessoa, em toda sua subjetividade irrepetível.

Nesse conjunto de ações e medidas é que se insere este estudo, ou seja, é acreditando que qualquer proposta de estudo que veja na língua indígena uma forma de sustentação e manutenção do próprio povo que a fala já traz em seu bojo algum tipo de contribuição. Nesse sentido, descrever o sistema classificador nominal da língua akwe®-xerente, no que diz respeito ao uso de classificadores nominais, nomes em função classificadora e termos de classe, pode elucidar muitas questões ainda obscuras, não só da língua xerente, mas da linguagem humana de uma maneira mais ampla, fomentando discussões acerca de como o ser humano simboliza, classifica, categoriza os objetos do mundo usando sua língua.

1.2 O POVO AKWÊ-XERENTE

O povo xerente compreende, atualmente, 3100 pessoas que se autodenominam Akwe® e vivem tanto na região¹¹ da cidade de Tocantínia, em 57¹² aldeias como na própria cidade, o que aponta para um contingente urbano em torno de 300 pessoas.

Artiaga (1947), ao estudar os povos indígenas que viviam no território que hoje compreende os Estados de Goiás e do Tocantins, ressalta que o termo “akuem”, pelo qual os Xerentes são conhecidos designa “o mais notável”, “gente”, o que revela o orgulho do povo xerente por sua identidade étnica que os faz diferentes dos demais povos.

As informações históricas sobre os Xerente são comumente associadas à história do povo xavante (outro grupo indígena da família Jê). Na verdade, muitos documentos dão conta de que ambas as sociedades formavam, num determinado período, um só povo. Ribeiro (1982) informa que os dois grupos formavam uma só nação, o que vai ao encontro da hipótese de que, num passado remoto, os Xerente e outros povos formavam um povo, a nação Jê¹³. Câmara Jr. (1959) e Rodrigues (1986) compartilham a ideia de que os povos Jê, juntamente com outros povos, constituíam uma única nação indígena e falavam assim uma só língua, uma protolíngua, denominada Macro-Jê.

Sobre a separação entre Xavante e Xerente, os estudos não oferecem uma nítida distinção entre Xerente e Xavante. Esses povos eram habitantes de uma mesma região, porém em aldeias diferenciadas. Para Nimuendaju¹⁴ (1942) apud Guimarães (1996), houve uma cisão entre os dois grupos que falavam essencialmente a mesma língua e tinham costumes comuns, distinguindo-se apenas no sentido político e espacial. Em 1850, os Xavante teriam se dirigido para o oeste, atravessando o Araguaia, enquanto os Xerente permaneceram definitivamente em ambas as margens do Rio Tocantins. A partir de 1859, as citações fazem distinção entre os dois grupos, Xavante e Xerente.

Há, entretanto, relatos diferentes que oferecem versões diferenciadas para a cisão entre Xerente e Xavante. Ribeiro (1982), por exemplo, atribui às constantes situações de contato interétnico com não-indígenas por parte dos Xerente, a divisão entre os dois grupos. O termo Xavante identificou um grupo que em 1824, migrou da bacia do Tocantins para os

¹¹ Vivem nas terras indígenas Xerente, demarcadas e homologadas, abrangendo 183 000 hectares, divididas em PI Funil e PI Xerente, terras típicas de cerrado, no espaço chamado Amazônia Legal (Anexo B – Mapa 2).

¹² Número informado por Márcio Xerente.

¹³ Do ponto de vista geográfico, os povos da família linguística Jê são classificados como Setentrionais (os Kayapó, os Timbira, os Suyá, os Kren-akarore ou Panará), como Centrais (os Xerente, os Xavante e os Xakriabá, também conhecidos como Akwẽ/Auwe®) e os Jê Meridionais (os Kaingang e os Xokleng).

¹⁴ Cf. Anexo B, mapa 4.

campos do Rio das Mortes, no Mato Grosso. E o Xerente, grupo que se fixou na margem direita do Tocantins, revelou mais disposição para conviver com os ditos “civilizados”.

A respeito da separação entre Xerente e Xavante, o falecido¹⁵ cacique Izaque Simmãkru Xerente fez um relato interessante que explica de outra maneira a divisão entre esses dois grupos.

Segundo o cacique Izaque, Xerente e Xavante eram uma coisa só, viviam todos espalhados por muitas aldeias, falavam uma língua só e tinham entre si costumes muito semelhantes. Havia, naquela época, um fazendeiro dono de largas terras e criador de muitas cabeças de gado. Esse fazendeiro, sob o pretexto de selar a paz, ofereceu aos índios uma enorme festa, com muita bebida e muita comida. Os índios se embebedaram em tanta fartura, mas, num determinado momento da festa, os “brancos” começaram a atirar nos índios e estes, muito assustados pelo ataque inesperado, fugiram dali às turbas. Desorientados, chegaram a um rio imenso, mas raso (o Araguaia). Empreenderam então a travessia do rio, mas antes de atravessá-lo totalmente, bem no meio do rio, surgiu um bicho enorme, gigantesco até, o boto. Os índios ficaram apavorados. Muitos voltaram, os Xerente; e muitos conseguiram atingir a outra banda do rio, os Xavante. Assim consolidou-se a separação entre os Akwe® e os Auwe®, Xerente e Xavante, respectivamente.

O relato, portanto, não menciona uma cisão política entre os dois grupos, mas oferece outra versão para justificar a divisão que resultou na diferenciação da cultura desses dois grupos. Dois povos com línguas, costumes e cosmovisão diferentes.

Sob outro prisma, Luz (2005) salienta que a história do povo Akwe®-Xerente pode ser dividida (a partir de documentos, atas, cartas e estudos etnográficos) em cinco fases. Seguindo essa divisão, Luz op. cit. caracteriza a primeira fase como pré-etnográfica, haja vista a ausência de trabalhos especificamente voltados para o estudo etnográfico dos grupos indígenas. As informações dessa fase baseiam-se em documentos, atas, correspondências oficiais, cartas e notas em livros.

O etnógrafo Curt Nimuendaju abre uma segunda fase dos estudos etnográficos acerca do grupo “The Sherente”. As pesquisas de Nimuendaju contam com registros realizados entre os anos de 1930 e 1937. Constitui o trabalho etnográfico mais completo realizado sobre os Xerente e a única referência desse período. Já o trabalho de Maybury-Lewis refere-se ao período de 1955 e 1956, ano em que o casal permaneceu com os Xerente e cujo relato baseia-se no seu diário de campo e em reflexões de cunho antropológico sobre,

¹⁵ O cacique Izaque Simmãkru Xerente faleceu no início de 2009. Quem responde oficialmente pela aldeia atualmente é seu filho Márcio Xerente, um dos colaboradores desta pesquisa.

evidentemente, o modo de vida desse povo. Pode-se afirmar que esse período marca uma terceira fase sobre a etnografia do grupo.

A quarta fase de é caracterizada pela ausência de estudos sobre o povo xerente; num período que abrange, praticamente, as décadas de 1960 e de 1980, incluindo os estudos de Silva e Farias (1992). A partir do final do século XX, entretanto, registram-se muitos estudos sobre questões de impacto ambiental causado pela instalação de hidrelétricas e os efeitos sobre as esferas etnoambientais e socioeconômicas. Esses fatos fazem parte de um conjunto de ações governamentais de consequências para a sobrevivência da cultura xerente, ainda não totalmente dimensionadas. Em relação aos estudos de caráter acadêmico, destacam-se os trabalhos mencionados no item 1.1 deste capítulo.

Importante também frisar que dados fornecidos por Guimarães (1996) fazem referência a um processo de redução populacional dos Xerente, decorrente da expansão da frente colonizadora nacional e seu caráter importante de conquista de território e dominação social. Já bastante reduzidos populacionalmente, os Xerente somavam 4000 pessoas em 1824; em 1890 eram 1360; em 1929, 800; reduzidos a 350 pessoas em 1957. Em 2000, conforme dados do Instituto Sócio-Histórico, os Xerente contavam com 1814 pessoas, mas dados não oficiais da Associação Indígena Xerente de Tocantínia estimam uma população acima de 3000 pessoas¹⁶.

Ribeiro (1983) revela que esses índios viveram na região do Tocantins sob constantes ameaças da população sertaneja que invadia seus campos de caça.

Segundo Braggio (2004), a invasão das terras indígenas xerente pelos não-indígenas ainda é bastante frequente, não só pela facilidade de acesso a essas terras proporcionado pela construção da hidrelétrica Luis Eduardo Magalhães, como pela consequente mudança no modo de produção e sustentação xerente. O que faz parte, aliás, de um movimento maior de devastação geral das terras do cerrado pelas lavouras mecanizadas de arroz, milho e principalmente, soja, tornando-as improdutivas num período pouco superior a cinquenta anos. Para Braggio (2004, p.7), “o que hoje pode parecer um benefício, as lavouras de arroz e milho mecanizadas nas terras indígenas xerente, no futuro poderá ser um golpe fatal na economia desse povo e em tudo mais que isso acarreta.”

Mediante o que foi exposto, e somando-se ao estudo de Farias (1990), é possível afirmar que toda a história região norte do antigo Estado de Goiás esteve caracterizada pela presença dos Xerente até a criação da nova capital do Estado do Tocantins, fato que colocou

¹⁶ O número apontado por Braggio (2004), Sousa Filho (2007), Mesquita (2009) e outros é de 3100 pessoas.

os Xerente geograficamente próximos às decisões políticas e econômicas do Estado do Tocantins, mas por outro lado, de certa forma, também os coloca estrategicamente no “caminho” do ambicionado (e talvez inevitável) progresso econômico da região.

Conhecer todas as questões em que os Akwe®-Xerente estão (nem sempre por vontade própria) envolvidos requer dos pesquisadores ou interessados a união de esforços para entender, em profundidade, as causas que envolvem as minorias étnicas do país, procurando meios para auxiliar na preservação de sua língua, de sua cultura e da diversidade que representam. Essa tarefa não cabe a uma instituição somente, mas a todas as esferas das ações humanas, já que a preservação da diversidade está estreitamente ligada à preservação da vida.

1.2.1 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E ECONÔMICOS

Os Xerente, assim como os demais integrantes da família Jê, desenvolveram uma organização social complexa que obedece a um sistema de clãs patrilineares e constitui-se numa sociedade com princípio da dualidade, isto é, tem como critério ordenador a antítese ou a oposição mediada. Conforme Farias (1990), os Xerente se organizam em duas metades: Wahirê e Doí e os clãs patrilineares se distribuem vinculados a essas duas metades.

Segundo o professor Domingos Xerente¹⁷, o pertencimento a um desses clãs é determinado por linha paterna, os filhos pertencem ao mesmo clã do pai. O indivíduo, portanto, nasce fazendo parte de um clã e será diferenciado pelo nome que terá e pelos adornos e pinturas corporais que poderá usar.

Em trabalho anterior, esta pesquisadora teve oportunidade de presenciar a preparação¹⁸ da tinta e a pintura corporal nas crianças da aldeia, tarefa feita pela filha mais velha do casal de professores, Patrícia. Nesse momento, o Prof. Domingos esboçou no caderno as pinturas relativas aos diferentes clãs, ainda ativos. E que, segundo ele, constituem a organização sociopolítica dos Xerente, a saber: Kuzâ, Krozake, Wahirê, Krito e Kbazi. Sousa Filho (2007, p. 45) cita “Krozakeisaptore (ou Krozakekrarê, Krozoketmoprumrê, Krozakeisrurê ou Krozake), Krozaketopa (ou Itopa ou Krozakeaured), e Kremprehi que se vinculam à metade Wahirê. Vinculados à metade Doí os clãs são: Kuzâ (Kunmã), Kbazi (ou Isrô) e Isibdu (ou Krito).

¹⁷ Siqueira (2003, p. 15).

¹⁸ Idem.

Ainda sobre a organização política, pode-se constatar que o cargo de chefia não é vitalício; essa tarefa cabe ao líder que tiver mais partidários ou que for bastante astuto para aproveitar em seu favor a rivalidade entre os clãs. Normalmente, o líder pertence à facção mais poderosa da aldeia. Mesmo morando na cidade com a família, a liderança da aldeia Vão Grande cabe ao filho mais jovem do cacique Izaque, Márcio Sromne® Marinho Xerente. Ele responde oficialmente pela aldeia.

Para Farias (1990), a compreensão da sociedade xerente contemporânea depende do estudo das relações entre as diversas aldeias espalhadas¹⁹ pelo território xerente. As relações sociais e cerimoniais existentes entre grupos de aldeias são responsáveis por evidenciar a coesão estrutural, responsável pela unicidade de sua organização social.

Quanto à disposição espacial das aldeias, há algumas diferenças entre os relatos de Nimuendaju (1942) e Farias (1990). Para aquele autor, as metades se distribuíam a norte e sul da aldeia, formando uma “ferradura”, de modo que, assim, os clãs ficavam um diante do outro. Para Faria (1990) e Sousa Filho (2007), os Xerente se organizam, atualmente, em linhas ou círculos e não há, como mencionava Nimuendaju, uma casa reservada ao ritual de iniciação à vida adulta dos rapazes.

A aldeia Vão Grande, local onde foi realizada parte desta pesquisa, tem essa configuração espacial, isto é, a disposição das casas forma um semicírculo. A aldeia localiza-se às margens do Ribeirão Nrôte Wdê hu ‘muitos pés de naja’, 30 quilômetros ao norte de Tocantínia. Possui acesso fácil cuja estrada, segundo seus moradores, foi aberta a machado pelos próprios índios, mas mesmo assim, é uma estrada que oferece boas condições de rodagem.

A aldeia é relativamente pequena, com aproximadamente 50 pessoas, constituindo oito famílias. As casas, em sua maioria, têm cobertura de palha de buriti, mas não são de alvenaria como em algumas aldeias. O interior é dividido em 01 quarto maior, uma sala e dois cômodos menores (quartos). O fogão fica fora da casa, numa espécie de extensão (puxado). Essa aldeia, como as demais, foi beneficiada pelo programa do governo federal “Luz para Todos”. A energia elétrica (maio de 2009) já havia sido instalada na aldeia, mas ainda não tinha sido ligada.

A aldeia conta também com uma roça diversificada a poucos metros das casas. São plantações de melancia, mamão, arroz, mandioca e cana, além da criação de peixes que dão sustento para as famílias. A aldeia faz parte do Programa de Compensação Ambiental

¹⁹ cf. Anexo B – Mapa 3.

Xerente – PROCAMBIX – criado em 2002 para atenuar os impactos ambientais causados pela hidrelétrica Luis Eduardo Magalhães²⁰. O programa atingiu 2500 pessoas. Abrange 14 projetos que vêm sendo desenvolvidos durante os últimos sete anos. São atendidas as duas Terras: a TI Funil e a TI Xerente (aproximadamente 167 mil hectares). Márcio Sromne® Marinho Xerente, colaborador deste estudo, trabalha no programa como técnico agrícola. No entanto, é importante reafirmar, assim como Braggio (2004), o que hoje parece ser um benefício pode significar, no futuro, um golpe na manutenção do modo de vida Xerente. Não se trata de visões pessimistas, mas das incertezas em relação à causa indígena de uma maneira geral.

Há outras instituições com sede em Tocantínia ligadas ao PROCAMBIX, à FUNAI e à FUNASA. A Associação Indígena Akwe® e a Associação Indígena Xerente foram criadas com o objetivo de gerenciar junto aos órgãos oficiais as ações desenvolvidas pela FUNAI E FUNASA.

Os Xerente se encontram, de certa forma, envolvidos em inúmeras atividades tanto em Tocantínia, quanto em Miracema do Tocantins. Com a circulação dos ônibus coletivos, aumentou o trânsito entre as aldeias e as cidades. O fluxo deles pelas ruas, praça, comércio dessas cidades é intenso, muitas vezes por necessidades como tratamento de saúde, recebimento de vencimentos de aposentadorias ou mesmo salário, pela participação em atividades recreativas como jogos de futebol, pela venda de artesanatos e, é claro, pelos jovens que estudam nas escolas da cidade. Eles têm participado intensamente das atividades políticas da região, vêm conseguindo eleger vereadores desde 1992. No último pleito (2008), elegeram dois vereadores, Alexandre Chapazane Xerente e Ivan Suzawré Xerente.

Em 2002, à época da realização do mestrado de Siqueira, na aldeia havia uma escola que funciona num rancho aberto (sem paredes) coberto de palha. Naquela época, um prédio novo para abrigar a escola estava em construção. Atualmente, a nova escola de alvenaria apresenta-se em boas condições de funcionamento. O professor da aldeia, até recentemente, era Domingos Simmã Xerente. As atividades docentes, atualmente, estão a cargo de sua mulher a professora Gildilene. Eles são cunhados da colaboradora desta pesquisa Hirêki (Elza) da Mata de Brito. Ambos participam do Projeto de Formação para Professores Indígenas do Tocantins, são bilíngues e procuram alfabetizar seus alunos, primeiramente em

²⁰ Construída a 15 quilômetros da Terra Indígena e mesmo estando fora da área demarcada pela Fundação Nacional do Índio (Funai), essa usina causou enormes impactos sobre a vida do povo xerente, inclusive alterando o curso do rio Tocantins, usado por eles para pesca e irrigação das plantações.

Xerente, seguindo-se a aprendizagem do Português. Esse tópico é comentado a seguir, no próximo item.

1.2.2 O CONTEXTO SOCIOLINGUÍSTICO: O PAPEL DA ESCOLARIZAÇÃO

Um dos índices mais fidedignos da situação (se vitalizada ou em processo de obsolescência) sociolinguística de comunidades bilíngues constitui-se da observação do processo de aquisição de línguas pelas crianças dessa comunidade, já que, durante tal processo, as situações de uso e como a língua se mantém na comunidade são evidenciados na fala da criança, uma vez que ela vai adquirir a variedade linguística do grupo social que lhe é mais próximo.

Assim, numa comunidade bilíngue, observar como ocorre a aquisição de ambas as línguas pela criança e, posteriormente, da língua escrita (lectoescrita), apresenta-se essencial para verificar o grau de vitalidade da língua nativa, se vitalizada ou se, como verificou Braggio (1997) e Mesquita (2009), as crianças, em fase de aquisição, vêm usando, com mais frequência, empréstimos e *codeswitching* em suas falas, como se fossem palavras da língua nativa. De fato, quanto maior o contato e quanto mais exposta estiver a criança à língua portuguesa, aumentam as oportunidades de ela adquirir, simultaneamente, a língua Akwe®-Xerente e o Português.

Em outras situações, a criança apenas teria contato com a segunda língua na escola, durante o processo de alfabetização. Na melhor das hipóteses, deveria ser proporcionado à criança (por volta de seis e sete anos), considerando o contexto de bilinguismo em que vivem os povos indígenas, uma educação escolar pluralista e intercultural, valorizando a sua língua e a sua cultura, suporte necessário para posterior aquisição do português escrito, como segunda língua, sem deslocar sua língua nativa.

Sousa Filho (2000) verifica que em algumas aldeias o contato e a proximidade com a cidade de Tocantínia configuram fatores que intensificam o conflito entre as famílias sobre qual língua deverá ser adquirida em primeiro lugar.

Segundo Sousa Filho (2000), dentro de núcleos familiares, alguns membros entendem que o Português deve ser a primeira língua (L1) da criança, pois acreditam que só assim ela, a criança, poderá compreender melhor a sociedade circundante, o que vai de encontro à valorização da língua xerente, à transmissão da cultura e à continuação dos

Akwe® como povo, único e singular. Nesse aspecto, a estrutura familiar representa um fator preponderante já que vai consolidar as decisões em relação às escolhas linguísticas que se faz.

Na sociedade xerente atual, os grupos familiares maiores formados - além do núcleo pai, mãe e filhos - por irmãos, sobrinhos e outros agregados, vão cedendo lugar à composição de estrutura familiar nuclear. Nas famílias que migram para a cidade, essa composição é bastante comum, substituindo o modelo de família patrilinear pelo patriarcal. Os espaços discursivos dos quais a criança participa, a despeito dos pais optarem pela aquisição do Xerente como primeira língua, vão sendo tomados pela língua majoritária, o português.

Na cidade, as crianças xerente vivem, na maior parte do tempo, uma rotina de não-índigenas. Imersos em outra cultura, ouvem músicas, veem televisão, saem às ruas, brincam na praça, comem alimentos prejudiciais não só a uma criança índia, mas a qualquer criança, haja vista os hábitos alimentares pouco saudáveis do brasileiro de uma maneira geral. A criança xerente fica exposta e realmente ingere doces, roscas, chicletes, sorvetes, alimentos fritos e muito condimentados, gorduras etc. Durante uma parte desta pesquisa, foi possível presenciar, algumas vezes, crianças índias consumindo doces, pirulitos, batatas fritas, oferecidos pelos próprios pais.

De acordo com Braggio (2009, p. 87), na cidade, “a língua xerente akwén fica reduzida ao espaço da casa, pois o português vai invadindo quase mesmo invisível, aquele nicho onde a língua está escondida [...]”. De fato, na casa dos colaboradores deste estudo, Márcio e Elza, com os filhos²¹ só conversam em Akwe®-Xerente, mas as crianças estudam em uma escola pública da cidade que não oferece o ensino da língua indígena. Estão também expostas aos programas da televisão, assistem a vídeos de filmes infantis norte-americanos (dublados em língua portuguesa). A mãe, entretanto, tem consciência de que a língua indígena tem de ser valorizada e preservada. Pensando assim, pretende que, futuramente, quando os filhos estiverem mais velhos, estudem no CEMIX, Colégio Estadual de Ensino Médio Indígena Xerente, inaugurado em 2006.

Considerando a complexidade e profundidade de todos esses conflitos é necessário pensar no papel da educação escolar. Que ações positivas a escola tem empreendido para assegurar às crianças indígenas uma educação fundamentada em políticas linguísticas sérias e verdadeiramente envolvidas na vitalização dos valores culturais do povo xerente?

²¹ O casal tem três filhos: um de seis, outro de cinco anos e um bebê de um ano de idade.

Na verdade, a questão escolar indígena é um tema extremamente complexo para ser tratado nas poucas linhas deste item. O objetivo, neste momento, é ressaltar que cabe à educação escolar papéis importantes para a vitalidade da língua xerente, desenvolvendo programas educacionais fundamentados em concepções sociais, culturais, políticas, simbólicas advindas (perpetuadas) da intrínseca relação entre sua etnia indígena e sua forma de conceber e recortar a realidade.

A educação escolar, como instituição alheia à realidade étnica em que vivem esses povos, deve pensar a língua indígena como um bem imaterial em que a terra, a água, o céu, os bichos, as plantas, os seres em geral, fazem parte de sua cosmologia, inserem-se e principalmente, materializam-se na língua²².

Sem entender esses problemas, os impactos causados pela escolarização atuarão negativamente como uma das macrovariáveis, na direção do deslocamento, ou mesmo do desaparecimento da língua indígena. Braggio (1986), ao longo desse tempo, tem apontado para a gravidade da situação, desenvolvendo projetos e orientando estudos de alunos da graduação e da pós-graduação sobre o tema: Braggio (1992), (2000), (2005); Sousa Filho (2000), (2007); Vieira (2005); Mesquita (2009) entre outros, com o intuito de estabelecer programas educacionais mais condizentes e específicos, sobretudo, a partir de descrição e documentação linguísticas, sejam descrições do contexto sociolinguístico ou extralinguístico, sejam descrições gramaticais de fatos linguísticos encontrados em Akwe®-Xerente, como é o caso do presente estudo.

Em síntese, a respeito da estrutura²³ educacional escolar xerente, pode-se destacar que na maioria das aldeias, aproximadamente 80% delas, há unidades escolares, cuja alfabetização pauta-se em propostas de educação bilíngüe xerente-português, desenvolvidas por professores indígenas que, em sua maioria, vêm participando dos Cursos de Formação de Professores Indígenas do Estado do Tocantins desde 1991. Há salas de aula para turmas que vão desde a alfabetização ao atual 5º ano do Ensino Fundamental. Quando os jovens pretendem continuar os estudos (6º ano em diante), podem estudar no CEMIX ou têm de ir para a cidade estudar em escolas ditas regulares.

O CEMIX oferece vagas a partir do 6º ano até o Ensino Médio, está localizado dentro da área xerente e conta com um número de matriculados em torno de 230 alunos. Os professores indígenas são responsáveis pelas aulas de Educação Física e Arte e Cultura.

²² Para Enfield (2002), os sistemas de classificação nominal vistos sob a ótica das teorias linguísticas funcionais complementadas pelos estudos etnossintáticos oferecem alguns indicativos que coadunam essa hipótese.

²³ cf. Anexo A.

Desafortunadamente, as aulas de língua xerente não são incluídas no currículo como uma disciplina. Professores não-índios ministram as demais disciplinas.

Muitos alunos, no entanto, estudam em Tocantínia, nas três escolas oferecidas pelos sistemas públicos de educação. Convém ressaltar que nas escolas da cidade não há uma atenção especial à diversidade que uma etnia indígena requer. Os Xerente não recebem uma educação diferenciada que contemple as diferenças étnicas.

Em vista disso e de tantos outros fatores que envolvem a questão indígena no país, provavelmente, torna-se necessário a realização de um número inesgotável de pesquisas linguísticas, já que, retomando Dixon (1986), quando uma língua se encontra ameaçada de desaparecimento, alguns sistemas linguísticos (pré) anunciam esta situação, i. é, constituem uma das primeiras coisas a ser perdida, assinalando que algo precisa ser feito para que se preserve a língua ameaçada. Nessa direção, a análise criteriosa dos resultados de pesquisas linguísticas tem uma parcela de contribuição a oferecer.

No próximo item, descreve-se a metodologia usada para seleção dos dados bem como para elaboração do *corpus*, incluindo alguns procedimentos de análise realizados para se sistematizar as hipóteses de pesquisa, haja vista que o foco inicial do levantamento dos itens se deu pelo inventário do léxico, extenso para alguns elementos e um tanto quanto reduzido para outros.

1.3 METODOLOGIA

[...] A pesquisa
 É a caminhada pelos bosques e pântanos.
 Para tentar explicar,
 Vendo folhas e flores,
 Por que a vida apresenta tantos rostos.
 A pesquisa,
 É a fusão em só crisol,
 De observações, teorias e hipótese
 Para ver se cristalizar
 Algumas parcelas de verdade.
 A pesquisa,
 É, ao mesmo tempo, trabalho e reflexão.
 Para que os homens
 Achem todos um pouco de pão.
 E mais liberdade [...]
 Martin (1994)

Esta seção destina-se à descrição da metodologia utilizada para selecionar os dados, sistematizá-los numa sequência específica em consonância com o *corpus* de análise que se pretende investigar e com o tipo de aporte teórico que fundamenta a construção desse *corpus*, a saber: nomes compostos que, *a priori*, constituem-se, além de uma base nominal, algum morfe com funções de classificação (tamanho, cor, consistência, forma), sob um ponto de vista tipológico-funcional. Para tanto, esta parte compõe-se das perguntas de pesquisa, descreve o tipo de pesquisa, os procedimentos para sistematização dos dados, dos formulários utilizados entre outros.

1.3.1 AS PERGUNTAS DE PESQUISA

Importante salientar mais uma vez que o presente estudo faz parte dos trabalhos realizados pelo projeto LIBA – Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas: Documentação (Análise e Descrição) e Tipologias Sociolinguísticas, CNPq, (processo 50/337/2003-7), grupo de estudos coordenado pela Profa. Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio, visa estudar aspectos sociolinguísticos e linguísticos da comunidade de fala Xerente, ofereceu, assim, apoio imprescindível à realização desta pesquisa.

Assim, nesta seção, descreve-se a metodologia utilizada para a seleção dos dados, bem como a constituição do *corpus* e a síntese dos procedimentos de análise aplicáveis para o reconhecimento e categorização dos classificadores, termos de classe e nomes em função classificadora, no que concerne ao papel morfológico e semântico que desempenham nos compostos da língua akwê-xerente. Toda a referida atividade pautou-se nos estudos de: Dixon (1994); Givón (1995), (2001); e também Mithum (1986) e Payne (2008).

Para tanto, considera-se que o termo “funcional” recobre uma variedade de modelos diferentes, escolas, movimentos e metodologias. Para este estudo, acolhe-se o termo que abarca trabalhos de linguistas conhecidos como “funcionalistas-tipológicos” como Hopper e Thompson (1980) e outros.

A seção ainda descreve os critérios utilizados para definir a constituição, em termos morfológicos, dos nomes compostos xerente (nome+nome, nome+verbo, nome+adjetivo), seguindo os aspectos estabelecidos por Katamba (1993), Mathews (1993),

Payne (2008), para identificação de um composto e Sousa Filho (2007) no que tange aos nomes da língua Akwê-Xerente.

Dessa forma, para identificar os aspectos envolvidos na formação dos compostos, busca-se explicação nas funções e nos processos morfológicos recorrentes que são, em grande parte, orientados por essas funções, visando assim o esclarecimento das questões de pesquisa.

A questão inicial que se configura em relação ao sistema classificatório Xerente desdobra-se nos seguintes problemas: 1) Considerando os níveis de lexicalização de sequências do tipo “nome+nome”, que raízes, do ponto de vista perceptual e funcional, classificam os nomes aos quais se agregam? 2) Qual o *status* morfológico dos classificadores nominais xerente?; 3) Se os classificadores nominais são, de acordo com Aikhenvald (2000a), adicionais e contingentes; que características possuem os classificadores nominais xerente, observadas as seguintes características: base semântica (humano, plantas, partes das plantas, frutas, animais) e tamanho do inventário?

1.3.2 O TIPO DE PESQUISA

Pesquisas linguísticas sobre línguas pouco documentadas, ou não registradas inteiramente, envolvem duas atividades básicas: coleta, transcrição e tradução dos dados; análise e interpretação dos dados coletados. Essa perspectiva remete à distinção pendular entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa, o que, naturalmente, trata-se de uma simplificação já que ambas envolvem: 1) o método a ser usado na coleta de dados; 2) o tipo de dados produzidos para a investigação (se quantitativos ou qualitativos); 3) o tipo de análise dos dados (estatística ou interpretativa).

Para Filstead (1979, p. 45),

Métodos quantitativos e qualitativos são mais que apenas diferenças entre estratégias de pesquisa e procedimentos de coleta de dados. Esses enfoques representam, fundamentalmente, diferentes referenciais epistemológicos para teorizar a natureza do conhecimento [...]

Há autores, como Himmelmann (1998), que afirmam que a documentação é um campo independente dentro da investigação linguística, pois os resultados podem alcançar

diversos campos como as ciências sociais, a análise do discurso, a história oral, bem como membros da comunidade de falantes da língua em estudo.

Em contraponto, é possível afirmar que a documentação e a descrição de uma língua não se dão de forma independente, pois há, entre os dois processos, uma interface que não permite isolar um do outro.

Conforme Kibrik (1977), as hipóteses gerais e a teoria escolhida são fundamentais no início do trabalho de campo, pois permitem planejar melhor o trabalho, oferecendo maior segurança para o desenvolvimento dos métodos. Assim, o quadro teórico adotado resume-se nas propostas dos autores já citados os quais podem ser aprofundados na pesquisa de campo. Segundo Kibrik (1977), a Linguística de Campo é vista como parte da Linguística e está relacionada com a Linguística Descritiva de base sincrônica, já que é uma área aplicada da Linguística que conta com procedimentos e métodos próprios.

Kibrik (1977) ainda complementa que a meta mais importante do trabalho de campo é a coleta de dados linguísticos no contexto natural, isto é, na comunidade de fala onde a língua em questão é o meio de interação entre os indivíduos. Para esse autor, há três caminhos para o pesquisador coletar os dados e, posteriormente, propor uma descrição e análise: 1) o primeiro constitui-se de uma análise (método analítico) realizada a partir de dados já existentes; 2) o segundo é aquele em que o pesquisador não pergunta nada ao falante da língua, apenas observa; 3) o terceiro procedimento caracteriza-se pelo uso que o pesquisador faz de técnicas de elucidação com o falante (colaborador) da língua objeto da pesquisa. Nesta etapa, o pesquisador orienta a atitude do falante mediante o uso de técnicas, de um sistema de avaliação em que os métodos, procedimentos, critérios, descrição e análise indicam a medida do que ainda deve ser feito.

1.3.3 OS PROCEDIMENTOS PARA SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

Na perspectiva prevista em Kibrik (1977), um caminho importante na construção deste trabalho constituiu-se principalmente da revisão dos estudos e publicações acerca da língua Akwê-Xerente sobre aspectos linguísticos: morfológicos, sintáticos, lexicais tais como os de Mattos (1973), Krieger e Krieger (1994), Siqueira (2003), Braggio (2004), Grannier e Souza (2005), Sousa Filho (2007) e Souza (2008).

Acrescentaram-se outros dados coletados por esta pesquisadora à época em que atuou como professora de Língua Portuguesa nos cursos de Formação para os Professores Indígenas do Estado do Tocantins, no período compreendido entre as fases de 2002, 2003, 2004 e pesquisa de campo em 2002, esta contou com a colaboração do Prof. Domingos Simmã Xerente, da Aldeia Vão Grande. Os dados são complementados ainda com alguns aspectos analisados por Siqueira (2009), em “Descrição da sílaba na língua Akwẽ-Xerente”, trabalho apresentado como conclusão do curso “Fonética e Fonologia”, ministrado pela Profa. Dra. Maria Sueli Aguiar, UFG. Outros dados utilizados foram selecionados do livro *Tbê Akwẽ Nimtkaikrembbahã Peixes da área Xerente*, CEGRAF (1997).

Este estudo conta ainda com dados do estudo realizado por Sousa Filho (2007), para construção de sua tese de doutorado “Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê)”. Em alguns casos, devido a situações de aparente alomorfia (ou alofonia) das raízes nominais foram utilizados também os trabalhos de Souza (2008), “Aspectos fonético-fonológicos da língua Akwẽ-Xerente”.

Recorreu-se também aos dados de Braggio (2004), “Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente- Akwẽ: uma visão comparativo-histórica dos dados de Martius (1866) a Maybury-Lewis (1965) com os atuais”.

Inicialmente, realizou-se o levantamento das raízes nominais da língua que nos compostos especificam alguma característica do objeto ao qual o nome se refere. Esse levantamento foi feito utilizando os verbetes do “Dicionário Escolar: Xerente/Português, Português/Xerente”, de Wanda Braidotti Krieger e Guenther Carlos Krieger (1994, 118 p.). Para efeito de exemplo: (i) **dui** ‘capim’, nos compostos **dui kuze**²⁴ ‘erva cidreira’, ‘chá de estrada’; **dui kwa** ‘sapé’ etc; (ii) **ake (romzã)** ‘semente’, nos compostos **ake krãi prumê** ‘semente de tiririca’; **ake wawe**® ‘lágrima de nossa senhora’; (iii) **pa** ‘raiz’ em compostos tais como **wdê pa kuze** ‘pra-tudo’; **wdê pa rã** ‘pau de ovo’, estas últimas, ambas raízes medicinais.

Esse levantamento propiciou dimensionar a extensão do inventário que abarca as raízes nominais e a produtividade delas em termos lexicais e morfológicos, ou melhor, são raízes, em grande número, de forma livre (morfemas livres²⁵) recorrentes em vários nomes compostos inseridos em campos semânticos²⁶ que se acham, de alguma maneira, correlacionados. A grande dificuldade que se apresentou situa-se no campo da convergência

²⁴ Convém salientar que a grafia das raízes separadas ou com hífen é mera convenção ortográfica.

²⁵ Conforme Bloomfield (1984): formas livres constituem uma sequência que pode funcionar isoladamente em dado contexto linguístico.

²⁶ cf. Jota (1981); Aikhenvald (2000a).

de termos, ou seja, há grande quantidade de morfemas, considerados, primeiramente, como homônimos. A dúvida poderia ser sanada se houvesse a possibilidade de um estudo diacrônico aprofundado para verificar até que ponto houve ou não convergência de formas vocabulares e que formas convergiram para uma forma apenas, e em que casos ocorre em vez de homonímia, polissemia.

A partir do levantamento das raízes, foram elaboradas listas com as respectivas entradas, organizadas por classificações específicas como “plantas”, “partes da planta”, “peixes” e outros mais. Cada item apresenta um número de ordem e cada um é arrolado em três colunas: a 1ª traz o termo em Xerente; a 2ª, o significado em português e a 3ª, a raiz recorrente, ou seja, a raiz que aparece em mais de um composto. Essa listagem compõe o Anexo “A” deste trabalho.

Desta feita, após selecionar os dados e elaborar as hipóteses concernentes, procedeu-se à descrição e análise dos termos (raízes nominais) de acordo com sua provável função dentro do composto a fim de verificar e apresentar respostas (ou novas indagações) às questões iniciais de pesquisa mencionadas acima. Em síntese: como os classificadores da língua akwẽ-xerente atuam no interior dos nomes compostos? Que funções desempenham e que valores semânticos carregam para o sentido como um todo, para os nomes em questão. Os dados²⁷ foram sistematizados conforme mostra a Figura1:

Item			Descrição	Sentido Totalizante					
				P/D					
kP↔®	kP	romkP		saptodi	hirêki	paki	nmôdi		
1- akka skP↔®iku mnõ	↔® X	↔®	akka s- kP↔®i- ku mnõ mutum – N + Class (cabeça) +sku (alisar)VTD+ mnõ N (lavoura)				x	‘jacutim’	x
2 – kukã he® po awre			kukã he® + po + awre quelônio – N + Class (oblongo) + MOD (grande)	x				‘tartaru- ga’	
			tpê + ka + pa peixe – N + água - N + Class			x		‘piaba- comprida’	

²⁷ Inicialmente e para esse fim específico, usou-se escrita ortográfica.

3 – tpê ka pa									
(...)									

Figura1: Exemplo da relação dos dados para análise (elaborada para este estudo).

Da sistematização desses dados, emergiram questões que se constituíram no foco deste estudo, isto é, as questões de pesquisa já mencionadas e desenvolvidas nas descrições dos compostos. Em vista de algumas lacunas, foram necessários novos dados construídos em *corpus* cuja representatividade pudesse preenchê-las do corpo de distribuições linguísticas proposto *a priori*.

Conforme Biber (1993 apud Bauer e Gaskell, 2002), deve-se constituir um *corpus* que inclua um arranjo de itens suficientemente abrangente no que se refere à seletividade de certas funções de raízes que, a princípio, revelaram-se com funções de categorização (classificadores) na formação de nomes compostos na língua Akwê-Xerente.

Assim, segue-se o que Biber (1993) apud Bauer e Gaskell (2002, p. 53) estabelece como processo cíclico, para se obter um “*corpus* equilibrado”. (1) investigação piloto e análise teórica; (2) delineamento do *corpus*; (3) compilação de porção do *corpus*; (4) investigação empírica.

Uma nova coleta e seleção de dados fez-se necessária (maio de 2009) com a colaboração de um falante da língua, da Aldeia Vão Grande, na cidade de Tocantínia. Uma vez que essa nova pesquisa de campo partiu do delineamento prévio do *corpus* (passo 2), dispensou-se uma observação mais atenta da pronúncia dos termos. Assim, os dados foram transcritos com poucos detalhes no que concerne aos aspectos fonéticos gerais. A atenção centrou-se na função das partículas no interior do composto.

Em vista disso, solicitou-se à colaboradora, Elza (Hirêki) da Mata de Brito, que descrevesse certos objetos (cf. formulário descrito no item 1.3.3) cujos nomes são compostos em que aparecem as raízes (essas partículas) que na análise anterior (passo 1), parecem apresentar características de classificadores. Elza tem 31 anos, mora com a família em Tocantínia: o marido, Márcio (responsável pela Aldeia Vão Grande), e os três filhos do casal, um menino de sete anos de idade, outro de cinco e um bebê. Elza está cursando o Ensino Médio na cidade.

As descrições foram gravadas em “*Digital Voice Recorder PDR – 3 - Nakashi*”, aproximadamente doze horas de gravação, registradas também em formulários elaborados especificamente para esta fase da pesquisa. Segundo Selltiz (1968 apud Lakatos e Marconi,

2001, p. 212), formulário é um nome geral usado para indicar uma série de questões que são propostas ao colaborador e anotadas pelo pesquisador numa “situação face a face”. Esta é, justamente, a característica básica do formulário, isto é, o contato face a face entre o entrevistador e o entrevistado por meio de um roteiro preenchido pelo pesquisador no momento da entrevista, ou seja, uma conversa na qual o colaborador faz, de maneira orientada, a descrição dos objetos propostos.

Posteriormente, tanto as descrições gravadas quanto os dados registrados nos formulários foram elicitados e transcritos fonética e fonologicamente com base na convenção da Associação Internacional de Fonética com símbolos do *International Phonetic Alphabet* (IPA), versão de 2005. Já a forma ortográfica segue o estabelecido por Mattos (1974) e Krieger e Krieger (1994), observando que há, entre os Xerente alfabetizados, a prática de escrever de acordo com as variações fonéticas.

Este procedimento visa observar se a raiz em questão “contribui” para o significado totalizante do nome através da referência a aspectos do objeto tais como: cor, forma (redonda, oblonga), semelhança, extensão, consistência. O que pode revelar a função de categorização típica dos classificadores ou se apenas organiza um conjunto de elementos, ou ainda, se são nomes inalienáveis usados em função classificadora.

1.3.4 OS DADOS

Da descrição que procedeu às etapas (1), (2) e (3) pôde-se esboçar um quadro representativo dos morfemas entendidos, *a priori*, como classificadores: tem-se assim a proposta apresentada por Sousa Filho (2007, p. 112) para os classificadores: **-ka** ‘coisa côncava para dar comida’, **-krã**²⁸ ‘fruta’, **-zu** ‘coisa côncava’, **-nõku** ‘coisa sem consistência sólida’. Como termos de classe, Sousa Filho (2007, p. 113-114) aponta as raízes: **wdê** ‘árvore’, **tpê** ‘peixe’, **pke®** ‘coração’, **ni@rnã** ‘flor’, **su** ‘folha’. E ainda: **sbi** ‘aracnídeos’, **h** ‘casca, pele’, **ke** ‘abelha’, **waku** ‘suco’, **nõ** ‘não sólido’, **kâ** ‘líquido’, **kpu** ‘insetos que voam’, **kru** ‘ramos, grama’, **ktâ** ‘mamíferos comestíveis’, **ku** ‘animais ferozes’, **amke** ‘cobras’, **rõ ~ rôm** ‘coisas’ e **tka** ‘terra’.

Em relação aos termos de classe, é importante verificar como funciona a raiz “**kâ**” ‘água’ (homônima do classificador –“**kâ**”). Em relação a “**pkẽ**” ‘coração’, é preciso explicitar seu uso, pois parece funcionar como termo de classe que categoriza “objetos” cujos traços semânticos se relacionam com sentimentos, estados. Compõe, principalmente, verbo que não

²⁸ Optou-se, neste momento, pela forma ortográfica proposta por Krieger e Krieger (1994).

se configuram no escopo deste trabalho, mas recebem uma atenção mais pormenorizada juntamente com “**danpokre**” ‘orelha’, “**kmõ**” ‘chifre’, “**kwa**” ‘dente’ e “**pa**” ‘fígado’, esboçada numa escala de lexicalização que os considera nomes em função classificadora (NFC).

Através das listas elaboradas e mediante a comparação entre os termos e seu uso nos compostos apresentados nelas, foi possível enumerar os casos mais significativos do ponto de vista deste estudo, de acordo com uma abordagem funcional. Os compostos selecionados para que o falante descrevesse são apresentados (de maneira não exaustiva) na Figura 2.

(i) danpokr	‘orelha’
1) danpokr nẽ	‘tamboril’
2) danpokr nẽ awre	‘tamboril da beira’ (árvore)
3) danpokr nẽre	‘orelha-de-macaco, tamboril’ (árvore)
4) danpokr nẽ swire	‘tamboril da folha miúda’
5) danpokr nẽ wdê’	‘orelha-de-pau, urupê’
(ii) nrõ	‘coco, relativo às palmáceas’
1) nrõ	‘coco’
2) nrõi ²⁹ ku	‘bicho do coco’
3) nrõi po	‘palmito’
4) nrõ kru	‘coqueiro’
5) nrõkwatata	‘alma-de-cablocos’ (pássaro)
(iii) pa	‘coisa comprida, aspecto amarelado’
1) zupakarê	‘gengibre’
2) zupapre	‘açafrão’
3) dapaze	‘bílis’
4) hâi ware pa	‘tira de couro’
5) kwa pa	‘lâmina comprida’
(iv) pre	‘coisa madura, vermelhidão’
1) aikte pre	‘recém-nascido’
2) ĩsatê pre	‘gema’
3) kê zêkuhu nnã pre	‘abelha-uruçu-amarela’
4) kê zâ pre	‘abelha-vira-olho’
5) krên pre	‘periquito verdadeiro’
6) krên pre wawê	‘periquito-coroa’
(v) po	‘forma oblonga’
1) kakã hẽ po	‘cágado’
2) kukã hẽ po awre	‘tartaruga’

²⁹ Trata-se provavelmente, de um alomorfe de “**nrõ**”; ou um alongamento da vogal média posterior arredondada.

3) kwa tẽ po	‘embira’
4) po pra	‘unha (de veado)
5) popanhã	‘miroró’ (árvore)
(vi) kã-	‘água, rio’
1) kãi kuze	‘aguardente, bebida’
2) kã kaka	‘cachoeira’
3) kãkwarã	‘sal’
4) ka kurbo	‘limbo’
5) kãm hã	‘espírito da água’
(vii) (rom-)zã	‘semente’
*ake krãi prumrê	‘semente pequena de tiririca para fazer colar’
1) nõtã	‘milho’
2) nrõ wawẽ zã	‘polpa’ (de coco)
3) nrõ zã	‘castanha de coco’
4) kupkrã zã pre	‘abelha-arapuá-vermelha’
5) wapã zã	‘pulga’
-pa	‘coisa comprida, aspecto amarelado’
-pre	‘coisa madura, vermelhidão’, ³⁰
-po	‘forma oblonga’
-zã	‘semente, semelhante a semente’

Figura 2: Listas de termos selecionados (elaborada para este estudo).

A partir da pré-seleção destes dados, obtiveram-se os itens para a análise realizada nos capítulos 3 e 4.

1.3.5 OS FORMULÁRIOS

A proposta de descrição dos objetos se encontra organizada em formulários que puderam ser estendidos ou modificados à medida que surgiram mais elementos que funcionam como evidenciadores das características de categorização específicas dos classificadores nominais. Durante o trabalho de campo, foi solicitado a Elza, às vezes com a ajuda de Márcio, que descrevesse alguns objetos do mundo à volta dos Xerente. Enquanto as descrições eram gravadas, esta pesquisadora também anotava nos formulários algum dado específico que revelasse a função descritiva e classificadora dos itens selecionados, no sentido de captar o âmbito de tais categorizações. Como exemplo, apresenta-se, na figura abaixo, o item descrito e a transcrição literal feita pelos colaboradores.

³⁰ Sousa Filho (2007, p. 106).

sika pra pó ‘galinha de pé oblongo’, ‘pato’	Observações:
“é um pato...é diferente da galinha, é o pé ... é chato e pregado assim... (nesse momento a colaboradora “desenha” com o seu dedo o formato do pé do pato).	A primeira hipótese era a de que o recorte que distinguísse uma galinha de um pato fosse o bico, diferente em ambos, no entanto, o nome “sika pra po” centra-se na diferenças entre os pés das duas aves.

Figura 3: Transcrição de trechos dos formulários de pesquisa.

Fonte: Elaborada para este estudo.

Em outro tipo de formulário, pediu-se à colaboradora que substituísse os termos grifados por outros para observar se ocorreriam mudanças ou variações na forma do termo em questão. O exemplo ilustra esse procedimento:

Formulário elaborado para averiguar hipótese sobre o uso de raízes nominais com função de categorização (classificadores) na formação de composto da língua Akwẽ-Xerente.

Objetivo: Solicitar ao colaborador que substitua o termo destacado para averiguar o uso de “danpokre”, “nrõ”, “pa”, “po” e “pre” nos compostos em frases do tipo:

1) Wat kbare ãt kme®si.

‘Eu como/comi pequi’.

Col³¹: Wat nrõ ipo i®t kme®si.

‘Eu como/comi palmito (gueiroba)’.

2) Kdã nãt wara.

‘A anta correu’.

Col.: Wapa pra po nat wara.

‘O guaxinim correu’.

Figura 4: Transcrição de trechos de formulário de pesquisa (elaborada para este estudo).

Todos os formulários foram transcritos e analisados tendo em mente que muitos objetos do mundo Xerente são encontrados apenas naquele ecossistema específico, portanto

³¹ Transcrição literal dos formulários preenchidos pela colaboradora.

observar como os falantes recortam tais elementos constituiu-se numa tarefa bastante interessante sob o ponto de vista que considera os sistemas de classificação nominal como possibilidades de desvelamento de inúmeras questões linguísticas e culturais que estão na base da relação língua/cultura/sociedade. Houve, obviamente, objetos que suscitaram dúvidas para a colaboradora. Nestes casos, descartaram-se os itens referentes a esses objetos.

1.3.6 OUTROS INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Na medida em que o *corpus* de análise ia se delineando, a necessidade de verificar a forma, consistência, extensão dos objetos foi também se configurando. Desta feita, buscaram-se figuras de alguns dos objetos descritos como meio de confirmar as hipóteses que relacionavam o recorte feito pela língua acerca das características mais salientes que se pretendem evidenciar. Assim, no Anexo C, encontram-se algumas figuras de copaíbas, tamboril, jacu, jacutim, peixes entre outros.

1.3.6.1 AS NOTAS DE CAMPO

As notas de campo seguiram tanto procedimentos sistemáticos descritos em 1.3.5, quanto procedimentos de forma assistemática. Muitos detalhes emergem durante conversas informais com os colaboradores, pois um dos colaboradores é técnico do PROCAMBIX, visita as aldeias e tem uma boa visão das condições em que se encontra o ambiente que circunda as áreas xerente. Assim, em alguns desses momentos, muita informação sobre os elementos da natureza ficam em pauta, porque é muito difícil não pensar na natureza e em tudo que envolve a questão indígena sem refletir sobre a ameaça iminente que vivem esses povos. No diário, essas considerações estão esboçadas e pode-se reconhecer, através delas, importantes indícios do sistema de categorização nominal nessa língua.

No que se refere às notas de campo, conforme Lakatos & Marconi (2001), trata-se de observações que não são totalmente espontâneas ou casuais já que o pesquisador sempre sabe o que observar. O caderno de notas foi utilizado como agenda com previsão das atividades. As notas assemelham-se mais a um diário pessoal, com relatos em primeira pessoa, um pouco diferente dos diários utilizados nas pesquisas de aprendizado de línguas.

Todos esses procedimentos tiveram seu valor e utilidade e direcionaram etapas importantes da pesquisa, o que não elimina problemas e eventualidades, porque se trata de pesquisa que envolve seres humanos, falantes passíveis de interpretar as situações conforme os contextos em que se inserem e em decorrência da história de cada um em relação à sua língua nativa. Os trabalhos realizados no campo proporcionaram momentos de autêntica certeza de que a causa indígena ainda precisa mover mais esforços em favor da preservação da cultura indígena.

O segundo capítulo traz o mapeamento das teorias linguísticas e dos respectivos teóricos acerca das concepções que fundamentam os critérios operacionais envolvidos na categorização de palavras, no que tange à identificação e à caracterização dos sistemas de classificação nominal das línguas em geral e (em seguida da língua xerente) para corroborar a descrição dos classificadores, dos termos de classe e dos nomes de partes do corpo em função classificadora na língua akwê-xerente. Prioriza-se a revisão dos critérios morfológicos passíveis de serem aplicados nesta descrição, mas, conseqüentemente, outros critérios são utilizados.

CAPÍTULO II

SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL: CLASSIFICADORES, TERMOS DE CLASSE E NOMES DE PARTES DO CORPO EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA

O estudo dos classificadores e dos sistemas de categorização nominal está intrinsecamente relacionado com muitas questões que são cruciais para a linguística moderna, como os processos de desenvolvimento e de obsolescência das línguas [...]

Aikhenvald (2000)

O objetivo deste capítulo é fazer o mapeamento das concepções teóricas acerca dos critérios operacionais envolvidos na identificação e caracterização dos sistemas de classificação nominal das línguas, mais especificamente, critérios usados para a categorização

de palavras; também visa apresentar aspectos descritivos do sistema de classificação nominal enfocando os classificadores, os termos de classe e verificar a ocorrência de nomes de partes do corpo em função classificadora.

Em princípio, visa-se priorizar a aplicação dos critérios estruturais (morfológicos) para a descrição e análise da categoria, todavia critérios de ordem semântica também poderão ser usados quando os aspectos apresentados não puderem ser distinguidos por critérios apenas formais/funcionais. Isto não descarta a possibilidade de se recorrer também a critérios distribucionais.

Este mapeamento torna-se importante para fundamentar teoricamente as descrições desenvolvidas nos capítulos 3 e 4 como meio de se definir concepções, conceitos e dimensões dos sistemas de classificação nominal. Antes parece oportuno citar alguns autores que ressaltaram um aspecto pendular que envolve a natureza da categorização humana: se arbitrária; ou em direção oposta, se reflete de alguma maneira, a realidade que permeia a interação homem, ambiente físico e o recorte feito pela língua em consonância com tais âmbitos da vida humana.

2.1 A NATUREZA DAS CONCEITUAÇÕES LINGÜÍSTICAS

A maneira como as línguas descrevem, recortam e conceituam a realidade cotidiana apresenta inúmeros aspectos que tanto podem refletir a interação imediata com essa realidade de modo mais claro, como pode, à medida que vai abstraindo a relação língua/cultura, não marcar na estrutura linguística características que revelam a maneira como dada cultura vê o mundo.

Muitos estudiosos já se dedicaram à questão, para citar apenas alguns: Posey (1984); Crofts (1985); Gumperz (1996); Wierzbicka (1997); Enfield (2004). Em síntese, esses autores sugerem que da interação homem, ambiente físico e cultural, ocorre a formação de paradigmas específicos para cada língua, uma vez que a formação de paradigmas somente pode ser concebida como ação cultural proveniente do reflexo do pensamento de um povo.

Para esses autores, o sistema conceitual do ser humano é estruturado na vivência de mundo que possui e, mais ainda, na maneira como se relaciona com seu semelhante e com o ambiente físico próximo a ele. Sendo assim, a formação de paradigmas na construção de significados pode ser vista como um ato basicamente cultural, em que o pensamento desse povo se reflete e se expressa através de sua língua.

Certos padrões contemplados em uma língua podem ser entendidos como constituintes de uma visão de mundo construída culturalmente. Na verdade, toda língua desenvolve um inventário semântico único e rico em recursos simbólicos cujo índice conceitual parte, em princípio, do próprio corpo como referência para designar categorias que podem vir marcadas³² ou não na estrutura linguística de cada língua.

A partir desses autores é possível inferir que a ideia de que a categorização humana não é arbitrária (ou não extensamente arbitrária), mas parte de parâmetros centrais para exemplos periféricos de categorias da língua. Assim, tais exemplos parecem mais salientes para os falantes. No entanto, como se vê adiante, existem discordâncias a respeito da natureza arbitrária da categorização humana.

O estudo da categorização nominal evidencia grupos de propriedades inerentes a essas categorias, isto é, apresenta-se útil para entender a natureza de categorias, muitas vezes expressa pelo uso de classificadores.

A esse respeito Lakoff (1986) propõe a teoria dos protótipos, cuja noção expande-se em: semântica lexical, conforme Lakoff (1986) e, de acordo com Coleman e Kay (1981 apud Lakoff, 1986), com enfoque mais tradicional, no qual alguns fenômenos são ainda analisados como categorias gramaticais absolutas usadas para explicar as categorizações em consonância com a noção dos protótipos.

Como Givón (1986) argumenta, a concepção de protótipos é necessária para explicar o uso linguístico, a mudança linguística e a aquisição de linguagem; esclarece melhor a questão de extensões metafóricas, um processo essencial acionado no uso, na mudança e durante a aquisição de uma língua.

No entanto, a natureza da capacidade de categorização humana atribuída à ação dos classificadores gera controvérsias. Para muitos estudiosos, como Lakoff (1986), os classificadores podem ser vistos como formas arbitrárias que não refletem as estruturas conceptuais e, por isso, não podem ajudar a entender a natureza das categorizações humanas. Por outro lado, o sistema de classificadores pode contribuir para o entendimento do fenômeno mais amplo da capacidade de categorização humana.

De fato, como no exemplo descrito por Dixon (1972) sobre a classificação dos objetos no universo, em Dyirbal, a categorização parece bastante arbitrária, pois apesar dos

³² Segundo Lyons (1979): marca é um conceito que deriva dos trabalhos de Escola de Praga e é extremamente importante em linguística estrutural. De acordo com a análise da estrutura lexical, distinguem-se três aspectos: a marca formal, a marca distribucional e a hiponímia.

traços afins entre os objetos de cada categoria situá-los em classes³³, segue, de certa forma, apenas critérios convencionais.

Segundo Dixon (1986), é possível reconhecer que um conjunto de classificadores pode distinguir-se por três critérios: (i) seu tamanho; sistema pequeno e finito ou um conjunto maior e mais aberto; (ii) seu *status* morfológico; morfologia não-flexional ou morfemas lexicais livres; (iii) seu uso gramatical; conjunto de regras e “susceptibilidade” discursiva. Além, é claro, das propriedades semânticas comuns que os classificadores apresentam. Considera também que as características morfossintáticas das palavras em geral podem ser verificadas tendo em mente duas perspectivas: as propriedades distribucionais ou configuracionais e as propriedades estruturais.

Propriedades distribucionais se referem à maneira como as palavras são distribuídas nos sintagmas, nas frases, nos textos; já as propriedades estruturais se referem às propriedades da estrutura interna das palavras em si mesmas, ou seja, diz respeito à possibilidade ou não de se decomporem em morfemas, de admitirem ou não variação morfológica, de combinar-se com outros morfemas para formação de novos itens lexicais. As características estruturais das palavras constituem objeto de descrição dos classificadores no capítulo três deste trabalho.

A próxima seção traz o mapeamento das concepções teóricas desenvolvidas em trabalhos anteriores sobre os classificadores e os sistemas de categorização nominal.

2.2 CLASSIFICADORES: CONCEPÇÕES, CONCEITOS E DIMENSÕES

Conforme Craig (1992), as línguas do mundo exibem uma gama de tipos de sistemas de classificadores, bem como uma grande diversidade de parâmetros semânticos expressos por eles, os quais são importantes para compreender a maneira como uma dada língua concebe noções de tamanho, de saliências, formas ou conceitos de animado ou humano e, ainda, gênero macho/fêmea.

Classificadores e sistemas de categorização nominal têm sido o foco de interesse de alguns trabalhos em consonância com as propostas de elaboração de tipologias funcionais, tais como: Allan (1977); Dixon (1986); Craig (1986); Payne (1986); Croft (1994); Rodrigues (1977); Aikhenvald (2000a), (2000b); Grinevald (2002); Gomes (2006); Martines (2007),

³³ Apenas para ilustrar, Dixon (1972): (I) bayi: (humano) machos: animais; (II) balan (humano) fêmeas: água, fogo, luta; (III) balam: comida que não é carne; (IV) bala: todas as coisas não incluídas nas outras classes.

entre tantos outros que se ativeram ao estudo dos sistemas de classificadores sejam nominais, numerais ou verbais.

Como verbete, “classificadores” têm as seguintes definições, conforme Crystal (2000, p. 47):

Os morfemas cuja função é indicar a classe semântica ou morfológica dos itens podem ser chamados de **classificadores**³⁴ [...] A definição dos itens lexicais como pertencentes à mesma classe semântica é um traço importante de muitas línguas, como o chinês, o vietnamita e o hopi. Às vezes são encontradas bases de classificação bastante inesperadas, em termos de formato, animação, mobilidade, *status* etc.

Dubois (1998, p. 112) define classificador da seguinte maneira: “Chama-se *classificador* um afixo utilizado, em particular nas línguas negro-africanas, para indicar a que classe nominal pertence uma palavra.”

Em Jota (1981, p. 66), encontra-se a definição:

Classificador *adj.* Diz-se do afixo que indica a classe da palavra. // *s.m.* Elemento (morfema ou lexema) que identifica o nome ou verbo segundo determinadas classes, como a de gênero, modo etc. Os classificadores nominais se identificam, segundo o gênero; sexuado (específico e não-específico) e não sexuado (que é neutro) [...] segundo a oposição espécie [...] segundo a temporalidade, para que as línguas usam o morfema ou o lexema [...] segundo a continuidade, segundo a posse. Os classificadores verbais se manifestam pelo modo, modalidade, pelo aspecto.

Tran (2006, p. 22) traz uma definição pautada em termos sintáticos em que a função do classificador é indicar a classe gramatical do nome que acompanha.

De acordo com Gruyter (2004, p. 1016), os classificadores são basicamente:

Sistemas³⁵ sintático-lexicais que fornecem uma ampla categorização linguística para os nomes. Distinguem-se por seus aspectos semânticos, pela extensão de seu inventário, por seu status morfossintático e também por seu aspecto pragmático. Classificadores são parte de um contínuo do sistema de categorização nominal que está numa posição intermediária entre os dois tipos de sistemas de classificação nominal encontrados nas línguas européias: os sistemas de gênero mais gramaticalizado[...] e as expressões lexicais de termos de medida³⁶ e unidades de peso.

³⁴ Grifo do autor.

³⁵ Tradução livre de: “Classifier systems are lexico-syntactic systems which provide an overt linguistic categorization of nominals. They come in different types that can be distinguished by their semantics, the size of their inventory, their morpho-syntactic status, e their pragmatic use. Classifier systems per se are part of a continuum of nominal categorization systems where they stand in an intermediate position between the two types of nominal classification systems found in European languages. The very grammaticalized gender systems[...] and the lexical expressions of measure terms and unit counters.”

³⁶ Tais como: uma resma de papel, uma xícara de leite, um punhado de doces, um monte de roupas.

Semelhantemente, Grinevald (2002, p. 259) propõe que os sistemas de classificação são realmente sistemas intermediários entre os sistemas léxico-gramaticais situados na direção de um contínuo de gramaticalização dos sistemas de classificação nominal, com adiantado processo de gramaticalização, agrupados dentro de cada tipo de sistema de classificadores.

Assim, Grinevald (2002, p. 260) apresenta um contínuo de gramaticalização importante para entender como uma determinada raiz nominal percorre o caminho do ponto +“lexicalizado” em direção ao ponto + “gramaticalizado”:

(1) Visão geral dos sistemas num contínuo de gramaticalização

<lexical.....morfofossintático>		
termos de classe	“CLASSIFICADORES”	classes nominais/gênero
termos de medida		

(2) Classificadores vs tipos gramaticalizados de sistemas de classificação

CLASSES NOMINAIS	CLASSIFICADORES
a. classifica todos os nomes	não classifica todos os nomes
b. um pequeno número de classes	um grande número
c. sistema fechado	sistema aberto
d. fundidos com outras categorias gramaticais	não fundidos
e. podem ser marcados no N	não marcados em seu N
f. padrões de concordância	não faz parte do sistema de concordância
g. N designado para uma classe	pode ser designado para várias classes
h. não variação do falante	possibilidade de variação do falante
i. não há variação de registro	possibilidade formal vs uso informal

Gomes (2006)³⁷, assim como Allan (1977); Mithun (1986); Aikhenvald (2000b); entende que os classificadores têm uma origem claramente lexical, são um tipo intermediário de sistema de classificação, uma espécie de meio-caminho de um sistema mais ou menos lexicalizado ou gramaticalizado.

Em outra direção, Sousa Filho (2007, p. 112), em seu trabalho de doutorado (o primeiro sobre a língua Akwê-Xerente) aborda as categorias da língua sob um prisma em que:

[...] os classificadores são nomes derivados de termos de classe, em sua maioria, mas exibem baixa referencialidade. [...] nomes que não referem apresentam um baixo grau de categorialidade [...] os classificadores operam sobre uma base semântica, implicando certos traços característicos do referente do sintagma nominal, mas não certos traços lexicais de um nome particular. Encontramos em Xerente classificadores ocorrendo em co-referência com nomes. Os classificadores são

³⁷ Gomes (2006), com o objetivo de mostrar como um nome, em Mundurukú (Tupi), assume propriedades de classificadores, propõe uma escala em que são destacadas as propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas desses nomes.

clíticos que ocorrem fonologicamente apoiados em nomes ou verbos. Nos nomes, eles podem ocorrer no meio da palavra ou seguindo o nome (infixo, ênclise) e no verbo ocorrem proclíticos, antecedem o tema verbal.

Para Rosch (1973 apud Sousa Filho, 2007, p. 113) “esses nomes (raízes) são conhecidos como ‘termos de classe’ e correspondem ao nível básico de categorização”. Segundo Rosch (1973), os termos de nível básico de categorização são aqueles nomes que se utilizam para conceituar coisas do ponto de vista perceptual e funcional. Essas raízes de termos de nível básico classificam os nomes aos quais se agregam.

2.2.1 CATEGORIZAÇÃO SEMÂNTICA DOS CLASSIFICADORES

De acordo com Folley (1984), um parâmetro linguístico representativo da presença ou ausência de classificadores é um bom recurso dentro do qual se pode investigar a validade dos Princípios do Relativismo Linguístico. A presença de classificadores de categoria gramatical é prototipicamente tomada para o diagnóstico da ontologia da substância, a qual os classificadores precisam para expressar a denotação³⁸ de nomes em relação às propriedades corporais de forma ou propriedade menos distintas; enquanto sua ausência é vista como evidência para um domínio ontológico do corpo.

As propriedades corporais menos distintas são inerentes aos nomes. Dessa maneira, classificadores caracterizam-se por atribuir, de forma descritiva, relevo aos nomes vagos semanticamente.

Os sistemas de classificadores selecionam características universais básicas da maioria das classes³⁹ de palavras das quais se originam e estendem-nas metaforicamente para expressar os mais variados tipos de interação que os seres humanos têm com seu mundo. A percepção do mundo codificada nos sistemas de classificadores incorpora do mais cognitivo e universal para o mais específico e cultural ponto de vista.

2.2.2 PROPRIEDADES SEMÂNTICAS UNIVERSAIS DOS CLASSIFICADORES

³⁸ Referência.

³⁹ Na maioria, nomes e verbos.

Para a identificação das propriedades semânticas dos classificadores, há alguns critérios conhecidos, encontrados principalmente nos trabalhos de Allan (1977) e Gruyter (2004). A síntese desses trabalhos aponta para as seguintes características: (i) animado, (ii) inanimado.

“Animado” é um traço recorrente nas características semânticas dos classificadores. Correspondem, grosso modo, às propriedades inerentes da pessoa, tais como sexo, idade, parentesco e as outras características semânticas com propriedades sócio-culturais: posição social, ocupação, nobreza, sagrado, profano, isto é, características de função social.

Segundo Gruyter (2004, p. 1016), o domínio inanimado é “classificado por uma proliferação de traços semânticos divididos entre conjuntos de características físicas e funcionais. Matéria e forma constituem os maiores domínios físicos. O domínio rotulado por “forma” inclui tanto características inerentes aos objetos, quanto características físicas temporárias (forma, consistência e configuração). Gruyter (2004, p. 1017) acentua que:

A predisposição dos sistemas de classificadores para usar especificamente forma (em vez de cor, tamanho, peso ou cheiro) reflete a seletividade encontrada na categorização humana para os objetos do mundo de acordo com categorias básicas. Essas características semânticas primárias inerentes à forma prevalecem em grande parte das línguas faladas no mundo. São basicamente: forma longa unidimensional, forma plana bidimensional, e forma arredondada tridimensional. Com essas características primárias, combinam-se traços secundários que refletem consistência (rigidez, flexibilidade, leveza, dureza); configurações (amontoados, em círculo, em linhas retas, espalhado regular ou irregularmente). E ainda as características funcionais que se referem ao uso dos objetos classificados em vez de sua forma. Basicamente, indicam habitação, transporte, ferramentas, vestimenta ou comestível em relação à função dos objetos.

Importa ressaltar que Payne (1990, p. 275) indica uma lista um pouco mais extensa em relação à categoria de classificadores inanimados: “os classificadores são divididos em dez categorias semânticas: forma, coleção, arranjo⁴⁰, anatômico, botânico, geográfico e manufaturados, consistência e tempo”. O que precisa ser observado é que, para cada língua, uma classificação específica pode ser feita, já que nem toda língua apresenta as mesmas necessidades de classificação dos objetos do mundo.

2.2.3 TIPOS DE CLASSIFICADORES

Sobre as classes definidas por um classificador não é equivocado dizer que elas variam muito em grau de complexidade e heterogeneidade de acordo com o tipo de

⁴⁰ Esse termo é usado para se referir a itens que originalmente não possuíam uma configuração definida.

classificador que a especifica. Segundo Gruyter (2004, p. 1018), os sistemas de classificadores são “heterogêneos, não hierárquicos, de organização taxonômica que varia idiossincraticamente de língua para língua, de cultura para cultura”.

Entretanto um tipo de classificador específico é bastante comum. O termo “específico” cobre dois tipos de classificadores: os “únicos” e os gerais. Os classificadores únicos caracterizam-se por definirem classes simples. Classificam um único objeto, aparentemente, um objeto que teve ou ainda tem alguma relevância cultural particular.

A título de exemplo, Gruyter (2004) menciona o caso dos classificadores “na”, “mu” e “nu” em Yagua (Macro-Caribe), que classificam espécies (objetos únicos) de banana considerando o tipo e a quantidade de troncos que possuem.

Já os classificadores gerais incluem mais classes em sua especificação. São também muito transparentes semanticamente. Normalmente, distinguem classes com base na categorização de “animados”. Esse tipo de classificador é usado como substituto de muitos classificadores específicos sob certas condições pragmáticas, como por exemplo, estágios iniciais de aquisição da linguagem e ainda em falas casuais de falantes adultos. Importante mencionar que o uso dos classificadores gerais é também um traço de perda linguística entre línguas em contato com outras línguas que tenham classificadores. São muito comuns nos sistemas de classificação numeral.

Para Gruyter (2004), os classificadores únicos, específicos e gerais correspondem a diferentes estágios da evolução dos classificadores individuais.

2.2.4 MORFOSSINTAXE DOS CLASSIFICADORES

O interesse pela diversidade tipológica do fenômeno geral de classificação nominal vem, nas últimas décadas, atraindo a atenção para os variados subconjuntos de sistemas de classificação das línguas, haja vista os trabalhos de Dixon (1986), (1994); Barnes (1990) e Grinevald (2002).

De acordo com Allan (1977)⁴¹, Craig (1986) e Mithun (1986), existem três tipos de sistemas de classificadores: 1) Classificadores numerais, formas léxico-sintáticas, frequentemente obrigatórias em expressões de quantidade, distinguem-se dos sistemas gramaticais fechados; 2) Classificadores concordantes que constituem um sistema

⁴¹ Na verdade, Allan (1977) refere-se a quatro tipos de sistemas de classificadores. Além dos mencionados ele acrescenta os classificadores predicativos, cujas funções são bastante similares (talvez as mesmas) dos *verb-incorporated*.

paradigmático e gramatical fechado. São, em sua maioria, afixos ou podem ocorrer como proclíticos; 3) Classificadores incorporados ao verbo, partículas lexicais incorporadas a uma raiz verbal, a qual sinaliza alguma característica classificatória do nome a que se refere o sintagma associado. Não ocorrem em sintagmas nominais e não expressam concordância.

Os classificadores xerente, tratados neste estudo, não se enquadram de forma discreta em nenhum dos três tipos conforme definidos acima. Os classificadores nominais xerente têm mostrado uma co-ocorrência com o nome que qualifica. A classificação opera em base semântica e implica certos traços característicos do referente, mas não traços lexicais de um nome particular. O classificador também sinaliza a classe a que o nome externo pertence naquele contexto específico, ou seja, é selecionado de acordo com parte do objeto a que se quer fazer referência.

Segundo Payne (1990), os sistemas de classificadores das línguas da Amazônia também não se enquadram nos tipos assinalados por Allan (1977), Craig (1986) e Mithun (1986), mas se comportam de maneiras diferentes, apresentando características e funções diversas em pelo menos oito formas diferentes dos tipos de sistemas tradicionalmente estabelecidos.

À semelhança da síntese apresentada por Gruyter (2004), a proposta deste item é uma tipologia baseada na morfologia, o que não exclui obviamente, quando possível, considerar questões de cunho semântico, de uso e de gramaticalização. Porém, os diferentes tipos de classificadores são primeiramente identificados por sua natureza morfológica. Os termos usados estão de acordo com a terminologia utilizada por Gruyter (2004).

Dessa maneira, na próxima seção, acrescenta-se à proposta de Allan (1977), Craig (1986) e Mithun (1986) outros tipos de sistema de classificadores, a saber: classificadores nominais, classificadores genitivos ou possessivos, classificadores verbais, classificadores verbais incorporados (*verb-incorporated*). Procura-se enfatizar os classificadores nominais, pois constituem, *a priori*, o objeto da descrição dos classificadores xerente.

2.3 CLASSIFICADORES NOMINAIS

De acordo com Aikhenvald (2000, p. 81), as propriedades dos classificadores nominais reúnem as seguintes características:

Classificadores nominais caracterizam os nomes e co-ocorrem com eles em uma sintagma nominal⁴² [...] A propriedade determinante dos classificadores nominais é sua presença na frase nominal independente de outros constituintes estarem na frase ou fora dela. Seu escopo é uma frase nominal. Eles são um tipo de dispositivo de categorização nominal não convencional cuja escolha é determinada por seleção lexical e pela concorrência de qualquer propriedade flexional dos nomes com quaisquer outros constituintes de uma sintagma nominal.

Como se vê, a definição dos classificadores nominais de Aikhenvald coaduna com a ideia exposta por Gruyter (2004), que considera os sistemas de classificadores heterogêneos, não hierárquicos, e de organização idiossincrática, já que não segue uma seleção léxico-morfológica convencional de dada língua e age independentemente dos outros constituintes da frase, i. é, não estabelecem combinações com os demais elementos da frase.

Assim, de acordo com Aikhenvald (2000a, p. 81), os classificadores nominais são adicionais, contingentes, e compreendem as seguintes características:

- (i) A escolha de um classificador nominal baseia-se na semântica. Nem todo nome de uma língua é necessariamente tomado como um classificador.
- (ii) As línguas podem admitir a co-ocorrência de vários classificadores nominais numa frase nominal.
- (iii) Um nome pode ser usado com classificadores diferentes, com mudança de significado.
- (iv) O tamanho do inventário dos classificadores pode variar de um conjunto bastante pequeno e fechado para um conjunto grande e aberto. Consequentemente, classificadores nominais podem gramaticalizar-se em extensões diversas.
- (v) Classificadores nominais são frequentemente usados anaforicamente, eles podem gramaticalizar-se como marcadores de funções sintáticas.

Antes de discutir sobre os demais classificadores encontrados nas línguas (classificadores numerais, verbais, genitivos), faz-se necessário frisar que existem diferenças⁴³ significativas entre classificadores e classes nominais, seja do ponto de vista morfológico ou semântico.

Para tanto, Aikhenvald (2000a, p. 6-8) apresenta três tabelas (reproduzidas a seguir), nas quais esquematiza essa distinção:

Tabela 1: Diferenças entre classes nominais e classificadores.

Diferenças entre classes nominais e classificadores		
	Classes nominais	Classificadores
Tamanho	conjunto pequeno e finito	grande número

⁴² De acordo com Jota (1981, p. 143), em relação à frase nominal: “A frase nominal é a frase sem verbo e sem conectivo” [...] A frase nominal, segundo Benveniste, por sua própria natureza é refratária a tempo, modo e aspecto.

⁴³ cf. item 2.2.

Realização	sistema gramatical fechado	formas livres
Possibilidades	referência não está completamente dentro da palavra nominal	nenhuma referência fora da frase nominal

Fonte: Dixon (1986 apud Aikhenvald, 2000b, p. 6).

Pela leitura da tabela 1, é possível verificar que classificadores e classes nominais diferem em, pelo menos, três aspectos: tamanho (extensão do inventário), realização (questões de função) e possibilidades em relação à referência fora da frase. A tabela 2 complementa tais diferenças.

Tabela 2: Classificadores, realização morfológica e semântica.

Classificadores, realização morfológica e semântica	
Classificadores de morfemas livres	Classificadores de morfemas presos
Classificadores numerais (animado, forma)	Classificadores de concordância (animado, forma)
Classificadores não-numerais (somente animais)	Classificadores predicativos (animado, forma)
	Classificadores intralocativos (somente forma)

Fonte: Kiyomi (1992 apud Aikhenvald, 2000b, p. 7).

2.4 OUTROS TIPOS DE CLASSIFICADORES

Segundo Aikhenvald (2000a, p. 93), cinco tipos de dispositivo de classificação nominal podem ser identificados na base de seu *locus* morfossintático, esquematizados a seguir:

- (i) Gênero⁴⁴ e classe nominal – sistemas de concordância gramaticalizados, baseados em certas características semânticas (frequentemente animado e sexo), marcadas num dos constituintes ou no predicativo, mas não necessariamente no próprio nome;
- (ii) Classificadores numerais – morfemas livres ou presos que atuam em um contexto de quantificação;
- (iii) Classificadores nominais⁴⁵ – morfemas livres⁴⁶ ou presos que ocorrem próximos ao nome e os caracterizam independentemente de quantificação ou posse;

⁴⁴ Para Gruyter (2004), o gênero não se inclui nas tipologias de classificadores.

⁴⁵ Descritos no item 3.5.

⁴⁶ Conforme os conceitos de Bloomfield (1984).

(iv) Classificadores genitivos ou possessivos – morfemas livres ou presos que aparecem em contextos de construção possessiva e caracterizam uma relação possessiva ou um nome possessivo.

(v) Classificadores verbais – morfemas presos que se afixam ao verbo ou incorporam-se a ele. Caracterizam um nome, que tem tipicamente a função S/O, em termos de forma, consistência e propriedade de animado.

Como gênero não é comumente incluído nas tipologias de classificadores, é possível descrever os sistemas de classe nominal de acordo com o conteúdo semântico atribuído às classes que contêm: classe⁴⁷ humano, plantas⁴⁸, frutas, líquidos, inanimado, animais, objetos longos ou pequenos, massa, partes do corpo.

Segundo Gruyter (2004), os classificadores numerais são os mais comuns e conhecidos sistemas de classificadores; são chamados de numeral porque atuam contiguamente aos numerais. Podem ser mais ou menos presos e fundidos ao numeral.

Segundo Crofts (1985 apud Martines, 2007, p. 53); no Mundurukú, há os classificadores incorporados aos nomes:

Esses classificadores evidenciam a interinfluência que ocorre entre o pensamento desse povo e os modelos iconográficos que regem os classificadores da língua, aclarando como surge o significado dos nomes e qual é o processo envolvido [...] esse processo de descrição é figurativo e ressalta um aspecto significativo do ponto de vista desse povo sobre um referente.

Assim, Martines (2007) cita exemplos de “elementos” classificadores que, apesar de terem o mesmo conteúdo significativo, alternam morfemas; como é o caso de **dup/tup**, **dig/tig**, **nom/tom**, **ba/pa** (alternância entre as plosivas sonoras/surdas é uma regra fonotática da língua). Dessa maneira, variados tipos de forma são classificados por esses morfemas, de forma livre⁴⁹ na língua. A forma de lâmina é classificada com **dup** ou **tup** por Martines (2007, p. 55), como no grupo: **um re o dup** ‘morcego’; **w are dup** ‘mofo’; **i wã tup** ‘arraia’; **ko su dup** ‘palha branca’; **a ko dup** ‘folha de bananeira’.

Analogamente a **dup/tup** ocorrem: **bu/pu** para coisas finas, cilíndricas e pequenas, como dedo; **di/ti** para coisas em forma líquida; **da/ta** para coisas semelhantes a sementes.

Araújo (2004) descreve o uso de sete classificadores em Sabanê, língua Nambikwara da Amazônia. Segundo este autor, os classificadores denotam propriedades físicas, como forma e consistência de um nome. De acordo com a forma ou consistência, os

⁴⁷ Evidentemente, essas classes variam de língua para língua.

⁴⁸ É possível também subclasses dentro dessas classes: plantas, partes da planta (semente, raiz, folhas).

⁴⁹ cf. Tab. 1 do item 1.3.1 a respeito dos classificadores serem morfemas livres.

nomes são classificados em sete diferentes categorias: 1) **-akata** se refere a objetos como madeira longa; 2) **-isi** para formas retangulares ou ovais; 3) **-iawa** para latidos; 4) **-amoka** formas como cobras ou larvas; 5) **-api** para objetos como cordões; 6) **anon** forma hemisférica e 7) **-akata** referindo-se também a objetos tridimensionais. Araújo (2004, p. 118) acentua ainda que em Sabanê “qualquer classificador pode ser usado anaforicamente substituindo um nome já mencionado no discurso”.

Araújo (2004) também ilustra que os classificadores Sabanê podem ocorrer como sufixos derivacionais. Essa característica não parte dos classificadores em Xerente, pois nessa língua, os classificadores são raízes que se justapõem a outras raízes para compor novos itens lexicais, como se vê em: (i) pra kuza tê pa ‘bota’; (ii) kukã hẽ po awre ‘tartaruga’.

Para Dourado (2001), uma classe de nomes em Panará (Jê) pode ocorrer em correferência com um sistema de classificadores baseado em nomes de partes de plantas, objetos côncavos e líquidos. Ocorrem procliticamente, pois podem apoiar-se fonologicamente no modificador do nome ou no núcleo de predicados nominais e verbais. São: “k↔” ‘casca’ em: akahẽ ka k↔asi pẽk↔ ‘você costurou o vestido?’; s\ ‘semente’ em: ki ripe y\ s\kiõti ‘o arroz brotu’; “krE” ‘limpo’ como em: pratu krEkẽni ‘o prato está limpo. Dourado (2001) apresenta também uma tabela⁵⁰ com classificadores, classificados e origem do classificador. Essa tabela é adaptada, no próximo capítulo, para a descrição dos classificadores xerente.

Já os classificadores genitivos ou possessivos são, conforme Grinevald (2000a, p. 66), focalizados pelos estudos lingüísticos sob variados rótulos: para Benton (1968) atributivo; Carlson e Payne (1989) genitivo; Harrison (1989) possessivo; Lichtenberk (1983) relacionais. Com esses rótulos indicam como os classificadores possessivos aparecem em construções possessivas. São normalmente presos para marcar o possuidor e classificam semanticamente o possuído.

Para Grinevald (2000a), esse sistema de classificadores seleciona um conjunto limitado de nomes da língua para a classificação, os quais parecem ter alto grau de significado cultural e constituem uma classe semelhante aos nomes alienáveis⁵¹, determinados, em princípio, pela língua em questão. Em outra direção, os nomes inalienáveis não usam classificadores.

Os classificadores verbais são “parte” do verbo, encontram-se dentro (morfologicamente) da forma verbal. Como sistema de classificação, segundo Gruyter (2004, p. 1022), “eles apresentam a mesma série de características semânticas já descritas em relação

⁵⁰ cf.: Dourado (2001, p. 208-210).

⁵¹ Essa questão é retomada no terceiro capítulo deste trabalho.

aos demais sistemas de classificadores”. Há inúmeros subtipos de classificadores verbais, dependendo principalmente da idade do sistema e da origem lexical dos classificadores.

Um subtipo dos classificadores verbais são os classificadores incorporados⁵² semanticamente. Os sistemas de classificadores incorporados variam de acordo com as entidades qualificadas dos objetos (forma e função).

O termo “classificador verbal” é usado às vezes, de maneira completamente diferente por alguns estudiosos das línguas do Sul e Sudeste asiático. Segundo Aikhenvald (2000a, p. 9), Haas (1942) chama-os de “palavras que indicam há quanto tempo um evento ocorreu”; numa sentença como em inglês: “*he ran twice*”, “*twice*” é considerado um classificador verbal. Outros autores, simplesmente, empregam “classificadores”.

Para Aikhenvald (2000a), pode-se falar em três formas de classificadores formais: nomes incorporados através do qual um nome é incorporado ao verbo para categorizar um argumento extrapredicativo⁵³; os classificadores verbais afixados⁵⁴; verbos classificatórios supletivos⁵⁵.

Conforme Gruyter (2004) e também Craig (1992), há tipos marginais de classificadores como os que atuam em “*mot-valise*”⁵⁶ de morfemas e outros que expressam dêixis e elementos de classificação nominal.

Para finalizar este item, é conveniente apontar a reanálise dos tipos de classificadores na qual Croft (1994) associa cada um deles com funções semânticas e pragmáticas.

(i) Tipo de classificador	Funções semânticas e pragmáticas
Classes nominais	Determinação (referência)
Classificadores numerais	Enumeração
Classificadores possessivos	Posse
Classificadores predicativos	Predicação espacial

2.5 DIMENSÃO DOS SISTEMAS DE CLASSIFICADORES

⁵² Mithun (1986) documenta casos de classificadores incorporados na língua Mundurucu (Tupi).

⁵³ Segundo Dik (1989, p. 68-73), o predicado recebe um número de argumentos de acordo com sua forma de predicação nuclear, as valências. Os argumentos são obrigatórios e caracterizados por um conjunto de funções semânticas. Dessa maneira, um argumento extrapredicativo seria, na verdade, um termo satélite, i. é, um constituinte opcional da oração.

⁵⁴ cf. Carlson e Payne (1989) e Aikhenvald (2000b).

⁵⁵ Sousa Filho (2007, p. 237) descreve uma série de formas verbais supletivas em Xerente.

⁵⁶ Dubois (1998, p. 422): “*mot-portemanteau*, palavra entrecruzada, *mot-valise*, palavra entrecruzada”.

Sistemas de classificadores desenvolvem-se na junção⁵⁷ dos sistemas gramaticais e lexicais. Assim, são interessantes no sentido de revelar os processos pelos quais os sistemas gramaticais emergem. Atrás da absoluta excepcionalidade de todo sistema de classificadores escondem-se alguns padrões reorganizáveis de como os sistemas emergem, desenvolvem-se e decaem. Sistemas de classificadores e os próprios classificadores têm muitas origens e períodos de desenvolvimento. Os sistemas mais estabelecidos são complexos mosaicos desenvolvidos e renovados o tempo todo. As classes lexicais constituem sua fonte mais comum.

Segundo Gruyter (2004, p. 1026), “um dos mais impressionantes fatos sobre a origem dos classificadores é a mais disseminada recorrência de um pequeno e específico conjunto de nomes lexicais, conhecidos pelo fenômeno de ‘repeaters’, identificados pelo nome que classificam” e são encontrados na língua Jacalter.

Os verbos são também fonte de classificadores, embora com menos frequência quando comparados com os nomes. A Tabela 3 apresenta, de acordo com Aikhenvald (2000, p. 354), além dos grupos lexicais de nomes que tendem a gramaticalizar-se, também os diferentes tipos de categorização acionada por eles, bem como exemplo de línguas em que há ocorrência deles.

Tabela 3: Grupos de nomes com tendência a desenvolver-se em classificadores

Grupos de nomes com tendência a desenvolver-se em classificadores		
Grupos lexicais de nomes	Tipos de classificadores	Exemplos de Línguas
A) Partes do corpo	Classificadores verbais	Munduruku, Yanomami, Mayali (Australiana), Palikur, línguas do Sudeste Asiático (Thai, Chinês)
	Classificadores numerais	Totonac, Mayan, Minangkabau, Kana
	Classificadores locativos	Palikur
B) Nomes que fazem referência parentesco, traço humano e animais superiores	Classificadores nominais	Mayan, Australiana, a Austroasiática, Dâw (Maku)

⁵⁷ cf. item 2.1 deste capítulo.

	Classificadores numerais	Nilotic, Zande
	Classificadores possessivos	Ponapean
C) Nomes genéricos	Classificadores nominais	Minangkabau Mayan, Mixtec, Australiana
	Classificadores verbais	Australiana
	Classificadores possessivos	Línguas do Caribe, Nabëb (Maku), Línguas Yuman, Palikur, Bahwana, (Arawak), Tariana, Tupi-Guarani
	Classificadores numerais	Viet-Muong, Thai, Lao
D) Unidades contáveis	Classificadores numerais	Kana, Minangkabau
E) Itens de importância cultural (lar, casa, canoa)	Qualquer tipo	Línguas Arawak Ngan'gityemerri, Ponapean

Fonte: Aikhenvald (2000a, p. 354)

Entretanto, a origem da grande maioria dos classificadores não pode ser determinada somente por informações semânticas. Os exemplos que os estudiosos oferecem constituem mais exceções do que a regra das línguas das quais selecionam os dados.

2.5.1 EXTENSÃO SEMÂNTICA DOS CLASSIFICADORES

Os classificadores passam por um processo de extensão semântica: de sua semântica lexical original a outros traços semânticos porque os tipos de categorias a que se referem são muito diferentes dos tipos de categorias a que os nomes se referem. Enquanto nomes fazem referência a entidades específicas, os classificadores derivam dessas referências.

Gruyter (2004) acentua que o primeiro nível de extensão semântica dos classificadores é mais típico dos classificadores nominais e classificadores verbais incorporados, pois têm mais funções nominais. Por outro lado, os classificadores numerais

exibem uma extensão semântica mais adiantada, pois classificam metaforicamente os objetos evidenciando qualidades como forma e consistência. O mais conhecido exemplo ocorre com o agrupamento de nomes de partes de plantas.

Importante perspectiva de extensão semântica dos classificadores é a maneira como desenvolvem-se de únicos, específicos, para um *status* de classificadores gerais, ou seja, como passam da função de classificar um único membro do conjunto para um, indiscutivelmente, complexo e heterogêneo conjunto de objetos.

Entretanto, dadas tantas peculiaridades apresentadas pelos classificadores, os cenários propostos de emergência desses sistemas são ainda bastante especulativos, mas apontam também inúmeras possibilidades de pesquisa, já que os processos tanto de expansão, quanto de declínio dos classificadores podem revelar aspectos culturais, linguísticos e tipológicos, ainda nebulosos, sobre as motivações dos falantes em relação à preservação ou perda de suas línguas ameaçadas de desaparecimento.

Givón (1986), conforme já mencionado, salienta que a concepção de protótipos é necessária para explicar o uso e a mudança linguística e também os processos de aquisição de uma língua. Assim, o estudo da aquisição do gênero, das classes nominais e dos classificadores podem produzir dados relevantes sobre a natureza das motivações semânticas durante esse período, mostrando como e quais padrões são primeiramente e preferencialmente adquiridos.

2.6 TERMOS DE CLASSE

O item 2.2, entre outros fatores, aponta a questão dos “termos de classe” que, segundo Rosch (1973), podem ser definidos como termos de nível básico de categorização, nomes que são utilizados para conceituar coisas do ponto de vista perceptual e funcional: classificam assim os nomes⁵⁸ aos quais se agregam.

Para Aikhenvald (2000a, p. 59), os TC:

Classificam morfemas que participam da origem lexical de uma língua, embora sua existência e classificação funcional sejam facilmente identificadas. Sua descrição é frequentemente limitada a pequenos exemplos ilustrativos. A diferença entre morfemas derivacionais e termos de classe é que estes são usados em processos complexos nem sempre claramente elucidados. Ambos, no entanto, têm o rotulo de classificadores de tempo.

⁵⁸ Normalmente, nomes que designam objetos concretos.

Ainda de acordo com Aikhenvald (2000), termos de classe são morfemas classificatórios de origem claramente lexical, apresentam graus variados de produtividade no léxico de uma língua. A composição de nomes envolvendo nomes genérico-específicos pode ser comparada a componentes derivacionais em classes nominais (como *berry* em inglês – *blackberry, strawberry*), dado seu alto grau de lexicalização e o fato de serem restritos a uma classe de raízes nominais. Para Ferreira (2003), por essas razões tais termos de classe não devem ser considerados como parte de um sistema de classificação.

Um dos mais comuns domínios dos termos de classe é o das plantas, com o qual as línguas diferenciam características entre árvores, frutos, semente, raiz. Há evidências de línguas que têm classificadores com base nos termos de classe, como por exemplo a língua Rama (Nicarágua, CRAIG, 1990). Essa sobreposição do uso de morfemas derivacionais ou flexionais classificadores é mencionada por Payne (1986) para algumas línguas da América do Sul.

Em Panará (Jê), Dourado (2001, p. 206) afirma que “alguns formativos são encontrados integrando com outras raízes, nomes compostos na língua. Esse tipo de nome é chamado termo de classe [...]” E continua, “é uma categoria que ocorre como núcleo de nomes compostos e têm função classificatória similar à dos classificadores, mas no nível lexical. Não mostram a mesma extensão de uso dos classificadores”.

Ferreira (2003) apresenta um quadro dos termos de classe encontrados na língua Parkatêjê (Timbira-Macro-Jê). São termos que ordenam os itens de acordo com características comuns dentro de um determinado grupo de elementos tais como: *kE_* ‘invólucro’, *ho* ‘folha’, *h* ‘semente’, *kr↔®* ‘cabeça’, *tSom* ‘farinha’, *hi®* ‘carne’, *ko* ‘líquido’, *me®* ‘humano’ e *mp* ‘indefinido’.

Como se vê, instaura-se um problema bastante específico e complexo no que tange à identificação desses dois dispositivos de categorização linguística. Eles atuam como classificadores ou termos de classe? Diferenciá-los não parece tarefa fácil, pois apresentam características afins, como origem e função na co-ocorrência com os nomes.

Conforme Aikhenvald (2000), um critério decisivo para decidir se determinado sistema é de classificadores ou de termos de classe é verificar se os nomes genéricos (termos de classe) são obrigatórios e se é possível formular regras explícitas para sua omissão. Em relação ao Xerente, não parece possível omitir os termos de classes sem prejuízo para o significado dos compostos em que eles tomam parte.

2.7 NOMES DE PARTES DO CORPO EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA

Nunes (2000) afirma que o corpo humano oferece um conjunto conveniente de pontos de referência para vários tipos de orientação, seja orientação espacial, localização, extensão, seja em relação ao formato dos objetos.

Assim, por exemplo, a forma redonda da cabeça humana (*krã⁵⁹ ‘cabeça’ em Xerente) oferece a base conceitual para uma série de nomes que podem ser definidos como “coisa redonda”. O recorte feito pela língua enseja a percepção da forma da figura em analogia às partes do corpo humano que possuem forma semelhante a do objeto em questão. Trata-se portanto, de mecanismos de construção simbólica baseados na relação entre parte, forma e função dos nomes. Trata-se de um sistema aglutinante de noções que se combinam em compostos agregando, a cada novo acréscimo de morfema, valores semânticos de origem metafórica, i. é, significados originalmente construídos por metáforas, para indicar formato, cor, espessura, tamanho, sentimentos.

Para Gomes (2006), os nomes em função classificadora são nomes de partes que acionam a posse inalienável, que funcionam como classificadores, ou seja, integram os compostos indicando a forma do objeto designado. Na visão de Gomes (2006, p. 180), trata-se de “nomes em função classificadora” (NFC). Ainda de acordo com Gomes (op. cit.), o uso de nomes em função classificadora não tem caráter sistemático, mas possui “natureza bastante clara são nomes de partes, sejam partes do corpo animal, sejam do corpo vegetal”. Estes nomes, em seu sentido lexical (de nomear partes do corpo), são usados normalmente na língua.

O uso derivado (ou metafórico) é que constitui a relação que certos povos fazem ao tomar as partes do corpo (cabeça, dedos, dentes, pés, coração) como parâmetro de “medida” para designar forma ou função dos objetos. Como o uso de nomes em função classificadora não apresenta, também em Xerente, um caráter sistemático, este estudo procura identificar qual é o âmbito deste uso, ou melhor, como estes nomes atuam no composto que integram, para designar as categorias de forma, função, espécie, cor, tamanho, sentimento; e até que ponto pode-se dizer que desempenham realmente uma função classificadora na língua,

⁵⁹ Nome inalienável, ou obrigatoriamente possuído, conforme Siqueira (2003); porque os nomes das partes do corpo enquadram-se na categoria dos nomes inalienáveis em Xerente.

alçando pois, a uma classe morfológica funcional como tal e em que níveis reside este alcance: semântico, sintático, morfológico.

De acordo com Gomes (2006, p. 190-191), para o Mundurukú, esses níveis podem ser assim analisados:

A função básica de um nome que esteja sendo usado em função classificadora é indicar um traço saliente da forma do objeto. [...] um contraste entre nomes em função classificadora e nomes sem essa função. Os primeiros comportam-se como modificadores de um nome, cuja ocorrência independente não é possível: *puy X puy bu. Já os segundos indicam a parte de um todo, em sentido literal ou metafórico, sendo a ocorrência livre do todo atestada na língua: Biboy X Biboy ba ‘braço do Biboy’ (- ba usado em sentido literal) ou ako ‘bananeira’ X ako ba ‘braço (ou cilindro rígido) da bananeira’ (- ba usado em sentido metafórico). Os nomes em função classificadora mantêm uma relação semântica de modificado-modificador⁶⁰ com o nome com o qual combinam.

Convém ressaltar que um trabalho teórico sobre fenômenos linguísticos pode obviamente, receber análises diferentes, ou seja, um mesmo fato linguístico pode ser descrito à luz de diferentes teorias, o que, evidentemente, acarreta interpretações diferentes para o mesmo fato. Um bom exemplo disto é a interpretação realizada por Siqueira (2003) e, respectivamente, por Sousa Filho (2007), sobre a expressão de posse em Xerente. Para Siqueira (2003), a expressão de posse nos substantivos xerente é um traço semanticamente relevante que polariza a relação dos nomes, sob este aspecto, em dois grupos distintos: os inalienáveis (ou obrigatoriamente possuídos) e os alienáveis (ou não obrigatoriamente possuídos); diferentemente de Sousa Filho (2007), que procede a uma análise do mesmo fato baseado em Lyons (1979). Para este autor, a expressão de posse é tratada como um traço sintático, portanto um caso genitivo-possessivo. Dessa forma, o estudo a partir das valências pode, inclusive, diferenciar classificadores de termos de classe, numa interface entre morfologia/sintaxe⁶¹.

A interpretação de que a posse é um traço⁶² semanticamente relevante, é aceita também por Crofts (1985 apud Gomes, 2006, p. 52) que afirma que “pode-se dividir os nomes de duas formas: pela posse e pela classificação. Pela posse, ela se divide em três classes: nomes que são obrigatoriamente possuídos, nomes que são optativamente possuídos e os que não são possuídos”. Fazem uma interpretação semelhante a Crofts: Nichols (1988), Gomes (2006) e, para o Xerente, obviamente, Siqueira (2003, p. 24-26). Sendo assim, para descrever

⁶⁰ Grifo do autor.

⁶¹ cf. citação de Sousa Filho (2007, p.112).

⁶² É essa a interpretação que a autora faz em “Aspectos do Mundurukú”.

os nomes em função classificadora, este estudo pauta-se nessa interpretação, ou melhor, procura identificar e descrever os traços semânticos dos nomes de partes do corpo (portanto, inalienáveis) na função, aparentemente, de classificadores.

Este estudo considera que “classificadores” são elementos que, ao integrarem o composto, acrescentam a este, novas designações para indicar cor, formato, função, aspecto físico da figura de uma maneira geral. A língua já possui, evidentemente, essas palavras de uso funcional. À guisa de exemplo, é possível citar: rom – hã ‘casa’, rom – zâ ‘semente’, rom – ze ‘doença’ que não aparecem como forma livre⁶³ como zazu ‘pó’ (rom zazu⁶⁴ ‘algum pó’). A questão que se apresenta é que os nomes usados em função classificadora na língua akwê-xerente estão se lexicalizando, i. é, quando integram os compostos, “perdem” seu sentido primitivo que é o de designar as partes do corpo, visto que ocorrem em nível pós-lexical⁶⁵?

Para descrever os aspectos mais salientes da questão, este estudo toma como parâmetro o que foi realizado por Gomes (2006), em cujas tabelas se descrevem os traços mais relevantes acerca da função classificadora que os nomes de partes do corpo podem desempenhar na língua.

A respeito dos graus diferentes de lexicalização, com o objetivo de mostrar como um nome assume propriedades de classificadores e qual a relação que se estabelece entre o nome de partes e o nome classificado, Gomes (2006, p. 194) propõe uma escala em que são destacadas as propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas dos nomes em questão. Para cada composto, apresentam-se cinco níveis ou critérios de análise: “1. morfologia – o núcleo; 2. sintaxe interna – que sintagma constitui, 3. sintaxe externa – se o núcleo participa de incorporação (por repetição ou por subida), 4. semântica – se o núcleo é tomado em seu sentido literal ou é nome de parte, 5. conclusão sobre o núcleo – se está ou não em função classificadora”. Em relação a tais propriedades descritas na escala de graus de lexicalização, são contemplados aqui apenas os itens 1, 2, 4 e 5.

Quanto ao item 3 (sintaxe externa), por se tratar de questões sintáticas bastante complexas, requer-se um estudo mais aprofundado e detalhado de aspectos sintáticos que não constituem o escopo deste trabalho, dado o caráter morfológico que ora apresenta.

A proposta de descrição para este estudo aventa a hipótese de que alguns nomes de partes do corpo podem ser usados em função classificadora constituindo, assim, de acordo com Braggio (1999), um inventário (à semelhança de classificadores) amplo de itens usados

⁶³ cf. Câmara Jr. (2000, p. 69).

⁶⁴ Dados de Siqueira (2003, p. 36).

⁶⁵ Essa é uma característica do composto em Xerente como demonstrado em 3.3.2.2.

para designar o formato das coisas, sejam animais ou vegetais, formando “um sistema de classificação do mundo vegetal típico da língua xerente”. Na verdade, estes nomes comportam-se de várias maneiras e os traços semânticos que se acrescentam aos termos vão além das categorias de “animal”, “vegetal” e outras. Segundo Sousa filho (2007), os classificadores são nomes derivados de TC, porém exibem baixa referencialidade, i. é, se não referem, apresentam baixo grau de categorialidade.

Os classificadores, de acordo com Sousa Filho (2007), operam sobre uma base semântica, que implicam certos traços (mas não traços lexicais) do referente do sintagma nominal. Em Xerente, encontram-se classificadores em correferência com nomes. Ocorrem, fonologicamente, apoiados em nomes ou verbos. No nomes, podem ocorrer no meio da palavra ou seguindo o nome. No verbo, ocorrem procíticos, antecedem o tema verbal.

Para este estudo, interessam os nomes (raízes nominais) que recorrentemente se combinam com outros nomes, verbos, ou outras categorias gramaticais, para formar palavras compostas, constituindo (ou não) o núcleo desse novo lexema. Assim, conforme a análise de Gomes (2006), a proposta é uma tabela que identifica a existência de quatro níveis de lexicalização de sequências do tipo “nome + nome” (ou outras de base nominal). A proposta deste estudo é esboçar um quadro desses compostos xerente, cujos constituintes sejam, pelo menos em sentido primário, nomes de partes do corpo, para descrever como se comportam estes nomes na língua akwẽ-xerente. Sendo assim, no sentido de verificar se os nomes de partes do corpo comportam-se desta maneira (apresentando ocorrência mais dependente, agindo como classificadores) .

2.8 CLASSIFICADORES EM AKWÊ-XERENTE

Através dos vários estudos realizados por Braggio a respeito da língua e do povo Akwẽ-Xerente, é possível verificar alguns pontos que enfatizam a necessidade de se descrever o sistema de classificação (lexical, a princípio) da língua.

Assim, Braggio (2000, p. 37) salienta, entre outros aspectos, que:

[...] em Xerente Akwê há por volta de trinta nomes diferentes para peixes e estes entram em uma determinada categoria⁶⁶ [...] pude observar a delicadeza da classificação, que só o olhar Xerente Akwê pode perceber para cores, tamanhos, analogias com outros animais e plantas, entre outros aspectos.

E Braggio (2000, p. 37) continua:

além dos peixes há uma enorme categorização das plantas, ervas, pássaros, animais com a mesma sutileza de classificação formando um inventário de classificadores para formato de plantas, partes de plantas entre outras categorizações.

No que se refere aos nomes próprios em Xerente, Sousa Filho (2007, p. 97) considera que:

[...] a base semântica para a classificação dos nomes próprios em Xerente não é somente marcada morfologicamente, mas depende de um contexto mais amplo que inclui fatores socioculturais da comunidade de fala dessa língua, ou seja, há uma forma toda especial de classificação dos nomes pessoais Xerente que mostra que a base semântica para a classificação dos nomes nessa língua é dependente do conhecimento de mitos e crenças culturais da comunidade de fala a que pertence.

Sousa Filho (2007, p. 52) complementa: “os nomes da natureza se transformam em nomes da cultura, da organização social xerente, instaurando o princípio dialético composto por natureza e cultura”.

De acordo com os dados de Sousa Filho (2007, p. 112), pode-se afirmar que “na classificação xerente o alvo é o núcleo do SN” que ocupa a posição de sujeito de predicado nominal⁶⁷, sujeito de verbo intransitivo, objeto de verbo transitivo. Conforme os dados de Sousa Filho (2007, p. 112):

Tabela 4: Classificadores xerente

(1) dasa- ka -mar-m-zE	r↔)di
comida-CLAS ⁶⁸ -Pron-Ind-DAT-NMZ	ADJ
A colher está limpa" (<i>lit.</i> : , Coisa-côncava para dar comida.)	

⁶⁶ Estão arrolados no livro Tbê Akwê Nimtkaikrembbahã Peixes da Área Xerente, CEGRAF, 1997.

⁶⁷ Evidencia a proposta de Aikhenvald (2000) e de Gruyter (2004) sobre a ocorrência de classificadores em sintagmas nominais (ou expressões nominais)

⁶⁸ À guisa de legenda: ADJ. Adjetivo, CLAS – classificador; FUT.IMP. IRRE.DIR.futuro imperfectivo irrealis (modo), NSG NÃO SINGULAR, PAS.PERF.REAL.-passado perfeito realis (modo), PARTT.partitivo (caso), VL vogal de ligação.

(2) wde-kr↔)i)kuzE-kr↔)	m↔)t	O-wapt↔)r	
pé de laranja-CLAS	3PAS.PERF.REAL	3-cair	
“A laranja caiu”. (lit: Pé-laranja-fruta caiu.)			
(3) pikō	m↔)to hesp -kr↔)	kme)	su-z)(ri)
mulher	3PAS.PERF.REAL.Ev banana-CLAS	PARTT	CLAS-cortar “Ela cortou o cacho de banana”. (lit.: Ela cortou a fruta da bananeira em ramo (cacho).)
(4) wazum-z)	wakd)	waza	we ka-k)
feijão-CLAS	ADJ	1FUT.IMP.IRRE	DIR CLAS-pegar
“Vou trazer feijão preto”. (lit.: Feijão-semente preto eu pra cá coisa côncava-trazer”).			
(5) samu)ru are	kakr↔)-i-nōku	wa-zekre)ne)	
N. Pés	bacaba-VL-CLAS	1NSG-beber	
“Samu)ru, vamos tomar suco de bacaba”. (lit.: Samu)ru, vamos tomar bacaba-coisa sem consistência sólida.)			

Fonte: Sousa Filho (2007, p. 112).

Em relação aos termos de classe, Sousa Filho (2007, p. 113) apresenta os exemplos: **wde**, **tpe**, **pke**), **ni@rn↔)@ su**, que entram na composição de uma série de nomes designativos de plantas, partes da planta, partes do corpo, entre outros, analisados sob o prisma das características descritas no item 3.6 deste capítulo para os termos de classe. Além desses exemplos, Sousa Filho (2007, p. 114) cita como termos de classe os seguintes: “**sbi** ‘aracnídeo’, **h)** ‘casca, pele (externo)’, **ke** ‘abelha’, **waku** ‘caldo’, **nō** ‘não sólido’, **k)** ‘líquidos’, **kpu** ‘insetos que voam’, **kru** ‘ramos, grama’, **kt)** ‘mamíferos comestíveis’, **ku** ‘animais ferozes’, **amke** ‘cobras’, coisas e **tka** ‘terra’.

Para este estudo, considera-se como classificadores, além dos já apresentados por Sousa Filho (2007), os seguintes classificadores nominais: (i) **-pa** ‘coisa comprida’; (ii) **-po** ‘forma oblonga’; (iii) **-prE** ‘coisa madura, vermelhidão’; (iv) **-z)** ‘forma de semente’. Em relação a **-ka** ‘coisa côncava para dar comida’; **-nōku** ‘coisa sem consistência sólida’, não receberam o foco desta descrição, pois “**-ka**” configura-se como classificador verbal; e para descrever “**-nōku**” não há dados suficientemente claros para tal tarefa.

Com relação aos termos de classe, a proposta é descrever **du** ‘capim’, **nPõ** (coco⁶⁹) ‘palmáceas’, **k** ‘água’, **kPu** ‘roedores’, **kuh↔®** ‘suídeos’, **kuk↔®** ‘quelônios’, **kt** ‘animais comestíveis’, **si** ‘aves’, **tbe** ‘peixes’, **Yde** ‘árvore’, **z** ‘sementes’. Quando necessário recorre-se aos dados de Sousa Filho (2007).

Quanto aos nomes de partes em função classificadora, a análise considera as raízes **danp kPe** ‘orelha’, **kmõ** ‘chifre’, **kwa** ‘dente’, **pa** ‘fígado’, **pke®** ‘coração’, em sentido derivado, como passíveis de funcionar como classificadores em determinados contextos.

Não é difícil vislumbrar a complexidade dos exemplos e a sutileza da distinção entre as duas categorias linguísticas; termos de classe ou classificadores. Dessa maneira, a tarefa de distinguir e descrever as três categorias (incluindo nomes em função classificadora) constitui-se como ponto fulcral deste estudo. Obviamente, muitas outras questões linguísticas encontram-se imbricadas no âmbito da categorização semântico-lexical da língua akwê-xerente, as quais podem vir a ser usadas neste estudo.

Afinal, o estudo dos classificadores e dos sistemas de categorização nominal oferece indícios importantes para elucidação de questões cruciais que estão na base dos processos de desenvolvimento e obsolescência das línguas ameaçadas, pois os sistemas de classificação nominal se encontram intrinsecamente relacionados aos estágios por que passam as línguas rumo ao desaparecimento.

No próximo capítulo, são apresentados alguns conceitos importantes para a descrição que se intenta realizar sobre a categorização nominal em Xerente, tais como: de palavra, do próprio conceito de “nome”, de nomes inalienáveis e alienáveis e ainda, nome composto. A fim de reconhecer a função dos classificadores na constituição desses compostos, apresenta-se também a descrição dos classificadores nominais.

⁶⁹ O termo “**nPõ**” ‘coco’ estende-se para classificar todos os objetos que apresentam características semelhantes às árvores da família das palmáceas, não todas, mas grande parte delas. O nome “pizu”, por exemplo se refere ao buri, também semelhante a uma palmácea.

CAPÍTULO III

A CLASSIFICAÇÃO NOMINAL EM AKWÊ-XERENTE

Classificadores nominais correlacionam-se com características semânticas inerentes dos nomes, tais como ‘animal’, ‘humano’, ‘plantas’, ‘forma’; relacionam forma e estrutura do referente [...] frequentemente uma relação genérico-específica entre o classificador e o nome. Classificadores podem também referir-se ao status social ou a relações familiares das pessoas.

Aikhenvald (2000, p. 82)

Este capítulo tem como objetivo resenhar algumas considerações sobre morfologia, definição, extensão do âmbito e princípios teóricos importantes para a descrição e

análise dos aspectos de classificação apresentados pelos nomes em Xerente; também visa especificar os conceitos de nome e nome composto que este estudo intenta trabalhar para, em seguida, descrever alguns itens (morfemas) usados para indicar diversos tipos de características dos objetos nomeados, tais como: forma, cor, consistência – os classificadores. A seção 3.1 traz a matriz fonológica usada neste estudo e a 3.2 apresenta algumas considerações a respeito da estrutura silábica e dos padrões acentuais da língua xerente, haja vista a importância que tais conceitos representam para a definição e delimitação da palavra, seja ela simples ou composta.

Em seção à parte (3.5), procura-se descrever compostos em que aparece o item “**kP↔®**”, de uso bastante extenso⁷⁰ na língua, ao formar com outras raízes novos itens lexicais, ocupando as mais variadas funções, seja como núcleo, classificador ou ainda, preservando suas propriedades de nome inalienável (parte do corpo), em função classificadora. Em seguida na seção 3.6, da mesma maneira, descreve-se o item “**kwa**” que apresenta comportamento semelhante ao elemento “**kP↔®**”, i. é, tem uso extenso na língua. Pode aparecer como núcleo do composto, como nominalizador (cf.3.3.2), como classificador ou ainda como uma raiz nominal que integra inúmeras palavras com seus valores semânticos meio diluídos na direção do sentido totalizante.

3.1 MATRIZ FONOLÓGICA

⁷⁰ Ressalvados seus homônimos.

Consoantes								
	bilabial		alveolar		velar		glotal	
	surda	sonora	surda	sonora	surda	sonora	surda	sonora
oclusiva	p	b	t	d	k			
fricativa			s	z			h	
nasal		m		n				
tepe				P				
aproximante		w		j				
Vogais								
	Anterior		Central		Posterior			
Alta	Fechada	i i®		ʏ		u u®		
	Aberta							
o® Média	Fechada	e e®		↔ ↔®		o		
	Aberta	E						
Baixa	fechada							
	Aberta			a				

Figura 5: Revisão da matriz fonológica. Elaborada para este estudo a partir da proposta de Sousa Filho (2007) e Souza (2008).

A matriz fonológica usada para descrição e análise neste e nos demais capítulos, pauta-se nos inventários fonéticos e fonológicos da língua Akwe®-Xerente propostos a partir de descrições apresentadas por Mattos (1973), Braggio (2004), Sousa Filho (2007), Souza (2008) e também em decorrência da descrição fonética dos dados deste estudo. As diferenças entre as propostas apresentadas por esses pesquisadores remetem a questões que não estão no escopo deste trabalho. Assim, o quadro apresentado na Figura 5, ilustra a matriz adotada para as descrições e as análises realizadas a seguir.

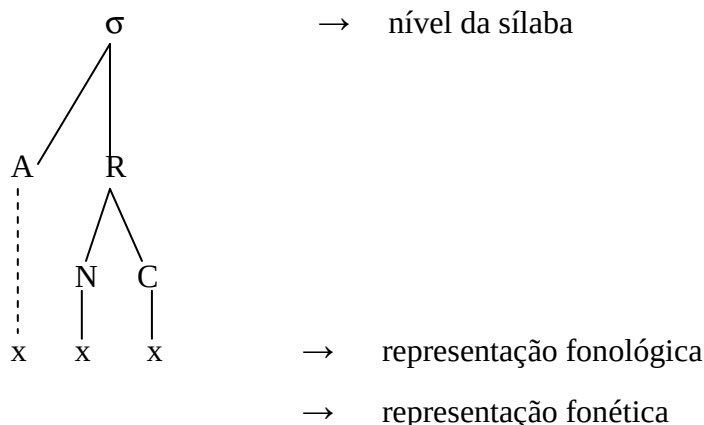
3.2 CONSTITUINTES SILÁBICOS

A estrutura silábica mais comum encontrada nas línguas do mundo é a seguinte: CV, i. é, uma consoante seguida de uma vogal, que também pode ser seguida ou não por outra consoante (CVC). Em outras palavras, V é “+ soante” e C é “– soante”.

Para Câmara JR. (2000), a sílaba apresenta um acento, um ápice e um declive. De qualquer modo, tenha que estrutura tiver a sílaba, da mais comum a mais complexa (CV, CVC, CCV, CCVC, V) as vogais formam o centro, o “núcleo” silábico. As consoantes que antecedem as vogais são chamadas “ataque” (ou *onset*) e as consoantes que seguem a vogal, ocorrem, pois após o núcleo, travando⁷¹ a sílaba, são conhecidas como declive (ou coda). Dessa forma, a sílaba se estrutura hierarquicamente como a seguir: a sílaba (σ); “A” para ataque; “R” para rima; que contém “N”, núcleo e, quando for o caso, “C” para coda, conforme figura 1:

(1) () $\rightarrow$ nível da palavra

(. *) $\rightarrow$ nível do pé



⁷¹ Para Câmara Jr.,(2000), trata-se de sílabas travadas; para Hayes (1992), são sílabas pesadas.

Logo, a relação entre os constituintes silábicos (A, R – N e C) não é linear, essas estruturas obedecem a uma construção hierárquica. A partir desse padrão, evidentemente, podem ser formadas estruturas mais complexas, permitindo fazer regras fonotáticas e definir contextos. Cagliari (2002, p. 119) rotula essa estruturação das sílabas de “planilha silábica” e liga vários fenômenos fonológicos a essa planilha, tais como ambissilabidade⁷², os elementos flutuantes, o peso silábico e a extrametricidade. Em termos gerais, a quantidade⁷³ silábica pode ser definida pela duração dos segmentos fônicos.

Hyman (1975) propôs para o peso silábico um conceito cuja ideia básica é a de que as sílabas compõem-se de constituintes ou unidades de peso, as moras (μ). Assim, uma sílaba pesada consiste em duas moras e as leves em uma mora. Vogais longas e ditongos contêm duas moras. A teoria da mora faz previsões interessantes acerca das regras fonológicas. Alguns moldes⁷⁴ ou matrizes (tais quais as árvores métricas) foram propostos para abarcar todas as unidades das sílabas e, de uma maneira geral, são associados à fonotática. Podem ser citados os seguintes estudos: o de Liberman e Prince (1977), a grade de Halle e Vergnaud (1987); toma-se também, como base de descrição a proposta de Hayes (1992), cujo modelo de grade incorpora o peso silábico aos próprios constituintes, chamados pés (Σ).

Embora os demais modelos teóricos admitam um grande número de sistemas de acento, para o de Hayes (1992), há apenas três tipos de sistemas de acento. A cada um corresponde um tipo de pé: (i) os sistemas acentuais insensíveis ao peso, com constituintes binários e cabeça à esquerda (* .) – o troqueu silábico; (ii) os sistemas sensíveis ao peso, com constituintes binários e cabeça à esquerda (* .) – o troqueu moraico; (iii) os sistemas com constituintes binários e cabeça à direita (. *) – o iambo. Como o troqueu silábico é insensível ao peso, não se conta mora (μ). Já o troqueu moraico considera o peso silábico, i.é, conta as moras, assim sílabas pesadas têm duas moras, cada duas moras formam um pé. O sistema iâmbico tem proeminência final, à direita. Esse aspecto é que diferencia o troqueu silábico do troqueu moraico e do iambo, pois estes últimos consideram o peso da sílaba.

⁷² Pode ser definido quando um segmento se liga a dois pontos na estrutura silábica, como por exemplo no sândi [ζ əμ:γ↔σ] ; elementos flutuantes, segundo Collischonn (1996, p. 109) são segmentos que, durante o processo de silabação (...) não podem ser associados a nenhuma sílaba; ainda conforme Collischonn (1996, p. 134), extrametricidade (noção introduzida por Liberman e Prince) é um recurso para explicar por que em determinadas línguas o acento não cai na última sílaba, mas na penúltima ou na antepenúltima, como o Swahili cujo acento sempre cai sobre a penúltima sílaba e não há acento secundários.

⁷³ Para uma definição específica e bastante detalhada da questão cf. também: Jota (1981, p. 277-279).

⁷⁴ Liberman e Prince (1977) e Halle e Vergnaud (1978), citados por Collischonn (1996, p. 131-135)

3.2.1 A SÍLABA XERENTE

Segundo Mattos (1973, p. 79), há em Xerente, 13 padrões silábicos, dos quais seis, o autor considera como básicos e os outros sete como resultado da perda de vogal. Braggio (2004, p. 15) identifica outros padrões para a sílaba xerente e Souza (2008, p. 83-84) aponta em seus dados, apenas seis tipos de sílaba (V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC). Comparando as três descrições - Mattos (1973), Braggio (2004) e Souza (2008) – é possível aventar a hipótese de que haja (sem considerar processos de apagamento de vogais, nem a ação de regras cíclicas) os seguintes padrões silábicos para o Xerente:

Número	sílaba	palavra	transcrição	português
(1)	V	wdê	/ʋ.de:/	‘árvore’
(2)	VC	arbopahi	/ar.bo.pHa.hi:/	‘sombriinha’
(3)	CV	kê	/kHɛ/	‘mel’
(4)	CVC	kuihâ	/kHuj.ha:/	‘jacaré’
(5)	CCV	kbarê	/kba.re:/	‘pequi’
(6)	CCVC	krat.du	/krat.du:/	‘saracura’
(7)	CCCV	tbro	/tbro:/	‘atravessar’
(8)	CCCCV	kupkrtã	/κHʋ.pkrtã:/	‘taboca’

Esquema 1: Padrões silábicos verificados na língua Xerente.

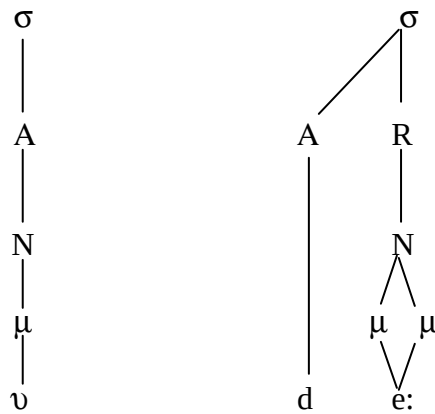
Conforme Mattos (1973, p. 81) e Krieger e Krieger (1984, p. 15), “a sílaba tônica em Xerente é sempre a última da palavra”, logo é previsível, pós-lexical, mas em certos contextos, pode haver o deslocamento da tonicidade para a penúltima sílaba com o conseqüente apagamento da vogal final e, conforme Souza (2008, p. 89), “nos casos em que há formação de palavra com acréscimo de sufixo, o acento migra para a última sílaba”. A seguir vêm as grades silábicas, considerando o peso como constituinte, portanto aponta-se as

moras e posteriormente a análise do tipo de acento que é mais comum na língua akwê-xerente.

3.2.1.1 AS GRADES SILÁBICAS

(1) Ydê ‘árvore’

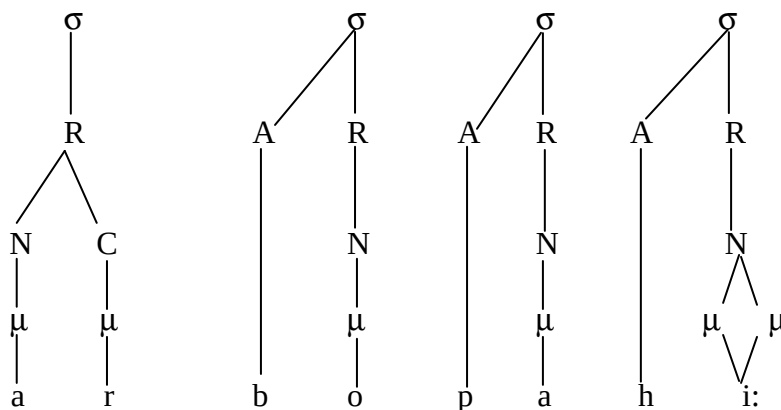
* (proeminência)



O padrão silábico V ocorre apenas em início de palavras e somente as vogais /a, u, i⁷⁵/ podem preenchê-lo. É possível adiantar, por este dado, que o sistema de acento da língua Akwê-Xerente tem proeminência final (o elemento mais forte fica à direita) portanto um sistema iâmbico.

(2) arbopahi ‘sombriinha’

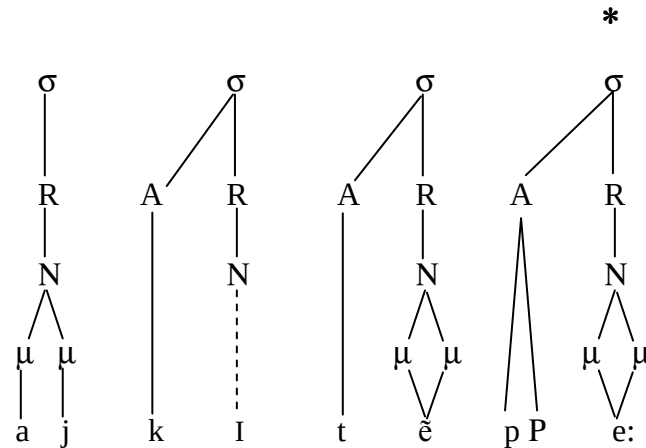
*



⁷⁵ Marcador de posse, tem função pronominal indicadora do possuidor de 1ª pessoa do singular Krieger e Krieger (1994 apud Siqueira, 2003, p. 29).

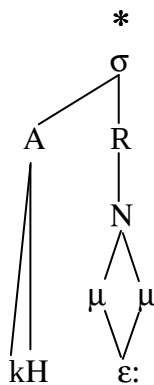
A sílaba VC, como neste dado, não é comum na língua, pois há muito poucas palavras que iniciam com vogal em Xerente. A posição de coda, frequentemente, é preenchida pelo glide /j/ e, segundo Souza (2008, p. 85), pelo “arquifonema /H/”, como no exemplo: [ax’ka] = /aHka/ ‘mutum’.

(3) aiktêprê ‘recém-nascido’



Na ocorrência deste padrão silábico (VC), verifica-se também a sílaba cujo núcleo é formado por um segmento vocálico e um “alongamento” em “semivogal” (ou aproximante). Os dados de Krieger e Krieger (1994 apud Siqueira, 2003), confirmam a existência deste tipo de sílaba, inclusive, há mais dados para ratificá-lo, já que o marcador de posse indicador da 2ª pessoa do singular “ai” apresenta esse tipo silábico. Outros exemplos: /wa/ ‘papagaio’, wakõ ‘quati’.

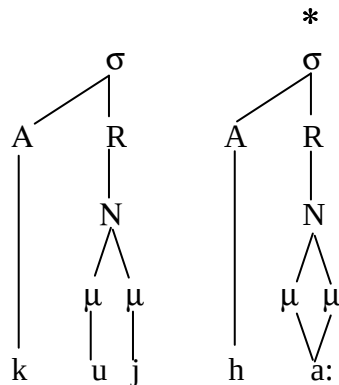
(4) kê ‘mel’



Ainda conforme Souza (2008, p. 84), as sílabas com “o padrão V, em posição não inicial devem ser interpretadas como sílaba CV, pois resultam da queda do fonema fricativo

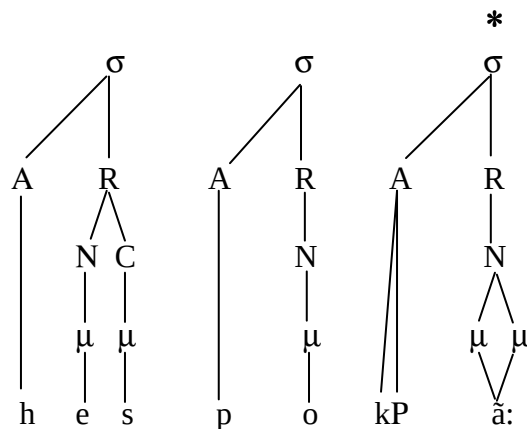
glotal /h/ entre vogais.⁷⁶” Para Braggio (2004, p. 15): “a sílaba CV está dando lugar a sílabas qualitativamente mais pesadas nos *onsets*, com o apagamento e/ou assimilação das vogais em sílabas átonas e leves ou ausentes na coda.” Mantém, outrossim, em monossilábicos: /ka/ ‘água’, /ka/ ‘branco, pele’, /ze/ ‘barro’, /kê/ ‘quebrar’, /ku/ ‘guará’.

(5) kuihâ ‘jacaré’



Note-se que este tipo de sílaba tem a posição de coda preenchida também pelo glide /j/, a posição de início da palavra (ataque) é, freqüentemente, preenchida por /k/. Mesmo tratando-se de uma sílaba pesada, a proeminência se mantém à direita, seguindo o sistema iâmbico da língua.

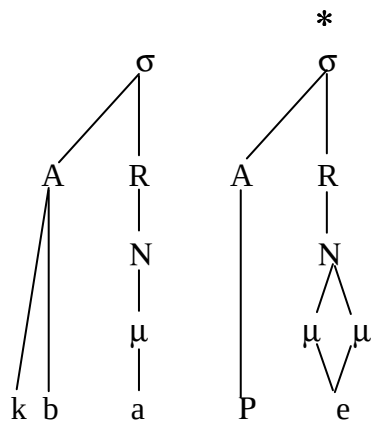
(5a) hespokrã ‘banana’



Este padrão silábico não é muito frequente na língua, a posição inicial (ataque) pode ser preenchida por /h/. Quanto à posição de coda /s/, Souza (2008, p. 86) considera que o fonema /s/ pode ser representado pelo arquifonema /S/.

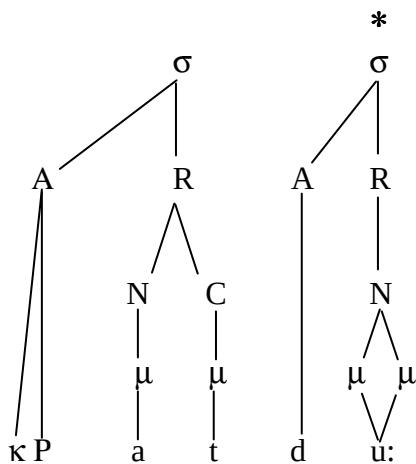
⁷⁶ Na verdade, Sousa Filho (2007), apud Souza (2008, p. 84).

(6) kbare ‘pequi’



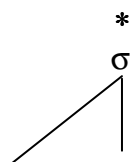
Trata-se da posição inicial preenchida por “ataque complexo”, i. é, a posição se ramifica dando origem a uma estrutura silábica mais complexa.

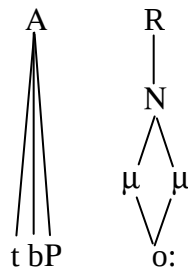
(7) kratdu ‘saracura’



Tipo de sílaba pouco frequente, apresenta ataque complexo ramificado e coda preenchida pela plosiva frontal /t/, sem a inserção (epêntese) de schwa (ou chevâ) /↔/. Mesmo assim o acento recai sobre a última sílaba.

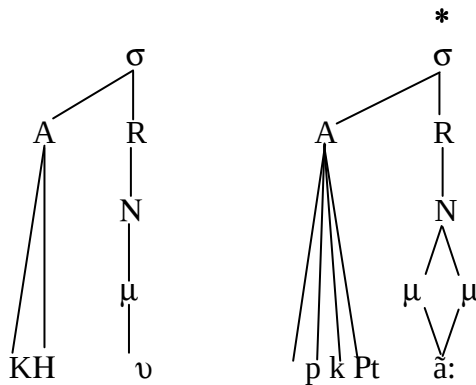
(8) tbro ‘atravessar’





Outro padrão silábico incomum em Xerente, este dado é de Braggio (2004, p. 15), entretanto não é difícil aventar a hipótese de que deve ter ocorrido o apagamento da vogal /e/ na sequência *tebro⁷⁷

(9) kupkrtã ‘taboca’



Este tipo de sílaba é bastante raro nos dados, mas apresenta uma estrutura silábica interessante do ponto de vista das possibilidades de organização fonotática da língua akwẽ-xerente.

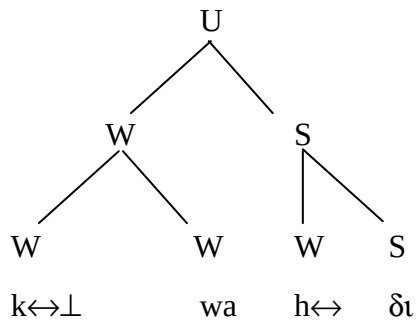
É possível afirmar que o sistema de acento que predomina em Xerente é o iambo (. *) – de proeminência final, à direita. A sílaba xerente apresenta dez padrões silábicos, sem se considerar, é claro, eventuais processos fonológicos que possam estar ocorrendo na língua atualmente, tais como: apagamento de segmento vocálico final, inserção de glide formando ditongos, monotongação, enfraquecimento, os quais levam a uma provável reestruturação da sílaba xerente.

Os processos em curso na língua, bem como a relação deles com a definição e delimitação dos limites da palavra simples e dos nomes compostos constituem objeto de análise dos próximos itens. Para efeito de ilustração e sem pretender adentrar muito na

⁷⁷ Forma hipotética não atestada.

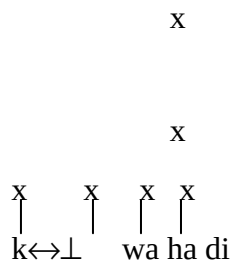
questão, segue-se uma breve aplicação do que seria a análise da relação entre as sílabas em função de suas saliências, i. é, a relação entre sílabas fortes (S – *strong*) e sílabas fracas (W – *weak*), em forma de árvore, no enunciado abaixo:

(10) $k \leftrightarrow \perp \quad \omega \alpha \varepsilon \eta \leftrightarrow \varepsilon \delta \iota$



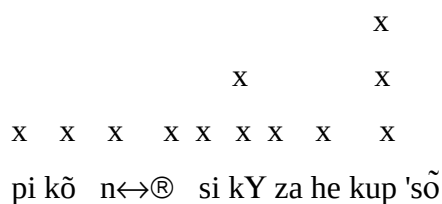
'a água é fria'

Ou a representação em forma de grade, como a seguir:



Cada sílaba recebe um X de acordo com a sua proeminência em relação às demais, a sílaba “di”, onde recai o acento principal e o acento primário recebe três X, portanto é a mais forte do grupo entonacioanal. Este esquema, sendo geral para a língua, configura o sistema de acento como iâmbico, marcando-o de acordo com a alternância entre sílabas fortes e fracas. Os dados a seguir configuram o mesmo esquema.

(11) $pi \ k\tilde{o} \ n \leftrightarrow \textcircled{R} \quad si \ kY \ za \ he \ kup \ 's\tilde{o}$



‘A mulher lavou a roupa’.

(12) nã kwa kwa ta 'h↔®

x
x
x x x x x
nã kwa kwa ta 'h↔®

‘Quem é aquele homem?’

A partir do quadro delineado, constata-se que o acento em Xerente apresenta-se bastante regular, a proeminência recai sobre a última sílaba, onde recaem tanto o acento primário quanto o acento principal do grupo entonacional. Conforme Mattos (1973) e Braggio (2004), esse esquema configura o ritmo acentual da língua.

Para delimitar uma palavra fonológica, além do critério de acentuação, pode-se recorrer às restrições fonotáticas da língua. Segundo Cândido (2004), a observação de pausas fonéticas na oralidade também pode contribuir para definição de uma palavra.

3.3 MORFOLOGIA

Como se pode ver, elaborar uma extensa revisão dos conceitos de morfologia não parece oportuno, haja vista a grande quantidade de conceitos apresentados pelas diferentes correntes linguísticas, apontando procedimentos para fundamentar descrições e análises das línguas no âmbito morfológico. Assim, dada a brevidade deste item, optou-se pelos conceitos que estão na base dos estudos de Katamba (1993), Matthews (1993), O’Grady; Dobrovolsky; Aronoff (1997) e Payne (2008).

Consensualmente, e sem adentrar na profundidade dos critérios envolvidos na terminologia dos conceitos estruturalistas, formalistas, gerativistas ou funcionalistas, a morfologia vem sendo entendida, a partir da instituição da Lingüística, como ciência (início do século vinte), como o estudo da estrutura interna das palavras e das suas possíveis variações.

Para Payne (2008, p. 20),

morfologia é o estudo das formas, as formas das palavras, e continua: tradicionalmente, a morfologia tem sido também considerada como o estudo de ‘categorias’ (i. é, operações ou funções⁷⁸) representadas por ajustes nas formas das palavras como distinção para essas operações representadas por processos analíticos e lexicais.

A forma das palavras apresenta unidades menores em sua estrutura, os morfemas.

Segundo O’Grady; Dobrovolsky; Aronoff (1997), o mais importante componente da estrutura da palavra é o morfema e também é a menor unidade da língua que carrega informações sobre significado ou funções (morfemas lexicais e gramaticais).

Bastante conhecida é a distinção feita por Bloomfield (1984) a respeito da possibilidade de um morfema poder aparecer livre ou preso a outros morfemas da língua. Payne (2008, p. 21-22) os define (morfemas livres e presos) como: “é um morfema livre desde que não tenha de fixar-se a outras formas”, “morfemas presos precisam fixar-se em outros morfemas para se integrarem naturalmente ao discurso”. E ainda: “em muitas línguas, raízes são morfemas presos, desde que não possam integrar-se ao discurso sem ter de fixar-se em outros morfemas”. Em outras palavras, os morfemas livres podem (sozinhos) constituir uma palavra da língua. Os classificadores xerente apresentam ambas as formas (livres e presos), conforme descrito na seção 3.5.

À definição dessas duas unidades morfológicas, é conveniente acrescentar as formas dependentes, conceito de Câmara Júnior. (2000), com que o autor introduz a noção de dependência para formas que, embora não sejam presas, também não aparecem isoladas, pois se ligam fonologicamente a outras palavras de acordo com as regras de acento, ritmo e entonação característicos de cada língua.

Um morfema também pode sofrer variações em sua forma (ou pronúncia), constituindo alomorfes⁷⁹ de um dado morfema. Os alomorfes de um morfema particular derivam-se de regras fonológicas e também de regras morfofonêmicas que podem ser aplicadas aos morfemas. Necessário ainda é ressaltar os conceitos de “raiz” e de “base” úteis às descrições do papel dos classificadores no nome composto.

Segundo Payne (2008), raiz é uma forma não analisável que expressa o conteúdo lexical básico da palavra. Já o conceito de “base” consiste, de acordo com Payne (2008), minimamente de uma raiz, mas pode ser analisada como raiz mais morfemas derivacionais. Como a raiz, a base pode ou não ser entendida como uma palavra de sentido completo.

⁷⁸ Grifo do autor.

⁷⁹ Em Xerente há alguns casos de alomorfia, para aprofundar a questão cf. Mattos (1973), Braggio (2005), Souza (2008).

A noção de palavra inclui diversos critérios necessários para a delimitação das fronteiras de uma palavra numa determinada língua, sejam critérios fonológicos, gramaticais ou critérios de natureza ortográfica. Para Anderson (1988 apud Cândido, 2004, p. 68), é possível pelo “critério fonológico definir uma palavra fonológica, observando necessariamente alguns fenômenos fonético-fonológicos que ocorrem na língua” (como os descritos em 3.2.1.1), para assim estabelecer os limites fonológicos e as fronteiras morfológicas, o que remete a outras características verificadas a partir de duas perspectivas: as propriedades distribucionais ou configuracionais e as propriedades estruturais, lembrando que a primeira propriedade se refere à distribuição das palavras nos sintagmas, orações ou textos; a segunda, à estrutura interna das palavras.

Em relação ao critério sintático, uma palavra pode ser definida em termos de processos morfológicos ou sintáticos. Um processo morfológico usado para definir uma palavra gramatical é a marca de pluralidade. Em Xerente, o formativo **–nõri®** efetua a marcação de número não-singular (toka ‘você’, toka nõrĩ kwa ‘vocês’; totahã ‘ele, tota nõrĩ hã ‘eles’). E **“saktẽĩarẽ”** comporta-se como quantificador, numa função classificatória.

13) totanoPĩ **saktẽĩarẽ** ã kP↔® h↔
 eles-P muitos-Q 3ª pess filho-NI
 ‘Eles têm muitos filhos’.

Mesmo que essas duas propriedades não possam ser dissociadas, já que esses critérios frequentemente se sobrepõem, este estudo focaliza as propriedades estruturais das palavras para reconhecer uma palavra como pertencendo à classe dos nomes em Xerente e também reconhecer uma palavra simples, diferente de uma composta, além de distinguir um composto de um sintagma nominal, conforme exposto no próximo item.

3.3.1 AS CLASSES DE PALAVRAS

De acordo com Sousa Filho (2007, p. 84), “pode-se distinguir em Xerente as seguintes classes de palavras: nome, verbo, advérbio, pronome, posposição, conjunção e partícula”. Como na maioria das línguas, as duas classes abertas mais numerosas em Xerente correspondem à classe dos nomes e à dos verbos. Este estudo centra-se nas propriedades estruturais do nome.

3.3.2 NOMES

Os nomes, obviamente, inserem-se numa categoria gramatical chamada tradicionalmente de “partes do discurso”. Segundo Payne (2008, p. 33), “a classe dos nomes numa língua qualquer inclui palavras que expressam os conceitos estáveis⁸⁰”. Como conceitos estáveis, Givón (1984) indica aqueles conceitos que não variam consideravelmente no decorrer do tempo e carregam em si um conjunto de traços⁸¹ semânticos hierarquicamente organizados. Quanto às propriedades distribucionais, os nomes em Xerente ocupam a posição de argumentos nucleares: sujeito, objeto direto e objeto indireto.

14) **pikõ** $n \leftrightarrow \textcircled{t}$ ⁸² zahi kani@ssuk.

mulher - N PAS PER REAL cabelo- OD cortar- V

‘A mulher cortou o cabelo.’

Em algumas dessas funções (exceto sujeito de verbo intransitivo e objeto de verbo transitivo) os nomes são seguidos por posposições que marcam os casos⁸³: ergativo, benefactivo, malefactivo, inessivo. Os nomes funcionam também como núcleo em frases nominais:

15) **kaP** $m \leftrightarrow \textcircled{to}$ $kP\varepsilon \textcircled{\pi} \tau \leftrightarrow$

arroz-N PANF maduro-MOD

‘O arroz está maduro.’

Em geral, as propriedades estruturais dos nomes incluem: (i) a possibilidade de receber modificadores descritivos, (ii) o uso de pronomes do caso genitivo (pronomes que marcam a posse).

16) $r \ m \ v\iota \textcircled{pv} \leftrightarrow \textcircled{}$ ptE $\delta\iota$ ⁸⁴

⁸⁰ Como em Xerente:

$kn \leftrightarrow \textcircled{}$, $kt \leftrightarrow \textcircled{}$ ‘pedra’,

$Y\delta\varepsilon$ ‘árvore’

$sr \leftrightarrow \textcircled{}$ dum zawPε ‘montanha’.

⁸¹ Tais como [entidade], temporal], [concreto], [animacidade], [humano].

⁸² $n \leftrightarrow \textcircled{t} \sim m \leftrightarrow \textcircled{t}$

⁸³ Cf. Sousa Filho (2007).

⁸⁴ A partícula “di” é um morfema preso com o qual se formam predicativos (cópula + predicativo).

flor-N amarela - MOD DES + Pred

‘A flor é amarela’.

17) i®zda↔ sPuPε δt

1ª pess boca-NI pequena-MOD DES + Pred

‘Minha boca é pequena’.

Sousa Filho (2007, p. 84-85) apresenta uma descrição detalhada das características dos “nomes” na língua xerente, ressaltando tanto suas propriedades distribucionais, quanto as estruturais e acentuando que essa constitui uma das maiores classes de palavras da língua:

- | | |
|--|--|
| 1) ocorrem como formas livres; | 9) exercem funções sintáticas argumentais de núcleo do sujeito ou do objeto direto ou indireto; |
| 2) recebem prefixos pessoais subjetivos e prefixos relacionais; | 10) apresentam valências 1 e 2 nos predicados genitivos em que ocorrem como núcleo; |
| 3) podem ocorrer com o formativo -nõri® que efetua a marcação do número não-singular nos nomes; | 11) podem ocorrer como predicados de orações não-verbais; |
| 4) podem receber eventual marcação do gênero em casos específicos; | 12) apresentam classificadores nominais, lexicalizados ou não; |
| 5) ocorrem com o sufixo -re, de diminutivo; | 13) do ponto de vista semântico, representam a nomenclatura referencial da língua Akwe®, sendo responsáveis pela referência da CF dos Xerente, operando a referência em grande parcela a partir de termos de classe; e |
| 6) recebem o marcador enfático -h↔®; | 14) ocorrem em uma subclasse de nomes que denominamos de nomes de conceitos de propriedades N-cp. |
| 7) podem ocorrer como formas derivadas de itens de outras classes de palavras; | |
| 8) podem ser marcadas pela posposição ergativa -te ~ -t, isto é, são marcados pela categoria de caso ergativo; | |

Pelos dados é possível citar alguns exemplos⁸⁵ ilustrativos das características apontadas em (18) 1, (19) 2, (20) 3, (21) 4, (22) 5, (23) 7, (24) 11, e 12 respectivamente:

18) r m kP↔® n↔®t waptar

fruta-N PAS PER REAL cair-V

‘A fruta caiu’.

19) i®kP↔zeki

⁸⁵ Não há, evidentemente, a intenção de ser exaustivo.

1ª pess cabeça-NI doer-V

‘Minha cabeça dói.’

20) tɛmkwa ne® wa **no®ri®®** wate

ter-V nós- form perna-NI

‘Nós temos duas pernas.’

21) a) waps↔®

cachorro-N

‘cachorro’

b) waps↔® si®mpikõ

cachorro-N R+ mulher-N

‘cadela’

22) tpe kare

peixe-N + água-N + DIM

‘piabinha’

23) a) sôkP↔®ptu⁸⁶

viver-V

b) sôkP↔®ptuzɛ

viver-V + NOM

‘vida’

c) kwikPe

escrever-V

d) kwikPekwa

escrever-V + AG

‘escritor’

24) r w↔stewa

kP↔®j skudi

⁸⁶ cf. Siqueira (2003, p. 38-39).

professor-N cabeça-NI + alisar-V + Pred

‘O professor é careca’.

Dessa maneira, no item 23 (a, b, c, d), observa-se a possibilidade de derivar nomes de outras classes gramaticais. Para tanto, a língua xerente dispõe dos nominalizadores “**zε**” e “**kwa**”, este sufixado ao verbo indica o agente (AG) da ação. Por sua vez, a questão 12 (apresenta classificadores nominais, lexicalizados ou não) interessa sobremaneira, já que integra um dos objetivos desta descrição.

Embora a língua xerente apresente três números (singular, plural e dual), esses não são marcados nos nomes, mas compõem uma característica flexional do verbo. Os dados não apontam para nenhum caso de número paucal⁸⁷ na classe dos nomes, mas a língua possui itens que poderiam funcionar como tal: **k↔@h↔@~ t↔@h↔@** ‘esse, essa, este’.

3.3.2.1 TIPOS DE NOMES

Toda língua tem subclasses de nomes definidas gramaticalmente mediante refinados sistemas de classe nominal. Nesta seção, aborda-se a questão dos nomes próprios e a distinção entre as possibilidades de marcar ou não a posse nos nomes. Nomes próprios são normalmente usados para se referir ou identificar pessoas, personagens culturalmente significativos, ou lugares. Em Xerente, para a escolha de nomes de homens ou mulheres, busca-se nomes de animais, de objetos e ações humanas ligadas a sentimentos. Há sufixos específicos para nomes masculinos⁸⁸ e para nomes femininos; respectivamente: **-ø**, **-me@kwa**, **-kwa** e os femininos: **-ø**, **-di**, **-ti** ou **-ki**. Alguns exemplos:

⁸⁷ Há evidências de número paucal em Panará (Jê), de acordo com Gonçalves (1993, p. 15):

KrompE με@ πασινα με@ κιτακριτι με ια – **py**ra – estes (paucal).

Kiompe, Pasina e Kitkriti, ‘estes vivem na casa’.

⁸⁸ Alguns nomes masculinos:

(Escrita ortográfica)

Hêsukamêkwa = junta papel e vai jogando.

Nrômêkwa = jogar o coco

Mmîrkopte = madeira candeia = Miró;

Kopte = amarelo

Sôiti = sovina

Simnã = plantado já nascendo

Skrawê = pau de muito galho

Ktâpomêkwa = joga enxada

Sepkrtumêkwa = joga o caldo

Srêkbupre = passar tinta vermelha na cara

Sukê = risada

25) kwat↔®po - **me®kwa**

Embira - NPM

‘nome próprio masculino’

26) simn↔® - **ø**

Desconfiar - NPM

‘nome próprio masculino’

27) aPb - **di**

morcego - NPF

‘nome próprio feminino’

28) mrãi - **ti**

floresta - NPF

‘nome próprio feminino’

29) hirê - **ki**

fino - NPF

‘nome próprio feminino’

A língua akwe®-xerente dispõe de um sistema nominal cuja posse é marcada ou não conforme o tipo de nome designado. Em outras palavras, o Xerente, assim como outras línguas da família Jê, marca a distinção formal baseada na diferença semântica entre posse alienável e posse inalienável.

Siwê = pássaro bonito

Rbiwê = nadar bonito

Srêwê = bonito;

Wakuke = pintado como onça

Wakomêkwa = Wakô = quati; joga o quati (que morde);

Wdêmêkwa = Wdê = pau; jogador de pau

Wazakru = eu vou mandar alguma coisa.

Para Payne (2008, p. 105), a posse alienável⁸⁹ é um tipo de posse que pode ser encerrada, ou seja, pode-se transferir a posse de coisas do mundo de uma pessoa para outra, por isso essa relação com as coisas do mundo é uma posse do tipo alienável. Posse inalienável é o tipo de posse que não pode ser interrompida (NI). Há também os nomes que podem ou não ser alienados, possuídos.

Normalmente, línguas que marcam a posse inalienável incluem nomes de partes do corpo e termos referentes a relações familiares, como itens inalienavelmente possuídos. Como ilustrado em 30, 31, 32, 33 e 34.

30) i® zahi⁹⁰ sruPε ki

1ª pess – cabelo MOD - curto

‘Meu cabelo é curto’.

31) knε®τ i®ni®pkraw↔ n↔®

pedra – erg 1ª pess – mão + ADV (na frente de)

‘A pedra está na minha mão’.

32) dadki zarE δi

3ª pess – barriga z-R3 - grande

‘A barriga dele é grande’.

33) Yde n↔®t

árvore PAS PER REAL

i®mn↔®wa

1ª pess – costas

samp k

V- jogar algo

‘Eu bati as costas na árvore’.

34) a) i®ni®mtiki

MPOSS 1ª pess - flecha

‘Eu tenho duas flechas’.

‘Minhas duas flechas’.

p nkwane®

NUM – dois

b) wa p nwane®

1ª pess – NUM – dois

i®ni®m tikidi

MPOSS 1ª pess – flecha

⁸⁹ Payne (2008, p. 40), em relação à possessibilidade, aponta três grupos de nomes: type 1: *possessable vs unpossessable nouns*; type 2: *inherently possessed vs optionally possessed nouns*; type 3: *alienably possessed vs inalienably possessed nouns*.

⁹⁰ Os dados atestam a variação: i®zai kturedi ‘meu cabelo é curto’.

‘Eu tenho duas flechas’.

Marca-se a posse por meio de um possessivo que indica se é primeira pessoa do singular, “**i®-**”; se é a segunda pessoa do singular “**ai-**” e a primeira pessoa do plural ou dual “**wa-**” e ainda a terceira pessoa coletiva que é marcada pelo possessivo “**da-**”. Os nomes alienáveis, quando “possuídos”, recebem o possessivo “**ni®m-**” (**si®®m**)⁹¹, este não dispensa o uso dos possessivos “**i®-**, **ai-** e **wa-**”, como em:

35) **ni®m** kt↔pPezu
 R3 dinheiro
 ‘dinheiro dele’

Pode indicar também a ação realizada por alguém.

36) **i®ni®m** kwikPe
 R 1 escrita
 ‘minha escrita’

A expressão de posse é, pois, inerente aos nomes inalienáveis (NI), obrigatoriamente possuídos, estes formam um conjunto fechado, pequeno em relação aos nomes que recebem o marcador de posse alienável. Os NI, conforme fora dito, referem-se aos nomes de partes do corpo, às relações familiares e a outras relações entre o nome e sua referência, não necessariamente aspectos de humanidade, tais como⁹² **® za** ‘semente’, ***h↔®** ‘casca’, ***b** ‘rabo’, ***nPõwa** ‘lar’. Os marcadores da posse inalienável são prefixados e têm função pronominal indicadora do possuidor.

Tem-se assim, a seguinte configuração: (i) Nomes inalienáveis (obrigatoriamente possuídos); (ii) nomes alienáveis (opcionalmente possuídos); (iii) nomes que não podem ser possuídos. A ênfase a essa propriedade dos nomes xerente é importante para descrever os nomes de partes do corpo que podem ter uma função classificadora na língua quando integram

⁹¹ Ribeiro (2002, p.12) separa o “n” do morfema de posse “ni®m-“(1ª pess) e os “s” do morfema de posse “si®m-“

(3ª pess), em vista das poucas evidências tanto para separar, como para não separar, nesta descrição optou-se por não separar. E Sousa Filho (2007): os relacionais /s/, /z/.

⁹² Indica posição preenchida pelo morfema marcador da posse (ou possessivo).

o nome composto, pois essa propriedade tem maior possibilidade de explicação para étimos (principalmente compostos). Por isso a opção pelo viés semântico da posse.

3.3.2.2 NOMES COMPOSTOS

Este estudo considera “composição” uma forma de criar novos itens lexicais na língua a partir de duas ou mais bases independentemente significativas (raízes) para que juntas venham a se comportar como uma só estrutura de autonomia semântica.

A língua akwe®-xerente apresenta uma grande quantidade de nomes compostos, formados⁹³ a partir de sequências de raízes simples da mesma classe gramatical ou de outras categorias do léxico. Entretanto, não são todas as sequências de palavras que podem ser consideradas um nome composto (doravante apenas composto). O item 37 ilustra que nem sempre uma sequência de raízes constitui um composto:

- 37) hesuka kum↔® tpekaPe
 caderno -conc piabinha
 ‘caderno com piabinha’

São discutíveis os critérios empregados para distinguir compostos de sintagmas nominais (como em 37). Um traço bastante usado para distinção entre composto e sintagma nominal tem sido o padrão acentual, i. é, associam o padrão acentual primário e secundário a nomes compostos e o primário e terciário a sintagmas nominais. Conforme verificado em 3.2.1.1, o acento, em Xerente, incide sobre a última sílaba das palavras. Assim, em um processo de composição, o acento do elemento que se posiciona mais à esquerda tende a enfraquecer ou mesmo desaparecer, pois o elemento em posição mais à direita deve receber o acento principal. Dessa maneira, se duas ou mais palavras se juntam em um sintagma, mantendo seus sentidos independentes e suas formas fonológicas coincidem com a forma fonética em termos de acento, cada palavra mantendo seu acento original, tem-se que tais

⁹³ É importante ressaltar que o Xerente é uma língua de predominância morfológica aglutinante, considerando, de acordo com Comrie (1981, p. 42-43), que: “Morphological typology usually recognizes three canonical types of language: isolating, agglutinating, and fusional, to which is sometimes added a fourth: polysynthetic (or incorporating). An isolating language is one which has no morphology, i. e. at least ideally, a language where there is one-to-one correspondence between words and morphemes. [...] an agglutinating language, a word may consist of more than one morpheme, but the boundaries between morphemes in the word are always clear-cut; moreover, a given morpheme has at least a reasonably invariant shape, so that the identification of morphemes in terms of their phonetic shape is also straightforward. [...] for a given noun form it is always possible to segment clearly into lexical stem [...] a fusional language, however, there is no such clear-cut boundary between morphemes, the characteristic of a fusional language being that together to give a single, unsegmentable morph.”

palavras não estão constituindo um composto, mas formam um sintagma nominal (como em 37).

Não se pode todavia, excluir o critério semântico uma vez que nos compostos, o significado é unitário. Em outras palavras, o significado de um composto como um todo, não pode ser inferido a partir da soma dos significados de seus constituintes.

38) akka + s + kP↔®j + (s) ku + mnõ

mutum-N + R3+ cabeça-NI + alisar-V + plantação-N

‘jacupim’

Em vista disso, considera-se uma sequência de raízes (ou bases), em Xerente, como um composto pautando-se em critérios prosódicos, formais e semânticos: (i) um padrão acentual próprio de uma palavra simples; (ii) morfologia flexional característica de palavras simples; (iii) significado específico do composto em oposição à combinação dos significados de cada constituinte da sequência sintagmática dos sintagmas nominais (como em 38). A maioria dos compostos em Xerente são formados por justaposição⁹⁴ (como em 39), com núcleo ocupado por duas possibilidades: nomes ou verbos, com elementos diversos tais como modificadores, conjunções, nominalizadores e outros nomes. Em compostos podem ocorrer até quatro itens.

39) norõi + wta + nã + kP↔®

coco-N + bico-N + colocar (posição horizontal)-V + preto-MOD

‘tucano-de-bico-preto’

Os constituintes do composto revelam-se importantes para o desvelamento das funções de cada um deles: quais podem constituir o núcleo, quais atuam como modificadores descritivos e quais funcionam como classificadores indicando forma, consistência, uso, cor, lugar dos objetos nomeados.

3.3.2.3 TOPÔNIMOS

⁹⁴ Termo emprestado da gramática tradicional por apresentar adequadamente o que ocorre na formação dos compostos da língua.

Os topônimos⁹⁵ xerente apresentam características semelhantes aos demais tipos de nomes compostos (cf. 3.3.2.2) da língua, i. é, (em termos morfológicos) a partir de algumas raízes, criam-se novas palavras com novas designações.

A estrutura do topônimo pode ser analisada em relação a aspectos intra e extralinguísticos. Da ligação entre o topônimo e o acidente geográfico, estabelece-se uma interação estreita que compreende, pelo menos, dois elementos básicos: o genérico e o específico. Isto ocorre de maneira muito semelhante à função que termos de classe desempenham na língua (cf. seção 4.1.1).

Embora os topônimos se circunscrevam ao âmbito mais específico da constituição das línguas de especialidade, ou seja, típico do vocabulário científico e técnico, observar a formação destes termos pode constituir-se também em um procedimento importante para a descrição do sistema de classificação nominal da língua, pois, conforme Dick (1990), a toponímia reflete de perto a vivência do homem como ser individual e como membro de um grupo.

Os topônimos xerente denominam, principalmente, os rios (hidrotopônimos), ribeirões, lagoas da área indígena. Entre tantos podem ser citados: Arbo nirkrpo wdê hu ‘Ribeirão⁹⁶ Vão Grande’, Akwe® nõku ‘Ribeirão da aldeia do Rio do Sono’, Kakto wdê hurê kâ ‘Ribeirão Imburuçu’, Kâ karê ‘Brejo do Cirino’, Kte® krâikwa ‘Serra do Carmo’, Kte® krsu kâ ‘Rio dos Bois’, Kte® ka kâ ‘Rio Sono’, Hêspo hu kâ ‘Ribeirão Bananal’, Po rêrkêze ‘Morro do Cahapéu’, Pku ware ‘Lagoa da Santa’. As denominações das aldeias apresentam também noções de origem espacial geográfica e de singularidades de cada entidade nomeada: Ro psê zawre ‘Aldeia Taverna’, Nrõ zawi ‘Aldeia Porteira’, Ktâ krê ‘Aldeia Panela-de-Ferro’.

3.4 CLASSIFICADORES NOMINAIS XERENTE

Assim como Aikhenvald (2000), Gruyter (2004) e Payne (2008), para a descrição dos classificadores xerente, este estudo considera que: os classificadores nominais têm origem lexical, caracterizam os nomes e co-ocorrem com eles; que a escolha de um classificador

⁹⁵ Esta seção apresenta uma breve descrição dos topônimos xerente, à guisa de ilustração. Na verdade, esta questão constitui objeto de futuros estudos desta pesquisadora.

⁹⁶ Escrita ortográfica.

baseia-se na semântica, que as línguas podem admitir a co-ocorrência de vários classificadores numa frase e, ainda, que um nome pode ser usado com classificadores diferentes. Além disso, os classificadores podem ocorrer como morfemas presos, quando incorporados, podendo gramaticalizar-se em extensões diversas.

Ao se incorporarem aos nomes, os classificadores podem evidenciar a interinfluência⁹⁷ que ocorre entre o pensamento de um povo e os modelos para quais os classificadores são requeridos. Esse processo é de natureza descritiva (figurativa) e evidencia aspectos significativos do ponto de vista deste povo sobre o referente.

Os classificadores passam por processos de alargamento de seus valores semânticos (cf. seção 2.5.1), da origem lexical para outros traços semânticos, pois os tipos de categoria a que se referem são de naturezas muito diferentes das que os nomes se referem. Classificadores apresentam-se num *continuum* semântico “fluido”: ampliam ou restringem algumas características atribuídas ao objeto.

Para a língua Akwe®, tem-se assim a descrição dos seguintes classificadores nominais: (i) **-pa** ‘coisa comprida’; (ii) **-po** ‘forma oblonga’; (iii) **-pPE** ‘coisa madura, vermelhidão’⁹⁸; (iv) **-z** ‘forma de semente’. Como foi dito anteriormente, em relação a **-ka** ‘coisa côncava para dar comida’ e **-nõku** ‘coisa sem consistência sólida’, estes não receberam o foco desta descrição, pois **-ka** configura-se como classificador verbal; já para descrever **-nõku**, não há dados suficientemente claros para tal tarefa.

Já a forma **-kP↔®** tem uso muito extenso na língua, ora comportando-se como classificador, ora atua como termo de classe. Recebe assim, juntamente com **kwa**, nos item 3.5 e 3.6, respectivamente, uma atenção mais específica. Dessa forma, a descrição dos morfemas (i) **-pa**, (ii) **-po**, (iii) **-pPE** e (iv) **-z** visa identificá-los como classificadores, tendo como parâmetro suas propriedades descritivas.

(i) – pa	‘coisa comprida’
origem ⁹⁹ : paki (MOD)	‘longo’

40) h↔j® waPe **pa** p aPE di¹⁰⁰

⁹⁷ Convém reafirmar que teorias de análise linguística, de paradigmas funcionalistas (aparentemente contrários) na verdade, não se excluem, mas se complementam, oferecendo visões mais amplas de um mesmo fato linguístico.

⁹⁸ Sousa Filho (2007).

⁹⁹ Aponta-se uma provável origem.

¹⁰⁰ -di, -ti e ki, morfemas usados para formar predicativos (funcionam como cópula+ predicativo).

(pele-BN + estreito-MOD + Class) largo-MOD + MFP

‘A tira de couro é larga’.

- 41) pPa kuza te **pa** n↔®t sapuk
 (pé-NI + roupa-N + perna-NI+comprida-Class) PAS PER REAL costurar-V
 ‘Ele costurou a bota’. lit. ‘roupa comprida do pé = bota’.

- 42) kuz↔ n↔®t sbi ni®pkPə **hipa**

pP

fogo-N PAS PER REAL (aranha-BN + MPoss +cabeça-NI + osso-NI + Class) queimar-V
 ‘O fogo queimou a aranha-do-brejo’. lit. ‘aranha + dedo + comprido’.

- 43) k\mba wat tpe ka **pa** ne®
 rio-N 1ª pess (peixe-N + água-N + Class) jogar (dentro)-V
 ‘Eu joguei a piaba comprida no rio’. (dentro do rio)

Classificadores incorporados aos nomes salientam aspectos dos objetos que se pretende ressaltar, comprido, aspecto meio amarelado, debilitado como nos compostos: akka **pa** ‘lacrada’, dapazE ‘bílis’, kwa **pa** ‘lâmina comprida’, Yde **pa** ‘raiz’.

- (ii) -p ‘forma oblonga’
 origem: p -V ‘achatar’
 p -N ‘veado’

- 44) nPõi **p** κP ı ko® di
 coco-N +class podre-MOD ADV MFP
 ‘O palmito não está podre’.

- 45) ↔®mb↔ n↔®t sikapPα **p** kne® ~ kme®
 homem-N PASPERREAL (galinha-N + pé-NI + Class) matar-V
 ‘O homem matou um pato’.

- 46) vde kP↔® **p** n↔®t tah↔® kne® si ~ kme®si

(árvore-N + fruto-N + Class) PASPERREAL comer-V

‘Ele comeu uma manga’.

A forma oblonga é marcada também em: kuk↔® h) **p** ‘cágadoə, kwa
 τ® **p** ‘embira’, **p** panh) ‘miroró’, tpe ka **p** ‘piaba larga’, tpe kP↔®j **p** ‘surubim’,
 wazumz) te® **p** ‘fava’, waps↔® pPα **p** ‘guaxinim’, em que a forma “mais larga que
 comprida” é evidente.

(iii) **-pPE** ‘coisa madura, vermelhidão’

origem: pPE δi-MFP ‘estar maduro’

47) si **pPE** m↔®tõ p↔ is i®di

(ave-N + Class) PANF asa-N R3 MFP

‘A asa da cigana (ave) está machucada’.

48) wa p vkwa ne® kuz↔ **pPE** k↔m↔®də

eu-P dois-NUM (onça parda-N + Class) ver-V

‘Eu estou vendo duas suçuaranas’.

49) aiktE **pPE** i®separkwa tEτ

(criança-N + Class) MPOSS mãe-NI TAMP¹⁰¹-segurar-V

‘A mãe está segurando o recém-nascido’.

O morfema “**pPE**” usado como classificador recorta do objeto características como cor avermelhada, vermelhidão o que, em alguns casos, denota coisa madura. Algumas frutas, por exemplo, ao amadurecerem ficam avermelhadas. Essa característica estende-se a

¹⁰¹ Segundo Sousa Filho (2007, p. 158),

A expressão TAMP em Akwe®-Xerente

(Jê):Modo Realis

Tempo Passado próximo: marcadores

perfectivos mais {t}

Passado evidencial: marcadores perfectivos

mais {t} e {o}

Presente progressivo: marcadores perfectivos

mais {t}

Presente progressivo evidencial: marcadores

perfectivos mais {t} e {o}

Aspecto Perfectivo: wa-, b) -, mã- ~ nã-

Imperfectivo: wa-, tE- ~ O-

Modo Irrealis

Tempo Presente habitual: marcadores

imperfectivos mais {za}

Futuro neutro: marcadores imperfectivos mais

{za}

Futuro imediato: marcadores perfectivos mais

{t} {o} e {za}

Futuro enfático: marcadores imperfectivos

mais{za}, {t} e {o}

Aspecto Perfectivo: wa-, b) -, mã- ~ nã-

Imperfectivo: wa-, tE- ~ O-

outros objetos, nem sempre apresentando tais aspectos. Acrescentam-se aos dados 47, 48 e 49 os seguintes: i®sate **pPE** ‘gema’, ke zekuhu nn↔® **pPE** ‘abelha-uruçu-amarela’, ke z\ **pPE** ‘abelha-vira-olho’, kP↔® **pPE** ‘periquito verdadeiro’, kP↔n **pPE** wawe® ‘periquito coroa’, kYpa Yde **pPE** ‘mandioca brava’, kvti zdapu **pPE** ‘jia’, ne® **pPE** pPePe ‘sangue de boi (pássaro)’, sika kP↔® **pPE** ‘galinha’.

(iv) - z\ ‘forma de semente’
origem: r ®μ z\ ‘semente’

50) waps↔® z\
(cachorro-N +Class)
‘pulga’

51) z\ ηvPt¹⁰² n↔®t waPa
(Class+ comer-V) PAS PER REAL correr-V
‘A cutia correu’.

A diferença entre classificadores nominais e termos de classe é sutil. Se consideradas as valências (em âmbito morfológico/sintático), pode-se ver que os classificadores apresentam valência 2; os termos de classe, valência 1. Para este estudo a distinção entre as duas categorias configura-se em relação à propriedade de recortar uma característica (em âmbito morfológico/semântico) do objeto nomeado, ressaltando forma, consistência, tamanho, específicas dos classificadores nominais em Xerente. Os termos de classe funcionam como um item de valor semântico mais globalizante no qual se agrupam outros nomes com os quais compartilham alguma característica (espécie, semelhança, origem). O gráfico relaciona classificadores, origem, sentido e alguns exemplos à maneira de resumo.

Classificador	Origem	Categorização	Glossa	Tradução
---------------	--------	---------------	--------	----------

¹⁰² Sugere-se o sentido literal: “comedor de sementes”.

pa	paki-MOD	‘coisa comprida’	pra kuza ¹⁰³ te pa	‘bota’
pPε	prɛdi-MOD	‘coisa madura, vermelhidão,’	kuza pPE	‘suçuarana’
p	p -V	‘forma oblonga’	ɔde kPε® p	‘manga’
z\	r μζ\)-N	‘forma de semente’	waps↔® z\	‘pulga’

Esquema 2: Classificadores Nominais em Xerente.

3.5 O ITEM **kP↔®**

A raiz **kP↔®** tem uso extenso na língua, todavia podem ser que se trate de (e com certeza são) formas homônimas (não totalmente homófonas, pela diferença da qualidade nasal das vogais) ou, como este estudo tem aventado, pode se tratar de formas polissêmicas. As raízes: ***kP↔®**¹⁰⁴ ‘cabeça’, **kP↔®** ‘fruto’, ***kP↔** ‘ovo’, ***kP↔** ‘vagina’, **kP↔** verbo ‘ter filho’, pode remeter a uma origem comum com formas divergentes semanticamente. Por seu turno, as formas para ‘cabeça’ e para ‘fruto’ são amplamente mais usadas que as demais.

Em muitos desses formativos, constituem a função de núcleo do composto. Assim guardam a base semântica do novo item. Em outras funções, de classificador, por exemplo, indicam uma categorização do objeto, seja relativa à forma, ao tamanho, ou à posição no corpo designado. Em outras palavras, a forma arredondada da cabeça e sua posição no corpo (sobre), constituem índices para a formação de inúmeros nomes compostos com valores semânticos ligados a esses significados básicos, como os dados atestam mediante a descrição feita no Esquema 3, sobre os usos dessa raiz tanto significando ‘cabeça’, como ‘fruto’.

¹⁰³ Sugere-se também o sentido: vestido justo, pronto.

¹⁰⁴ Lembrando que essa raiz apresenta o alomorfe: “**kP↔®j**”, resultado do provável alongamento da vogal média central “↔” (*shwá*) em contextos seguida por consoantes.

Item	Descrição	Sentido totalizante	Class	TC	NI
52) əinə®ka kP↔®	↔inə®ka kP↔® nuvem -N + Class(cabeça/redonda, cheia)	‘nuvem cheia’	X		
53) əkka skP↔®j ku mnõ	əkka kP↔®j iku mnõ mutum– BN+ Class(cabeça) INC+sku (alisar)VTD+ mnõ (lavoura)	‘jacupim’	X		
54) dakP↔ h) nka	dakP↔ h) nka HON + cabeça-NI + pele-NI branca – MOD	‘caspa’			X
55) dakP↔®j hi	dakP↔®j hi HON + cabeça-NI + osso – NI	‘caveira’			X
56) dakP↔®j tō kwa	dakP↔®j to® kwa HON + Class (cabeça) (?) + dente-NI	‘carrapi-cho’	X		
57) da ni®p kP↔®	da ni®p kP↔® HON + (?) + class	‘mão’	X		
58) hēsp kP↔®	hēsp kP↔® banana- N+ TC (fruta)	‘banana’		X	
59) hēsp kP↔®j kPa	hēspo + kP↔®j + kPa banana- N+ TC (fruta) + ter filho- V	‘banana-são-tomé’		X	

60) kP↔®j sku	kP↔®j + sku Class (cabeça) + alisar-V (Inc?)	‘careca’	X		
61) kP↔®j sku υδε	kP↔®j sku υδε Class + alisar-V + árvore-N	‘copaíba’	X		
62) kP↔®j ti	kP↔®j ti Class (cabeça) + carrapato-N	‘saúva’	X		
63) kP↔®j sku wa	kP↔®j + sku + wa Class (cabeça) + alisar-V + em	‘óleo de copaíba’	X		
64) kP↔®j bo	kP↔®j + bo cabeça-NI + (?)	‘coque de cabelo’			
65) υδε κPυ kP↔®	υde+ κPu + kP↔® árvore-N + grama-N + fruto-N	‘melancia’		X	X
66) tpe kP↔®j p	tpe kP↔®j p peixe-N + cabeçaNI + Class(forma oblonga)	‘surubim’			X

Esquema 3: As funções da raiz “**kP↔®**”.

Conforme o esquema gráfico ilustra, o morfema “**kP↔®**” combina-se com vários outros morfemas na formação dos compostos, usado com funções de categorização, seja como classificador, termo de classe ou em sentido primitivo (cabeça), como nome de parte do corpo, mas sem morfologia relacional. Há alguns dados que apontam ainda para incorporações nominais em que esse item se acha incorporado a verbos transitivos. Como alguns exemplos descritos por Dourado (2001) para a língua Panará (Jê); Ribeiro (1996), para o Karajá (Jê) e Ferreira (2003) sobre a língua Parkatejê.

3.6 O ITEM “kwa”

Semelhantemente à raiz **kP↔®**, o item **kwa** também apresenta um uso bastante extenso na língua. Aliás, o uso dessa raiz é também tão extenso e “multifuncional” que, historicamente, há relatos do termo **kwa** ligado ao nome pelo qual os próprios Xerente eram conhecidos, talvez como uma espécie de referência que os distinguia dos Xavante. Assim, Schroeder (2006, p. 22) indica esse fato:

Nos Annaes da Provincia de Goyas, redigidos por José Martins Pereira de Alencastre, comprova-se que os Xerente habitavam, nos começos do século XIX, as caatingas e charnecas do médio Tocantins, entre os rios Manuel Alves Grande e Manuel Alves Pequeno, e eram ainda encontrados nos sertões do Duro em 1810, quando foram submetidos pelo “capitão” Fernando. Delgado Freire de Castilho, que governou Goiás de 1809 a 1820 [...] Para o ano de 1812, o padre Luiz Antônio da Silva e Souza anotou em sua Memória as seguintes informações sobre os **Xerente** e os **Xerente “de-Quá”**¹⁰⁵.

Pode-se pensar que ambos os grupos eram conhecidos por Xerente e que um destes grupos recebia a designação kwa – Xerente **de quá** (devido ao extenso uso do termo na língua) que o distinguia do outro povo.

Os dados apontam para o uso desta raiz com funções nominais de núcleo do composto, no sentido de “dente” (NI); com função de classificador, indicando “instrumento” e como nominalizador, uso bastante produtivo na língua já que forma nomes a partir de verbos, i. é, sufixado ao verbo indica o agente da ação (cf. 3.3.1.2).

Comporta-se também como base para formação de inúmeros compostos, neste caso tem seu sentido “agentivo” ~ “denominal”, funcionando como base nominal na formação de verbos.

¹⁰⁵ Grifo nosso.

Item	Descrição	Sentido totalizante	Class	NI	NOM	D
67) kwanh \	kwanh \ dente-NI + (?) + pele-NI	‘gengiva’		X		
68) kwa pa	kwa pa dente-NI + class	‘lâmina’		X		
69) kwa kP↔®	kwa kP↔® D + cabeça-NI	‘cavar’				X
70) kwakP↔®kwa	kwa kP↔® kwa cavar-V + NOM	‘cavador’			X	X
71) kwakPsYh \	kwakPsYh \ dente-NI + cortar-V	‘lagartixa’		X		
72) kwa pe	kwa pe D-carregar	‘carregar’				X
73) kwa pse ®	kwa pse ® D + tornar+bonito-V	‘adornar’				X
74) kwa ne ®	kwa ne ® D-fazer + Comp	‘moquear’				X
75) kni ® kwa p	kni ® kwa p lâmina-N (NI) + Class	‘lança de lâmina larga’		X		
76) kPukwa ne ®	kPukwa ne ® rato-N + dente-NI + Comp	‘rato-de-taquara’		X		
77) P ® mkwa	P mkwa coisas-Ind + dente-NFC (*cf. p. 140)	‘espinho, instrumento’	*X			
78) P ® m kPu kwa	P m kPu kwa Coisas-Ind + rato-N + NOM wajkwa k \	‘rama de espinho’			X	

79) waj kwa k\	piranha-N +dente-NI + água-N	‘piranha’		X		
80) waj kwakwape	waj kwa kwa (t)pe piranha-N + raiz + peixe-N	‘pacu’				X

Esquema 4: as funções da raiz “**kwa**”.

Como se pode ver, o item **kwa** fornece a base nominal para composição apresentando diversos recursos de categorização, estabelecidos no sistema nominal como classificadores. Apresenta também um mecanismo que consiste em combinar nomes genéricos + nomes específicos (TC); funciona ainda como morfema derivativo, na formação de nomes (agente) a partir de uma raiz verbal e também funciona como “prefixo” formativo de verbo a partir de nomes. Isto aponta para o fato de que quando antecede um item, há um efeito, comporta-se como “denominal”; ao pospor-se a uma raiz há outro efeito e função, por exemplo, de nominalizador.

Quando **kwa** é usado como classificador correlaciona-se com características (animal, planta, forma, tamanho) que são inerentes aos nomes. Normalmente, essas características relacionam forma e estrutura do referente, uma relação genérico-específica entre classificador e termo classificado.

O próximo capítulo traz a descrição das raízes nominais que funcionam como termos de classe, arroladas em esquemas gráficos para maior visibilidade dos elementos que compõem os itens selecionados; apresenta também a análise das raízes **danp kPe** ‘orelha’, **kmõ** ‘chifre’, **kwa** ‘dente’, **pa** ‘fígado’, **pke®** ‘coração’ passíveis de uso classificatório.

CAPÍTULO IV

TERMOS DE CLASSE E NOMES DE PARTES DO CORPO EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA

Termos de classe são conjuntos de itens lexicais usados em “lexicogenesis”; eles participam da composição de processos de formação de palavras que são funcionalmente os processos derivacionais.

Grinevald (2000)

A escolha de qual conjunto de nomes torna-se classificadores é típico da família linguística ou de uma área específica, por qual motivo certos

nomes tornam-se classificadores em algumas línguas, mas não em outras, pode ser explicado, até certo ponto, por convenções e tradições socioculturais.

Aikhenvald (2000)

Este capítulo tem o objetivo de descrever uma série de raízes nominais que funcionam na língua Akwe®-Xerente como termos que organizam outros nomes mediante a observação de características que incluem aspectos de diversas ordens. Para maior clareza e mais visibilidade, os dados são descritos mediante esquemas¹⁰⁶ gráficos, reunidos nos respectivos conjuntos dos termos de classe. Apresenta-se também a análise de alguns nomes inalienáveis (NI), usados em função classificadora, em consonância com critérios de natureza morfológica, sintática e semântica. Para tanto, usa-se a mesma forma, esquemas gráficos.

Quando não houver no *corpus* a transcrição de algum dado, usa-se à parte (do gráfico) a relação de alguns itens, escritos em itálico, e de acordo com a ortografia xerente proposta por Krieger e Krieger (1994).

4.1 TERMOS DE CLASSE XERENTE

Consideradas as propostas de Aikhenvald (2000b), Dourado (2001), Araújo (2004) e Sousa Filho (2007) para o conceito e descrição de raízes nominais que funcionam como termos de classe (TC), propõe-se a análise das raízes: “**du**” ‘capim’, “**nPõ**” (coco¹⁰⁷) ‘palmáceas’, “**k**” ‘água’, “**kPu**” ‘roedores’ “**kuh↔®**”, ‘suídeos’, “**kuk↔®**” ‘quelônios’, “**kt**” ‘animais comestíveis’, “**si**” ‘aves’, “**tbe**” ‘peixes’, “**Yde**” ‘árvore’, “**z**” ‘sementes’. Essas raízes, recorrentemente, combinam-se com outras raízes formando nomes compostos (C) na língua xerente e esses nomes, geralmente, são usados em função classificadora.

Os TC em Xerente funcionam como uma espécie de hiperônimo constituindo um conjunto mais amplo, no qual muitos outros objetos podem ser inseridos, observadas suas características mais gerais e salientes como espécie, tipo, forma, habitat entre outros. Dadas as características eminentemente descritivas do composto na língua Xerente, o TC é um recurso produtivo de nível lexical, em cujas classes pode-se agrupar uma série de indivíduos designados a

¹⁰⁶ Para encaixar cada gráfico em uma única página, tornou-se necessário deixar algumas margens (inferiores) das páginas maiores que 2 cm (medida estipulada pelas normas da ABNT); mesmo assim, devido ao tamanho de alguns esquemas, não foi possível formatá-los em uma única página.

¹⁰⁷ O termo “**nPo®**” ‘coco’ estende-se para classificar todos os objetos que apresentam características semelhantes às árvores da família das palmáceas. Não todas, mas grande parte delas. O nome “pizu”, por exemplo se refere ao buriti, também semelhante a uma palmácea.

partir de uma categoria de nível básico a superordenados por meio de uma extensão de sentido, com funções semelhantes a de classificador, mas que, em vez de apontar para características salientes do objeto, organiza os objetos em grupos mediante observação dessas características salientes e afins.

De certa forma, os TC atuam como classificadores em nível lexical. Daí a diferença sutil que apresentam em relação aos classificadores propriamente ditos. Morfologicamente, compõem-se (quase sempre justapostos) de: (N + N), (N + N + N), (N + N + N + DIM), (N + DIM + N + Com), como em:

81) nPo®® vda

coco-N + bico-NI

‘tucano’

82) nPo® ωaωe® ζ\

coco-N + velho-N + ADV + Class- (P m)semente-N

‘polpa’ (de coco da praia)

83) kuh↔® b↔ kP↔® Pe

porco-N + rabo-NI + cabeça-NI + DIM

‘barrão’

84) kuh↔® Pe kwa ne®

porco-N + DIM + dente-N + como-Comp

‘quati-macho’

4.1.1 DESCRIÇÃO DOS TERMOS DE CLASSE

Há inúmeros compostos em cuja estrutura ocorrem termos de classe. Em vista disso, tem-se, a seguir, a relação dos TC verificados nos dados, bem como exemplos em que ocorrem e, quando possível, a origem lexical desses termos, como no esquema que apresenta o TC **du**.

Termo de Classe	Origem	Composto	Sentido superordenado	Tradução
85) du	(wadu) ‘capim’	dui ¹⁰⁸ kʊze dui kwa dui ni®rn↔® dui s↔ kPe waduihɪPe ¹⁰⁹	‘capim’	‘capim de cheiro’ ‘sapé’ ‘flor de erva’ ‘tipo de capim’ ‘capim dourado’

Esquema 5: Termo de Classe “**du**” ‘capim’.

Para o TC **nPo®**, o sentido que prevalece é o que aponta para o fato de essas árvores apresentarem tipos de folhas e de frutos semelhantes aos do coqueiro.

Termo de Classe	Origem	Composto	Sentido superordenado	Tradução
86) nPo®	(nPo®) ‘coco’	nPo® kPu nPo® t nPo®kwatəta ¹¹⁰ nPo®p nPo® ʋde su	‘palmáceas’	‘coqueiro’ ‘najá’ ‘alma-de-cabloco’ (pássaro) ‘palmito’ ‘palha de piaçaba’

Esquema 6: Termo de classe **nPo®** ‘palmáceas’.

¹⁰⁸ Processo morfofonêmico comum neste tipo de ambiente fonético, trata-se, provavelmente, do alongamento da vogal alta, posterior [u].

¹⁰⁹ Como na frase: Waduihire kbuzi paki ‘o capim dourado é longo e fino’.

¹¹⁰ Atua também como classificador.

Assim, é possível verificar que o TC superordena uma classe, a das palmáceas (árvores) e todas as que apresentam semelhanças com árvores desse tipo (coqueiros). No entanto, como se acentuou na nota 108, existem coqueiros que não recebem **nPo®** no nome: pizu ‘buriti’, wəPe ‘buritirana’, kakdo ‘macaúba’. O que evidencia a hipótese de que o uso dos TC se encontra relacionado, de alguma maneira, com convenções e com tradições socioculturais.

Em relação a **k** ‘água’, os compostos selecionados remetem ao significado ‘água’. Embora haja homônimos dessa raiz, a formação dos compostos do Esquema 7 corroboram o sentido ordenado para ‘água, líquido’.

Termo de classe	Origem	Composto	Sentido superordenado	Tradução
87) k\	(k\) ‘água’	k\ πPE k\ ζ↔®μ πP k\ κ↔ ka k\ κυρβ k\ νι®σδυ	‘água, líquido’	‘enchente’ ‘espuma de água’ ‘cachoeira’ ‘limbo’ ‘nascente’

Esquema 7: Termo de classe **k** ‘água’.

O TC **k** aparece também em inúmeros topônimos, haja vista a grande quantidade de rios, brejos, ribeirões existentes na área xerente. À guisa de exemplos, tem-se: Aptom¹¹¹ hu kê ‘Brejo do Meio’, Bru pré kê ‘Ribeirão Galho Grande’, Kâ karê ‘Brejo do Cirino’, Kâ pre kê

¹¹¹ Transcrição ortográfica conforme Krieger e Krieger (1994).

‘Ribeirão Brejão’, Kâ wawe® ‘Rio Tocantins’, Kte® ka kâ ‘Rio do Sono’, Kte® porê kâ ‘Lajeadozinho’.

Outro TC “**kPu**” engloba o conjunto de indivíduos semelhantes ao rato e apresentam, de certa forma, alguma semelhança com a classe dos roedores.

Termo de Classe	Origem	Composto	Sentido superordenado	Tradução
88) kPu	(kPu)‘rato’	kPu b\	‘semelhante ao rato’	‘rato grande do mato’
		kPu kPəPe		‘camundongo’
		kPu kτ\βi		‘preá’
		kPu ktō πPE		‘sarúê’
		kPu npokP πoPE		‘coelho’
		kPu tPo		‘rato doméstico’

Esquema 8: Termos de classe “**kPu**” ‘rato’.

Nem sempre os conjuntos formados são extensos. Há grupos bem numerosos como é o caso de **tpe** e **ude** outros com poucos nomes, como **kPu** (Esq.8).

O TC ordenado pela raiz **kuh↔®** (Esq. n. 9) parte desta raiz como núcleo dos compostos para outras formações, usando outras raízes e alguns morfemas presos para indicar tamanho e função dos objetos.

Termo de Classe	Origem	Composto	Sentido superordenado	Tradução
89) kuh↔®	(kuh↔®) porco- queixada		‘qualquer animal semelhante aos suídeos ¹¹² ,	

¹¹²Entende-se por suídeos todos os animais de cinco gêneros diferentes: o Sus, como os suínos domésticos (*Sus scroffa domesticus*) e os javalis europeus (*Sus scrofa scrofa*). Também os Tayassuídeos: o *Tayassu* e o *Catagonus*, cujos principais representantes no cerrado: catetos (*Tayassu tajacu*) e o queixadas (*tayassu pecari*). Todos são muito semelhantes.

		kuh↔ [®] ba kuh↔ [®] ba kPε kuh↔ba kPε PE kuh↔ [®] Pε kuh↔ [®] Pε κω↔ vε [®]		‘porco doméstico’ ‘leitão’ ‘cachaço’ ‘caítitu’ ‘quati macho’
--	--	---	--	--

Esquema 9: Termo de classe **kuh↔[®]** ‘suídeos’.

A raiz **kuk↔[®]** ‘jabuti’, funciona como núcleo¹¹³ (base lexical) para todos os termos ordenados por esse TC, sendo ‘jaboti’ o mais comum. Os outros indivíduos são nomeados a partir da forma do “**kuk↔[®]**”, forma essa que é ressaltada, mais larga que comprida, casco (**h**)), se vive na terra ou na água entre outras.

Termo de Classe	Origem	Composto	Sentido superordenado	Tradução
90) kuk↔[®]	(kuk↔[®]) ‘jabuti’	kuk↔ [®] h\ π kuk↔ [®] h\ π kuk↔ [®] h\πoPE	‘quelônios’	‘cágado’ ‘tartaruga’ ‘tracajá’

Esquema 10: Termo de classe **kuk↔[®]** ‘quelônios’.

Para todos esses conjuntos de TC há outros compostos. Entretanto, os que aparecem no *corpus* são elucidativos, pois oferecem uma mostra de como funciona o termo ordenador da classe. Mesmo que alguns objetos não compartilhem todas as características do termo de origem, de alguma forma apresentam semelhanças, como no conjunto abaixo, em que o TC **kt**\ ‘anta’ é usado como base para a formação dos demais termos, uma vez que nomeiam objetos inseridos mais recentemente na cultura xerente: bovinos em geral.

¹¹³ Núcleo também em termos morfológicos.

Termo de Classe	origem	composto	Sentido superordenado	tradução
91) kt	(kt) anta	kt \ κμō kt \ κμō koPe kt \ κμō koPe z↔ni® kt \ kmō si®mpikō	‘animais comestíveis’	‘gado’ ‘bezerro’ ‘boi’ ‘vaca’

Esquema 11: Termo de classe **kt** ‘animais comestíveis’.

O próximo esquema traz alguns compostos formados com o TC **si**, ressaltando características comuns a todos os indivíduos que estão incluídos neste termo geral.

Termo de Classe	Origem	Composto	Sentido superordenado	Tradução
92) si	(si) ‘ave’	sibaka sibaka waw↔® sidur kwat πPe sika kP↔ πPE sika kP↔ p si mn↔®ite si parhdu sit π kP↔ sizdaku	‘ave, pássaro’	‘garça’ ‘jaburu-moleque’ ‘gavião’ ‘galinha’ ‘pato ¹¹⁴ ’ ‘xexéu’ ‘urubu’ ‘tico-tico’ ‘bem-te-vi’

Esquema 12: Termo de classe **si** ‘aves’.

¹¹⁴ Nome do “pato” doméstico, para o pato silvestre a forma é “**m↔®ku**”.

Há outros compostos formados a partir do TC **si**, a saber: si mnãite wawe®¹¹⁵ ‘japim’, si ñ se® ‘quero-quero’, si pahiba ‘urubu-caçador-cabeça-amarela’, si pre ‘cigana’.

O TC **tpe** ordena uma das classes mais numerosas, aparece em inúmeros nomes de peixes e de outros animais que vivem na água. O livro *Tbê Akwê Ni@mtkaikrembbahã*, *Peixes da área Xerente*¹¹⁶, CEGRAF (1997) oferece muitos exemplos da variedade de peixes ordenados pela raiz **tpe**.

Termo de Classe	Origem	Composto	Sentido superordenado	Tradução
93) tpe	(tpe) ‘peixe’	tpe b↔ tpe k\ τπε ñ kwa tpe npPe tpe pe tpe to ko® tpe wazato tpe za Po tpe zdawaPe	‘peixe’	‘arraia’ ‘piaba’ ‘pescador’ ‘papa-terra’ ‘margarida’ (peixe) ‘candiru’ ‘piauí’ ‘dourado’ ‘braúna’

Esquema13: Termo de classe **tpe** ‘peixes’.

¹¹⁵ Escrita ortográfica.

¹¹⁶ cf. Anexo C.

Há, no entanto, alguns nomes de peixes que não se ordenam pelo TC **tpe**, o que mostra que existem classificações diferentes para a mesma espécie, mas que os Xerente ordenam em grupos distintos por razões provavelmente não linguísticas. À guisa de exemplo: ajkPzu ‘acari’ (peixe), k\zai®ku ‘boto’, kupi ‘poraquê’, zu ‘traíra’, suwaPa tom sdakPe ne® ‘tucunaré’, suwaPa t sdakPe ne® ka ‘corvina’, kukedi ‘pintado’. E ainda o grupo designativo para peixes semelhantes à piranha: wajkwa ~wajkwa pe ‘piranha’, wajkwa ka ‘pacu’, wajkwa nōkP pte ‘pacu-manteiga’, wajkwapPε ‘pacu-bandeira’, wajkwa waPa waw↔® ‘caranha’, wajkwaza kPu ‘pacu-do-rabo-vermelho’.

Outro conjunto bastante numeroso é o do TC **ude**, que funciona como núcleo (genérico-específico) para uma série de compostos cuja base lexical aponta para os significados: ‘árvore’, ‘madeira’, ‘pau’, como no Esquema 14.

Termo de Classe	Origem	Composto	Sentido superordenado	Tradução
94) ude	(ude) ‘árvore, madeira, pau’	β\ τυμ ude ¹¹⁷ kəko® ude kbaPe ude kukPekwaude Pōm kPe ude	‘árvore, madeira, pau’	‘urucum-do-brejo’ ‘jatobá’ ‘pequizeiro’ ‘lobeira’ ‘fruteira’

Esquema 14: Termo de classe **ude** ‘árvores’.

Existe uma pequena flutuação em relação à posição preenchida por esse TC **ude** no composto. Na maioria dos dados, ele ocupa a posição final do composto e, à sua esquerda, vem a descrição da ‘árvore’¹¹⁸ (específico-genérico). Entretanto, alguns dados indicam que “**Yde**” pode ocorrer também mais à esquerda do núcleo nominal quando se tratar do nome que

¹¹⁷ Há muitos outros compostos em que a raiz **ude** aparece no fim da palavra, mas para o objetivo deste esquema, os exemplos são elucidativos.

¹¹⁸ cf. Esquema n. 14.

se dá ao agrupamento de determinadas árvores: pizu **ude** hu ‘buritizal’, nPo® **ude** hu ‘babaçal’; No exemplo: sanm↔® waw↔® **ude** ktuPe ‘barbatimão’, também aparece à esquerda do núcleo. Talvez isto evidencie que a característica mais saliente dessas árvores (buriti, babaçu, barbatimão) para os Xerente seja o formato do tronco e das folhas, as quais são mais específicas dos coqueiros.

Em outros dados, para nomes de árvores, na classificação pode-se dispensar o uso desse TC, como nos exemplos: pizu ‘buriti’¹¹⁹, bPudu ‘pau-brasil’, kPkonistu ‘cachimbeiro’, kune®Pe® ‘araçazeiro’, ha ‘sambaíba’.

O TC **z** tem usos variados na língua, ora funcionando como classificador para indicar objetos que apresenta semelhanças com uma semente, ora como um “superordenador” de classe, organizando objetos que são de fato sementes, cf. esq. 15.

Termo de Classe	Origem	Composto	Sentido superordenado	Tradução
95) z\	(P mz\) ‘semente’	no z\ nPo®ωaω↔® z\ waps↔® z\ ζυμ z\	‘qualquer coisa semelhante a uma semente’	‘milho’ ‘polpa de coco’ ‘pulga’ ‘feijão’

Esquema 15: Termo de classe **z** ‘sementes’.

Embora inicialmente não figurassem no *corpus* como TC, pode-se também apontar as raízes **hesp** ‘banana’ e **kupa** ‘mandioca’, como termos que organizam uma classe, já que reúnem nomes formados a partir da observação das diferenças de forma, sabor, cor e consistência de objetos semelhantes, mas não iguais, conforme esquemas seguintes:

Termo de Classe	Origem	Composto	Sentido superordenado	Tradução
96) hesp	hesp ‘banana’		‘banana’	

¹¹⁹ cf. o que o esquema do TC **nPo®** mostra. O termo “buriti” também não está ordenado como palmácea (cf. também nota n. 108).

		hesp kP↔® kP↔ hesp kuze ηεσπ patPe ηεσπ patPe ωαω↔® ηεσπ te pa		‘banana são Tomé’ ‘banana da terra’ ‘banana pratinha’ ‘banana prata’ ‘banana comprida’
--	--	--	--	--

Esquema 16: Termo de classe **ηεσπ** ‘banana’.

Há também: ηεσπ to pPe ‘banana roxa’, ηεσπ Yde ktuPe ‘banana nanica’, ηεσπ Yτω ktuPe ‘banana três quinas’, que usam “**hesp**” como núcleo do formativo.

Em relação ao termo **kupa**, ocorre o mesmo que os anteriores, i. é, toma-se essa raiz como base para nomear as demais espécies de mandioca.

Termo de Classe	Origem	Composto	Sentido superordenado	Tradução
97) kupa	(kupa) ‘mandioca’	kupa h\ kP↔® kupa h\re kupa huP↔® kupa ni®tPo pPE kupa sui® poPE kupa Yde pPE	‘mandioca’	‘mandioca-galheiro’ ‘mandioca-sutinga’ ‘comida indígena’ ‘mandioca-piripiri’ ‘mandioca-imburana’ ‘mandioca-

				brava'
--	--	--	--	--------

Esquema 17: Termo de classe **kupa** ‘mandioca’.

Esse TC entra na formação de outros tantos compostos que designam objetos ou da espécie “mandioca” ou que são feitos com mandioca, todavia não entram no esquema acima porque não foram transcritos foneticamente, mas podem ser citados tais como: kupa kbu ‘beiju de mandioca’, kupa kreze ‘tapiti’, kupa zu ‘farinha de mandioca’.

Na próxima seção, descreve-se uma série de nomes inalienáveis que podem apresentar uma função classificadora.

4.2 NOMES DE PARTES DO CORPO EM XERENTE: FUNÇÃO CLASSIFICADORA

Há, em Xerente, um conjunto significativo de nomes passíveis de serem usados como classificadores, ou seja, revelam uma função classificadora¹²⁰. São, em sua maioria, nomes de partes do corpo, logo, de posse inalienável¹²¹. Ao serem usados como classificadores, ressaltam a forma do objeto designado.

Aikhenvald (2000b) afirma que os nomes das partes do corpo podem ser usados como classificadores para indicar traços ‘humano’ e ‘animal’ em geral. O uso de partes do corpo envolve processos metonímicos geralmente definidos pelas partes salientes do corpo. As partes do corpo humano frequentemente mais usadas como classificadores são, de acordo com Aikhenvald (2000), ‘cabeça’ e ‘olhos’. A mudança semântica vai do mais específico para o referente mais geral. O esquema¹²² a seguir traz um quadro representativo¹²³ desses nomes.

No uso de nomes em função classificadora (já que a descrição acena para esta possibilidade) pode ser percebido também com nomes de animais, vegetais e outros elementos do mundo conceptual xerente; até mesmo em empréstimos do português incorporados ao léxico da língua, como Braggio (1999, p. 31-32) aponta (para a fala dos + velhos): “chinelo”,

¹²⁰ Cf. revisão teórica do capítulo 3, seção 3.7.

¹²¹ Não aparecem com o marcador de posse. Cf. seção 4.1.1. do capítulo 4.

¹²² Adaptação da tabela apresentada por Gomes (2006, p. 176).

¹²³ Apenas para formativos nominais, não incluindo formas verbais.

dapra hâ (pé casca); “papel”, hâisuka (folha para escrever); “lápis”, ikuikrãize (coisa com que a gente escreve); “rádio”, tâamrême (ferro que fala).

Nomes em função classificadora	Significado primitivo	Significado derivado	Exemplos de nomes classificados vegetal outros	Tradução
98) danp kPe	‘orelha’	‘forma de orelha’	danp kPe ne® danp kPe ne® Yde	‘tamboril’ ‘urupê’
99) kmõ	‘chifre’	‘como um chifre’	p kmõ ne® kt\ kmõ kPe zani® kt\ kup kPe	‘fidalgo’ (peixe) ‘boi’ ‘chifre-de- fogo’ (isqueiro)
100) kwa	‘dente’	‘instrumento que corta’	kwamh\	‘injeção’ κωα ζαkP↔zε ‘pedra de amolar’ ‘espinho’

			P ®mkwa	
101) pa	‘figado’	‘aspecto amarelado’	zupakaPe zupapPε	‘gingibre’ ‘açafrão’
102) pke®	‘coração’	‘relacionado a sentimentos, dor’	pke® zani®zε pke® ω↔dk↔ pke® hirwa	‘fôlego’ ‘tristeza’ ‘libertador’

Esquema 18: Nomes em função classificadora.

Conforme mostra o esquema, o uso de nomes em função classificadora (NFC) está presente na designação de animais e de outros elementos. A natureza desses nomes é bastante clara, ou seja, são nomes de partes do corpo e, assim, nomes inalienáveis na língua Xerente: **danp kPe** ‘orelha’, **kmõ ~ ku** ‘chifre’, **kwa** ‘dente’, **pa** ‘figado’, **pke®** ‘coração’, **to ~ t** ‘olho’ que, em sentido primitivo, são plenamente usados na língua. Assim, é necessário verificar se o uso condiz com o sentido metafórico mediante processo de analogia, ou se primitivo (sentido próprio) como nome de alguma parte do corpo. Dessa maneira, há nomes como **kmõ** ‘chifre’, **to** ‘olho’ (e também **h**) ‘casca’, ‘pele’) que integram alguns compostos, mas parecem resguardar seu sentido primitivo (‘chifre’, ‘olho’, ‘casca’).

O que é discutido nesta seção é o uso derivado desses termos, i. é, quando usados em função classificadora, em que o significado primitivo não está em jogo, mas o sentido derivado ‘forma de orelha’, ‘instrumento que corta’, ‘aspecto amarelado’, ‘sentimentos’ entre outros. Quando integram o composto e mantêm o sentido primitivo, pode-se dizer que não estão em função classificadora. Por seu turno, quando apresentam significado derivado, ocorrem em função classificadora.

O uso de nomes como classificadores apresenta mais ou menos sistematizado, pois é recorrente. Logo é importante identificar a natureza e extensão dessa ocorrência. A função básica desses nomes é indicar um traço saliente da forma do objeto, conforme o Esquema 18 pode mostrar. Os NFC mantêm também uma relação semântica de modificador-

modificado com o nome com o qual se combinam, às vezes baixo em referência, pois não têm autonomia lexical. Pode ocorrer também uma relação metonímica (todo-parte), quando se combinam com nomes altos em referência. Com o objetivo de mostrar como esses nomes se comportam face aos graus de lexicalização ou como assumem propriedades de classificador e que tipo de relações se estabelecem entre ele e o nome que classificam, desenha-se a seguir as escalas em que se pode verificar que propriedades os NFC possuem nos compostos.

4.2.1 MORFOLOGIA DOS NOMES EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA

Os nomes em função classificadora, como qualquer outro nome desse tipo, são inalienáveis, portanto tomam os marcadores de posse, mas ao integrarem o composto, dispensa-se o uso desse possessivo. Em alguns itens, o possessivo permanece, porém não aponta exatamente o possuidor, mas uma posse genérica, inerente ao significado de que “um olho”, por exemplo, é sempre “o olho de alguém”.

Mesmo atuando como classificadores, esses nomes não apresentam nenhum traço morfológico diferente daqueles que não estão em função classificadora. Como na comparação: **kwam** h\ ‘injeção’, **t p** kui®bP ‘corujinha’; em que **kwa** indica a analogia entre semelhança/função do dente e da agulha (injeção) respectivamente e **to** no composto refere-se ao ‘olho’ da corujinha, parte do corpo do objeto, portanto sentido primitivo, embora, neste exemplo não se use o possessivo específico do possuidor do olho.

Alguns nomes de partes do corpo, sobretudo humano, que são compostos com NFC, nestes casos, não apresentam a morfologia relacional, mostrada acima, uma vez que, provavelmente, perderam sua independência morfológica. Em outros termos, perdem valência nominal para se tornarem parte da composição. Quando ocorre incorporação, por exemplo, é o composto inteiro que se incorpora, diferente dos nomes vistos anteriormente, dos quais apenas o NFC que se incorpora.

a) kP↔®	‘cabeça’ = arredondado
	dαh\τ p kP↔®
‘mamilo’	
	h\ kP↔® jti
‘joelho’	
	kP↔® φ h\
‘caveira’	

	‘útero’ kP↔[®] zε
b) hi	‘osso’ = branco, sob, alongado danipkP↔ hi ‘dedo’ kP↔[®]jti ‘joelho’ hi
c) h\	‘pele, casca’ h\pku ‘ferida’
d) pPa	‘pé’ pPakrda ‘calcanhar’ pPakrpoh\ ‘unha’
e) t	‘olho’ kat ‘corcunda’ δαh\τ p kP↔[®] ‘mamilo’

Esquema19: NFC em composição com partes do corpo.

4.2.2 A SINTAXE DOS NOMES EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA

Os nomes em função classificadora que estão em composição podem atuar como núcleo ou manter com outro núcleo relação de modificador e apresentar função descritiva. Em termos de constituição, não existe diferença entre o uso de um nome em função classificadora e o uso desse mesmo nome em função não-classificadora, situações em que guardam sua natureza possessiva. A diferença entre eles se dá em outro plano sintático: a incorporação; e também no plano semântico descrito no próximo item.

A incorporação possível é a migração do núcleo de um sintagma nominal para um sintagma verbal, constituindo com este um composto. Como se pode ver a seguir:

103) a) t poko 'abrir os olhos'

b) t t ko 'latejar, pulsar'

104) $\leftrightarrow \textcircled{R} \text{mb} \leftrightarrow \textcircled{R}$ $n \leftrightarrow \textcircled{R} t$ $i \textcircled{R} kP \leftrightarrow \textcircled{R} jsuku$
 homem PAS PER REAL 1ª pess R1 (cabeça) + raspou-VT
 'O homem raspou sua cabeça'. (lit. a própria cabeça)

4.2.3 A SEMÂNTICA DOS NOMES EM FUNÇÃO CLASSIFICADORA

Conforme foi dito, a função básica de um nome que esteja em função classificadora é indicar um traço saliente da forma¹²⁴ do objeto, como se pode ver no Esquema 16. Nesta seção, a proposta equivale a fazer um contraste entre nomes em função classificadora e nomes sem essa função. Os primeiros comportam-se como modificadores de um nome, cuja ocorrência independente não é possível.

Por outro lado, os nomes sem essa função indicam a parte do todo, em sentido literal e com ocorrência livre na língua. Com essa perspectiva, **danp kPe ne** $\textcircled{R}$, por analogia entre a parte do corpo e o fruto da árvore “tamboril”, designa a própria árvore, não uma parte dela. Entretanto, em **t p kui** $\textcircled{R} \text{tbP}$ 'corujinha', o morfema “t ” aponta para a parte do corpo ‘olho’. Dessa maneira, em **danp kPe ne** $\textcircled{R}$ pode-se dizer que há um classificador e em **t p kui** $\textcircled{R} \text{tbP}$. Nessa direção, é possível identificar uma função classificadora nos nomes inalienáveis como mostrado em 4.2.4.

4.2.4 GRAUS DE LEXICALIZAÇÃO

Com o intuito de mostrar como nomes inalienáveis assumem propriedades de classificadores e qual a relação que estabelecem entre si na constituição de um composto é que se pode descrevê-los utilizando escalas que indicam o grau de lexicalização, nas quais se identificam em que nível está localizada uma sequência nome + NFC.

¹²⁴ Na tipologia de Allan (1977), enquadram-se na categoria *shape*.

Assim, o nome **danp kPe**, diferentemente dos demais, aparece nos compostos com o marcador de posse 3 (ou 3ª pessoa coletiva). Entretanto, atua como núcleo do composto e mantém, conforme se pode ver, uma relação de analogia, pois usa o morfema **ne®** ‘como, assim como’, para designar o objeto: como orelha, os frutos da árvore “tamboril” têm forma de orelha.

(i) **danp kPe** ‘orelha’

(a) **danp kPe ne®** ‘tamboril’

1 Morfologia: é núcleo (danp kPe).
2 Sintaxe: constituem um composto
3 Semântica: o núcleo é formado em seu sentido derivado por analogia.
4 Conclusão: nome em função classificadora.

(b) **danp kP ne® vde** ‘urupê’

1 Morfologia: é núcleo.
2 Sintaxe: constituem um composto.
3 Semântica: o núcleo é formado em sentido derivado por analogia.
4 Conclusão: nome em função classificadora.

O NI **danp kPe** ocorre em outros formativos: **danpokr ne® awre** ‘tamboril da beira d’água’, **danpokr ne® rê** ‘orelha-de-macaco’ (árvore), **danpokr ne® suirê** ‘tamboril da folha miúda’ e **danpokr zapkukwa** ‘Oficial encarregado de furar as orelhas’, este, obviamente, usado em sentido primitivo; portanto, nome sem função classificadora. O mais interessante em relação ao item **danp kPe** é o fato de que, mesmo usado com sentido derivado (metafórico, como uma orelha), mantém o marcador de posse coletiva (3ª) nos itens derivados, estabelecendo nitidamente, a analogia entre o objeto nomeado e a parte do corpo.

Em relação ao termo **kmõ** ‘chifre’, fica evidente a comparação entre o aspecto da parte do objeto baseada na semelhança entre ambos. No entanto, para o termo **kt) kmõ kPe zani** (boi) não há metáfora, uma vez que é a parte do corpo “chifre” que compõe o nome para designar o objeto, literalmente “anta com chifre”.

(ii) **kmõ** ‘chifre’

a) p kmõ ne® ‘fidalgo’ (peixe)

1 Morfologia: é núcleo.
2 Sintaxe: constitui um composto.
3) Semântica: o núcleo é formado por analogia com a parte ‘chifre’.
4) conclusão: nome em função classificadora.

b) kt\ kup (~ kmõ) kPe ‘chifre-de-fogo, isqueiro’¹²⁵,

1 Morfologia: não é núcleo.
2 Sintaxe: constitui um composto.
3 Semântica: no composto designa uma parte do objeto por analogia a chifre.
4 Conclusão: nome em função classificadora.

Como designador de parte do corpo ***kwa** é um nome da classe dos inalienáveis, cuja ocorrência livre na língua somente se dá com um prefixo marcador de posse inalienável (ĩ-, ai-, wa-, da-).

Nos compostos, duas questões se configuram, a saber: (i) em **kwamh** ‘injeção’, **kwα ζαkPəzε** ‘pedra de amolar’, **P mkwa** ‘espinho’, trata-se realmente de parte do corpo “dente” usado em sentido derivado por analogia com a forma e função do dente e do objeto designado, i. é, ser afiado, usado para cortar; (ii) com o morfema – **kwa**, sufixado ao verbo indica o agente (AG) da ação em Xerente, provavelmente, o nome **kwa** ‘dente’, pode ter passado por um processo de gramaticalização, perdendo seu caráter lexical e valor semântico para atuar de maneira mais dependente, comportando-se como nominalizador. Apenas para ilustrar este último caso: **duri** ‘carregar’, **durikwa** ‘carregador’.

(iii) **kwa** ‘dente’

¹²⁵ Elemento manufaturado inserido na cultura xerente.

(a) kwamh\ 'injeção'

1 Morfologia: é núcleo; não recebe o marcador de posse.
2 Sintaxe: constitui um composto.
3 Semântica: o núcleo é formado em seu sentido derivado.
4 Conclusão: nome em função classificadora.

(b) κωα ζακP↔zε 'pedra de amolar'

1 Morfologia: não é núcleo do sintagma.
2 Sintaxe: constitui um composto.
3 Semântica: kwa é usado em sentido derivado.
4 Conclusão: nome em função classificadora.

(c) P mkwa 'espinho, coisa cortante'

1 Morfologia: é núcleo do sintagma.
2 Sintaxe: constitui um composto.
3 Semântica: é usado em sentido derivado, aspecto pontiagudo.
4 Conclusão: uso não muito claro, haja vista que "P m" – ('coisas') também apresenta funções de classificador.

(iv) **pa** 'figado'

(a) zu pakaPe 'gengibre'

1 Morfologia: não é núcleo do composto.
2 Sintaxe: constitui um composto.

3 Semântica: é usado em sentido derivado, aspecto amarelado.
--

4 Conclusão: nome em função classificadora.

(b) zu pa pPe ‘açafão’

1 Morfologia: não é núcleo do composto.

2 Sintaxe: constitui um nome composto.
--

3 Semântica: é usado em sentido derivado, associado à tonalidade da cor (amarelado mais avermelhado)
--

4 Conclusão: nome em função classificadora.

A relação de contiguidade estabelecida entre o NI **pa** e o objeto associa-se, mais nitidamente, ao aspecto de **paze** ‘bílis’, por sua consistência e cor. Outros exemplos podem ser observados em verbos e modificadores tais como: **pa** kuwa ‘debilitar’; wakadi ‘estar cansado’, **pa** kuwadi ‘estar enfraquecido’. Entretanto, é possível considerar que **pa** nos compostos zu **pakaPe** e zu **pa pPe** tem um uso mais dependente de classificador.

Para o próximo conjunto, a descrição deve, inevitavelmente, considerar que não é a forma externa do nome de parte que é percebida, mas um vasto campo de designações que entram na categoria de sensações, dor, sentimento, ou nome de agente, advindo deste campo de possibilidades semântico-lexicais. O interessante é verificar que o significado primitivo ‘coração’ não marca nenhum elo semântico direto com os novos sentidos que os compostos apresentam. Este significado se dilui na medida em que compõe novos termos, apresentando-se como uma ocorrência mais dependente entre as raízes que formam o composto, ou seja, atuam incorporados aos demais elementos da palavra formando um sentido totalizante.

(v) **pkē** ‘coração’

(a) pke® zani®zε ‘fôlego’

1 Morfologia: participa do núcleo, não recebe o marcador de posse.
--

2 Sintaxe: constitui um composto nome + nome (+ zε).
--

3 Semântica: é usado em sentido metafórico.

4 Conclusão: nome em função classificadora.

(b) pke® Ydkəzε ‘tristeza’

1 Morfologia: participa do núcleo (pkē); não recebe morfologia relacional.

2 Sintaxe: constitui um composto, nome + modificador + nominalizador (+ zε).
--

3 Semântica: o núcleo é tomado em sentido metafórico.

4 Conclusão: nome em função classificadora.

(c) pkē hirkwa ‘libertador’

1 Morfologia: participa do núcleo.

2 Sintaxe: constitui um composto, nome + nome → verbo + classificador (- kwa).
--

3 Semântica: núcleo usado tomado em sentido metafórico.

4 Conclusão: nome em função classificadora.

Como se vê, o significado do composto não sugere, exatamente, a soma dos significados de cada raiz em separado, mas aponta para um significado “totalizante” que inclui a metáfora do sentido atribuído ao coração como centro nevralgico das emoções humanas e dos sentidos ligados às dores e alegrias sentimentais.

As escalas apresentam níveis de lexicalização entre os quais as diferenças semânticas também devem ser levadas em consideração na identificação do nome que está em função classificadora, i. é, apenas quando deixa de significar nome de parte é que passa a função de classificador. Neste caso, um NFC forma um composto com outro (s) nome (s).

Do ponto de vista morfológico, as escalas podem ser lidas em duas partes. A diferença entre essas partes está no fato de se encontrar traços morfológicos (relacionais) apenas em alguns itens. Essa divisão se dá quando há composição.

Em relação à sintaxe externa (não tratada neste estudo), essa mesma divisão ocorre. Assim, uma análise semântica pode sugerir que quando um nome se afasta de seu sentido literal, começa a ser um forte candidato a classificador. Outros, embora pertencendo a mesma classe dos NFC, quando representam parte de um todo não são considerados como classificadores, ao contrário, este tipo de nome pode ser incorporado e reconhecido como tal em nível sintático.

No decorrer do estudo, algumas questões emergiram, pois a descrição dos classificadores e dos NFC aponta para aspectos sintáticos reveladores da função de certos itens que, na língua, comportam-se como classificadores. À semelhança de algumas línguas Macro Jê (Panará, Parkatejê e Karajá), alguns elementos estendem sua função nominal para funções de classificador, podendo, em certos contextos sintáticos, incorporarem-se ao verbo transitivo, ou seja, um nome com função de objeto de verbos transitivos pode-se incorporar a este verbo.

Para Mithun (1986), o processo de incorporação desenvolve-se nas línguas numa direção predicativa. Inicia-se como uma estratégia para criar nomes para novas categorias de ação e estado. Um nome e um verbo se juntam para formar um item lexical que denota uma concepção unitária e institucionalizada.

Segundo Gonçalves (2001, p. 185), “a incorporação nominal refere-se à anexação de um argumento nuclear, sujeito ou objeto, ao verbo, formando um verbo complexo.” São nomes suscetíveis de exibir funções sintáticas de núcleo de um SN objeto direto de um verbo transitivo direto.

Por outro lado, Mithun (1986) considera o verbo complexo como lexicalmente derivado por um processo de formação de palavra similar à composição, i. é, a incorporação é vista como resultado de um processo de formação de palavras. Em outros termos: a incorporação é também um tipo de composição em que um verbo e um nome se combinam para formar um novo verbo conforme: NSN OD → SNS → V_{inac} = complexo verbal (verbo complexo).

Na incorporação por repetição, o nome incorporado aparece tanto no sintagma verbal quanto no nominal, i. é, mantém-se o nome em seu sintagma de origem apesar de repetido no verbo.

De acordo com uma visão lexicalista, as propriedades gramaticais associadas à incorporação nominal podem mostrar que essas propriedades derivam de uma análise lexical que conduz à distinção de dois tipos de incorporação que podem ocorrer na língua xerente: a incorporação por composição e a incorporação classificatória¹²⁶.

Segundo Mithun (1986), a distinção entre os dois tipos de incorporação está na estrutura argumental do verbo que na incorporação por composição é afetada, na incorporação classificatória isso não ocorre. Na incorporação por composição, o nome incorporado produz uma mudança na estrutura argumental do verbo. O verbo complexo terá menos argumentos do que uma forma sem incorporação.

Dessa maneira, conforme Mithun (1986), não haverá elemento desprezado (*stranding*) em posição argumental e, conseqüentemente, não haverá duplicação (repetição) do elemento incorporado. Na incorporação classificatória, o nome incorporado atua sobre o nome com o qual está associado (como classificador?); um argumento não realizado fonologicamente que se submete ao apagamento típico de línguas *pro-drop*. O nome incorporado apresenta baixa referencialidade.

À guisa de comparação, pode-se identificar algumas questões comuns entre a língua Akwe®-Xerente e as línguas Panará, Parkatêjê, Karajá, mediante os estudos de Dourado (2001), Ferreira (2003) e Ribeiro (1996), respectivamente.

Dourado (2001) demonstra que predomina na língua Panará um sistema de classificadores¹²⁷ do tipo *verb-incorporated*, que também ocorrem com adjetivos e não são do tipo concordial¹²⁸, a saber: tu ‘tubérculo’, su ‘folha’, s\ ‘semente’, k↔ ~ t\k↔ ‘pele, casca, tecido’, kiã ‘fruto’, kua ‘fruto’, tEk↔ ‘fruto’, kw↔ ‘fruto maduro’, se ‘fio’, sa ‘arbusto’, krE ‘objeto côncavo’, t ‘líquido’. Entre estes classificadores, alguns funcionam como TC¹²⁹: k↔ ‘invólucro, casca’, su ‘folha’, s\ ‘semente’, kiã ‘fruta’.

Ferreira (2003, p. 220) afirma que, diferentemente, do Panará e do Kariri, a língua Parkatêjê “não apresenta um sistema de classificadores semelhante aos dessas línguas”. Por outro lado, Ferreira (2003) apresenta um conjunto de termos que funcionam como “formativos classificatórios” do tipo: nome específico + nome genérico (TC), que resultam em um nome específico. Os exemplos de TC em Parkatêjê citados por Ferreira¹³⁰ são: kE_

¹²⁶ *Compound NI* e *classifier NI* respectivamente.

¹²⁷ Dourado (2001, p. 208).

¹²⁸ Para Allan (1977), classificadores concordantes (cf. seção 2.2.4).

¹²⁹ Dourado (2001, p. 207).

¹³⁰ cf. item 2.6.

‘invólucro’, su ‘folha’, h\ ‘semente’, kr↔® ‘cabeça’, tΣom ‘farinha’, hi® ‘carne’, ko ‘líquido’, me® ‘humano’ e mp ‘indefinido’.

Já Ribeiro (1996) aponta casos de incorporação em Karajá. Como Ribeiro verificou, nomes que se incorporam ao verbo perdem seu significado específico, passam a funcionar como um componente do verbo. Por sua vez, o verbo passa a designar um evento único. Da mesma maneira, Dourado (2001) e Ferreira (2003) descrevem aspectos de incorporação nominal em Panará e em Parkatêjê.

Segundo Dourado (2001, p. 185), a incorporação em Panará “refere-se à anexação de um argumento nuclear, sujeito ou objeto, ao verbo, formando um verbo complexo”:

i®p\ he® O =ti =yi® =kiã =k↔-ri
 homem-ERG REAL. TR=3SG.ERG=ME+cabeça=ferir-PERF
 ‘o homem quebrou a cabeça.’

Conforme Ferreira (2003), a língua Parkatêjê também apresenta casos de incorporação do nome ao verbo. Os nomes que se incorporam tornam-se componentes do verbo e este (o verbo) tem seu sentido restringido. Os exemplos de Ferreira (2003, p. 216) referem-se a nomes de partes de um todo, i. é, são “nomes inalienavelmente possuídos que se acoplam a verbos, os quais podem ser ativos (transitivos e intransitivos) e não ativos”. Como nos exemplos: kr↔®mõ (kr↔® ‘cabeça’ + mõ ‘ir’) ‘nadar’; kr↔®me®n (kr↔® ‘cabelo’ + me®n ‘derrubar’) ‘cortar o cabelo todo’; hõkrEpoy (hõkrE ‘garganta’ + poy (?)) ‘cantar’ (ritualisticamente).

Tipologicamente, há de se considerar que a língua Akwe®-Xerente, à semelhança das línguas Panará, Parkatêjê e Karajá, pode apresentar casos de incorporação nominal já que, como essas línguas, o Xerente apresenta um sistema de classificadores, de termos de classe e de nomes inalienáveis com função de classificadores. Entretanto, dado o escopo desta tese, aspectos da interface entre morfologia e sintaxe não configuram objeto deste estudo, mas constituem questões importantes para futuras pesquisas.

Como se vê, há inúmeras possibilidades de realização de novas pesquisas, pois a descrição e análise apresentadas neste estudo estão longe de terem esgotado os aspectos envolvidos na categorização nominal da língua Xerente e na compreensão da tipologia de línguas Jê. No próximo capítulo, passa-se às conclusões, em que são sistematizadas algumas questões salientes do sistema de classificação nominal xerente, enfatizando os pontos de maior controvérsia apontados nas descrições e análises feitas nos capítulos três e quatro.

CONCLUSÃO

O esforço empreendido neste estudo pautou-se no propósito de descrever alguns aspectos do sistema de classificação nominal da língua Xerente, com a preocupação precípua de dar um tratamento mais específico às questões que envolvem o uso de classificadores nominais, os termos de classe e os nomes de parte do corpo em função classificadora na língua. Entretanto, dada a complexidade desses aspectos gramaticais, é preciso ressaltar que muitas questões ainda estão em aberto.

A descrição dos dados priorizou o enfoque morfológico, recorrendo também a critérios de natureza semântico-lexical. Por se tratar de elementos de uso classificatório, alguns aspectos morfossintáticos emergiram dos dados, levando a considerações também de cunho sintático. O estudo procurou aprofundar-se em algumas questões já indicadas por Sousa Filho (2007).

Assim, no capítulo introdutório, foi feito um breve levantamento acerca da contribuição da pesquisa sociolinguística para a preservação de línguas e culturas indígenas. Neste capítulo, focalizou-se a proposta de alguns autores para elaboração de tipologias sociolinguísticas como meio de compreender e elucidar a situação das línguas em vias de desaparecimento. Em consonância com essas propostas, foi possível condensar questões reveladoras do contexto sociocultural, histórico e econômico em que se encontra a

comunidade de fala Akwe®-Xerente. Faz parte também do primeiro capítulo a descrição da metodologia utilizada para coleta, seleção e descrição dos dados.

O objetivo proposto para o segundo capítulo foi mapear as concepções teóricas usadas na tese. A partir do mapeamento teórico, chegou-se à definição dos conceitos e dos critérios operacionais mais adequados à análise realizada. Esses conceitos foram indispensáveis para a caracterização e delimitação do âmbito teórico em que foi contextualizada a descrição dos dados. O mapeamento dos conceitos propiciou, principalmente, a opção pelos termos e respectivos objetos de análise: classificadores nominais, termos de classe, nomes de partes do corpo em função classificadora.

O terceiro capítulo teve o propósito de especificar os conceitos, as definições, os âmbitos e a delimitação do campo morfológico (morfologia), definindo o que é “nome”, “nome composto” (composto) para delimitar as fronteiras da palavra em Xerente. Para tanto, nesse capítulo, apresentou-se uma revisão da estrutura silábica e dos padrões acentuais da língua.

A definição desses conceitos possibilitou a descrição dos classificadores nominais xerente: **-pa** ‘coisa comprida’, **-p** ‘forma oblonga’, **-pPE** ‘coisa madura’, **-z** ‘forma de semente’. Os classificadores nominais xerente passam por processos de alargamento de seus valores semânticos. De uma origem lexical, estendem-se para abarcar outros traços semânticos. Caracterizam os nomes e coocorrem com eles e não são do tipo concordial. Os classificadores xerente não são morfemas livres, ocorrem à direita do nome que classificam; recortam uma característica saliente do objeto como: forma, consistência, tamanho. Podem ser considerados uma subclasse dos nomes.

O elemento **kP↔®** ‘cabeça’ é amplamente usado na língua com funções muito variadas. Como classificador indica a forma ‘arredondada’ do objeto: **↔in↔®** ka **kP↔®** ‘nuvem cheia’, **dakP↔®j** tom kwa ‘carrapicho’, **kP↔®j** sku Yde ‘copaíba’. Como TC, é usado genericamente para designar ‘fruto’. Assim, ordena uma classe ampla de frutos ou frutas: **hêsp** **kP↔®** ‘banana’, Yde **kPu** **kP↔®** ‘melancia’. A posição em que **kP↔®** ocorre no composto não é fixa, pode ocorrer à direita (**↔in↔®** ka **kP↔®** ‘nuvem cheia’); à esquerda (**kP↔®j** ti ‘saúva’); pode ocupar a posição de núcleo (Yde **kPu** **kP↔®** ‘melancia’) ou pode estar inserido entre duas raízes (**↔kkaskP↔®j** mnõ ‘jacupim’); ou simplesmente vir justaposto a outro TC (tpe **kP↔®** re ‘peixe pequeno’).

O item **kwa** comporta-se de maneira muito semelhante a **kP↔®**, ou seja, também é bastante produtivo na língua. Apresenta funções de classificador ('instrumento'); é um nominalizador – forma nomes a partir de raízes verbais, indicando que o novo item lexical é o agente da ação verbal. Como “denominal” aparece prefixado a outra raiz para formar verbos a partir de nomes. Dessa maneira, é extensamente usado como base para formação de palavras. Também não tem uma posição fixa no composto, pode vir à direita (P ®m kPu **kwa** ‘rama de espinho’); à esquerda (**kwakPsYh**) ‘lagartixa’; entre dois elementos do composto (kPu **kwa** ne® ‘rato-de-taquara’). Entretanto, essa mobilidade de posição no composto afeta sua função. Como nominalizador é um morfema derivativo preso, sufixado a uma raiz verbal (kwakP↔® ‘causativo = fazer buraco’ = kwakP↔® **kwa** ‘cavador’). Em alguns compostos é reduplicado (waj **kwa kwa** pe ‘pacu’).

A variedade de palavras em que aparecem **kP↔®** e **kwa** é extensa. Em grande parte, essas raízes guardam algum tipo de associação com o sentido primitivo ‘cabeça’ e ‘dente’ (respectivamente); seja uma associação sutil em relação à forma do objeto (redondo, pontudo), seja em relação à função, ou posição do objeto (ou parte dele). Isto pode evidenciar que os classificadores xerente (ou palavras que funcionam como tal) correlacionam-se com características semânticas inerentes dos nomes, ocupando “espaços” em um contínuo semântico fluido, pois ora ampliam, ora restringem os significados. Obviamente, relacionados à classificação e à categorização xerente.

A descrição dos TC e dos NFC compôs o quarto capítulo. Os TC “**du**” ‘capim’, **nPõ** (coco) ‘palmáceas’, **k**) ‘água’, **kPu** ‘roedores’ **kuh↔®** ‘suídeos’, **kuk↔®** ‘quelônios’, **kt**) ‘animais comestíveis’, **si** ‘aves’, **tbe** ‘peixes’, **ude** ‘árvore’, **z**) ‘sementes’, **hesp** ‘banana’ e **kupa** ‘mandioca’, são descritos através de esquemas que indicam: o TC selecionado, a provável origem, o composto, o sentido totalizante e a tradução para o português. Alguns desses TC ordenam classes de itens numerosos (**tpe** e **ude**), outros organizam conjuntos com poucos itens (**z**) ‘semente’) ou ainda classes mais específicas com um item apenas, mas que apresenta espécies diferentes deste mesmo item (**hesp** ‘banana’).

Os termos de classe em Xerente fazem parte de um grupo semântico cujos traços comuns podem ser delimitados pelas propriedades do objeto a que fazem referência. Os TC coocorrem em combinação com outras raízes, fornecendo aspectos semânticos definidos, principalmente, pelas características físicas presentes em seu conteúdo nocional. Ocorrem

como núcleo de alguns compostos organizando no nível lexical uma determinada classe nominal.

Em Xerente, o uso dos TC é obrigatório, pois não parece possível omiti-los sem prejuízo da função “hiperonímica” com a qual organizam e ordenam os itens em um mesmo grupo. Itens que, segundo a cultura xerente, pertencem à mesma categoria de objetos do mundo.

Uma terceira possibilidade de categorização nominal de que a língua dispõe é o uso de nomes de partes do corpo em função classificadora. Constituem-se de nomes inalienáveis que estendendo semanticamente seu sentido primitivo (de partes do corpo) atuam como classificadores. O uso está mais ou menos sistematizado, normalmente mantêm uma relação semântica de modificador-modificado com o nome que combinam. Morfologicamente, são nomes inalienáveis que dispensam o uso do marcador de posse quando usados como classificadores. Em relação à sintaxe, podem atuar como núcleo ou manter com outro nome a relação de modificador descritivo.

À semelhança dos classificadores da língua, a função semântica básica dos NFC é indicar um traço saliente da forma do objeto. As escalas de lexicalização apresentadas no capítulo quatro mostram como esses nomes se comportam e ressaltam (diferentemente dos classificadores) o caráter não-sistemático do uso de NFC. Diferem também dos nomes sem função classificadora porque estes mantêm seu significado primitivo, i. é, no composto, designam, realmente, o nome da parte do corpo (**danp kPe** zapkukwa ‘Oficial encarregado de furar as orelhas’). Já os NFC são usados em sentido derivado, por analogia ou contiguidade estabelecida entre o NI e a característica mais saliente do objeto.

Um âmbito importante a ser estudado em futuras pesquisas é a relação que os topônimos estabelecem entre os elementos inter e extralinguístico envolvidos na denominação de rios, ribeirões, lagoas, aldeias, acidentes geográficos usada pelos Xerente na formação de seu conjunto toponímico.

A descrição dos classificadores nominais (Cap. 3), dos termos de classe e dos nomes de partes do corpo em função classificadora (Cap. 4), ofereceu a possibilidade de se verificar como esses âmbitos estão organizados no sistema de classificação nominal xerente.

Devido ao alto grau de lexicalização dos termos de classe, pode-se aventar a possibilidade de não considerá-los exatamente como um mecanismo do sistema classificação da língua. No entanto, quando se considera que a função dos TC na língua refere-se, principalmente, à intensa interrelação do povo Akwe® com a natureza e com os elementos da

natureza, parece coerente afirmar que tanto os TC quanto os classificadores nominais e os NFC fazem parte do sistema de classificação nominal da língua.

Analogamente a outras línguas Macro-Jê, o Xerente parece apresentar processos de incorporação nominal, já que nas línguas Panará, Parkatêjê e Karajá esse tipo de fenômeno foi verificados por Dourado (2001), Ferreira (2003) e Ribeiro (1999), respectivamente. Como essas questões ultrapassam o escopo deste trabalho, pois o foco de análise inside sobre a classificação nos nomes, espera-se que, em pesquisas futuras, haja condições de se verificar se ocorre incorporação nominal na língua xerente e quais as características apresenta em relação ao sistema de classificação dessa língua. E se as línguas Panará, Parkatêjê e Karajá, apresentam aspectos (classificadores, termos de classe) parecidos para classificação nominal e como a descrição de tais fatos linguísticos pode contribuir para o estabelecimento de uma tipologia de línguas Jê.

Cabe, mais uma vez, ressaltar que as descrições desenvolvidas nesta tese estão distantes de serem completas, mas podem contribuir para elucidação de algumas questões importantes acerca da gramática da língua xerente; para compreensão de fenômenos específicos da categorização linguística, inerentes ao modo de vida e visão de mundo do povo xerente, pois, segundo Aikhenvald (2000), as escolhas dos nomes que funcionam como classificadores é típico da família linguística e, até certo ponto, podem ser explicadas por convenções e tradições culturais.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A. **Classifiers**: a typology of noun categorization devices. Oxford: Oxford University Press, 2000a.

_____. "Unusual classifiers in Tariana". In: SENFT, G. (Ed.). **Systems of Nominal Classification**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000b. p. 93-113.

ALLAN, K. Classifiers. In: **Language**. 53:284-310, 1977.

ALMEIDA, A. de. **Hidrovia Tocantins-Araguaia**: importância e impactos econômicos, sociais e ambientais segundo a percepção dos agentes econômicos locais. 2004. Tese de Doutorado. Escola Superior de Agricultura "Luiz Queiroz" ESALQ/USP: Piracicaba. 2004.

ANDRADE, K. dos S. **Atlas toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins**. 2006. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ARAÚJO, G. A. de. **A grammar of Sabanê, a nambikwaran language**. Netherlands: Lot, 2004.

ARTIAGA, Z. **Dos Índios do Brasil Central**. Uberaba: Gráfica Triângulo, 1947.

BARNES, J. **Classifiers in Tuyuca**. In.: PAYNE, D. L. (org.) **Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages**. Austin: University of Texas Press, 1990, p. 273–292.

BASTARDAS-BOADA, A. Linguistic sustainability and language ecology. In: **Linguapax Congress on 'Linguistic diversity sustainability and peace'**, 2005, Barcelona. Disponível em: < <http://www.ecoling.net/journal.html> >. Acesso em: 11 agos. 2007.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRAGGIO, S.L.B. **The sociolinguistics of literacy**: a case-study of the Kaingang a brazilian indian tribe. Tese (Doutorado em lingüística) University de New Mexico, New Mexico, 1986. 329p.

_____. **Situação sociolinguística dos povos indígenas do Estado de Goiás e Tocantins**: subsídios educacionais. Revista do Museu Antropológico, Goiânia, v.1, n.1, p.1-62, 1992.

_____. Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo. **ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira**, v. 1, n. 20, p. 139-172, 1997.

_____. A instauração da escrita entre os xerente: conflitos e resistências. **Revista do Museu Antropológico**, Goiânia, v.3/4, n. 1. p. 19-43, 1999.

_____. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. **Revista do Museu Antropológico**, Goiânia, v.5/6, n.1, p.09-54, 2002.

_____. O papel da pesquisa sociolinguística em projetos de educação, vitalização de línguas e cultura: relatos sociolinguísticos iniciais dos Avá-canoeiros de Minaçu. **Liames**, Campinas, v.3, n.3, p.113-133, 2003.

_____. **Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente-Akwê**: uma visão comparativo-histórica dos dados de Martius (1866) a Maybury-Lewis (1965) com os atuais. Goiânia, 2004. p. 01-22 (mimeo.).

_____. **Um estudo tipológico sociolinguístico dos Xerente Akwe**: questões de vitalização. In: AGUIAR, O.B. (Org.) **Região, nação, identidade**. Goiânia: Agepel, 2005. p.165-183.

_____. **Indícios sobre a situação do léxico na língua Xerente Akwê a partir de uma reflexão sobre os empréstimos, a escolarização e a migração.** Goiânia, 26 p. 2007. mimeo.

_____. Tipologias sociolinguísticas: as macrovariáveis e seu papel na desvitalização das línguas: a língua Xerente Akwén. In.: BRAGGIO, S. L. B.; SOUSA FILHO, S. M. (orgs.). **Línguas e culturas Macro-Jê.** Goiânia: Vieira, 2009. s.l., s.n., p. 79-102.

BLOOMFIELD, L. **Language.** Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

CÁCCAMO, C.A. Da biolinguística à ecolinguística: um câmbio de paradigma necessário. **A trade de ouro** 18.205-212, Corunha. Disponível em < <http://www.udc.es/dep/Ix/cac/artigos/ecoling.html> > Acesso em: 08 set. 2007.

CALVET, L-P. **Language wars and linguistic politics.** New York: Oxford University Press, 1998.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Princípios de Linguística geral:** como introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

_____. J. M. **Introdução às línguas indígenas brasileiras.** Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1977.

_____. **Estrutura da língua portuguesa.** 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CÂNDIDO, G. V. **Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano).** 2004. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CHOMSKY, N. **O conhecimento da língua:** sua natureza, origem e uso. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.

COMRIE, B. **Language Universals and Linguistic Typology.** Oxford: Basil Blackwell Publisher Ltda, 1981.

CRAIG, C. (Ed.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1986.

CROFTS, M. Aspectos da língua Munduruku. Brasília: **Publicações do Summer Institute of Linguistics**. Sil, 1985.

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. **Language death**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____. **A revolução da linguagem**. São Paulo: Zahar, 2004.

DIK, C. S. **The theory of functional grammar**. Dordrecht-Holland/Providence RI-EUA: Foris Publications, 1989.

DICK, M. V. de P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo de Estado de São Paulo, 1990.

DIXON, R. M.W. **The dyirbal language of North Queensland**. Cambridge: University Press, 1972.

_____. Noun classes and noun classification in typological perspective. In.: CRAIG, C. (Ed.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1986. p. 105-142.

_____. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DORIAN, N.C. **Lexical loss among the final speakers of an obsolescent language: a formerly-fluent speaker and a semi-speaker compared**. 1997. Disponível em www.terralingua.org. Acesso em 08 set. 2007.

_____. Western language ideologies and small-language prospects. In.: GRENOBLE, L.A. & WHALEY, L.J. **Endangered languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DOURADO, L.G. **Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê)**. Tese (doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

DUBOIS, J. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1998.

EDWARDS, J. **Sociopolitical aspects of language maintenance and loss: towards a typology of minority languages situation**. In: FASE, W. et al. (Eds.). **Maintenance and loss of minority languages**. Amsterdam: Benjamins, 1992. p. 37-54.

ENFIELD, N. J. (ed.) **Ethnosyntax: explorations in grammar and culture**. New York: Oxford University Press, 2002.

FARIAS, A. J. T. **Fluxos Sociais Xerente: organização social e dinâmica entre as aldeias**. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

FERREIRA, M. de N. de O. **Estudo morfossintático da língua Parkatêjê**. 2003. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FILSTEAD, W. J. Qualitative methods: a needed perspective in evaluation research. In: COOK, T. D.; REICHARDT, C.S. (Eds.) **Qualitative and quantitative methods in evaluation research**. Beverly Hills: Sage, 1979.

FISHMAN, J. The relationship between micro-and macro-sociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (Eds.). **Sociolinguistics: selected reading**. 6.ed. Harmondsworth, Inglaterra: Penguin, 1972.

_____. **Reversing language shift**. Clevedon: Multilingual Matters, 1991.

FOLEY, W. A.; VAN VALIN, R. D. Jr. **Functional Syntax and Universal Grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

GARCIA, M. de S. **Uma análise tipológica sociolinguística na comunidade indígena de Ipegue: extinção e resistência**. 2007. 222 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

GIVÓN, T. Prototypes: between Plato and Wittigenstein. In.: CRAIG, C. (Ed.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1986. p. 77-102.

_____. **Syntax**. A functional typology introduction, vol. I e II. Amsterdam: J. Benjamins Publishing Company, 1990.

_____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam. J. Benjamins Publishing Company, 1995.

GONÇALVES, M. A. **O Significado do Nome**: cosmologia e Nominação entre os Pirahã. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1993.

GOMES, D. M. **Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú** (Tupi). Tese (Doutorado em Lingüística) Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GRENOBLE, L.A. & WHALEY, L.J. **Toward a typology of language endangerment**. In: _____. **Endangered languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 22-54.

GUIMARÃES, S. M. G. **A aquisição da escrita e diversidade cultural: a prática dos professores Xerente**. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília. 1996. 164 p.

GRANNIER, D. M.; SOUZA, S. L. **Fonologia segmental da língua Akwê-Xerente (Jê)**. UnB, 2005. 25 p.

GRINEVALD, C. Making sence of nominal classifications systems. In.: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Eds.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 259-275.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**: an introduction to sociolinguistics. Cambridge: Havard University Press, 1982.

GRUYTER, W. de. **Morphology**: an international handbook on inflection and word-formation. New York, Offprint, 2004.

GUMPERZ, J.J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____. **Rethinking linguistic relativity**. New York: Cambridge University Press, 1996.

HAGÈGE, C. **L'homme de paroles**. Paris: Fayard, 1985.

HALE, K. On endangered languages and the importance of linguistic diversity. In.: GRENOBLE, L.A.; WHALEY, L.J. **Endangered languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 192-216.

HAUGEN, E. **The ecology of language**. Stanford: Stanford University Press, 1972.

HAYES, B. **A metrical theory of stress rules**. Bloomington: IULC, 1992.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Gramaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HIMMELMANN, N. P. Documentary and Descriptive Linguistics. **Linguistics**, n. 36, p. 161-195, 1998.

HINTON, L. Language revitalization: an overview. In.: HINTON, L.; HALE, K. (Eds.). **The green look of language revitalization**. New York: Academic Press, 2001. p. 3-18.

HOPPER, P. J. ; THOMPSON, S. A. The discourse basis for lexical categories in universal grammar. **Language**, n. 60. p. 703-752, 1984.

JOTA, Z. dos S. **Dicionário de linguística**. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

KATAMBA, F. **Morphology**. London: The Macmillan Press LTD, 1993.

KIBRIK, A. E. **The methodology of Field investigations in linguistic**. The Hague: Mouton, 1977.

KRAUSS, M. **The world language in crisis**. Languages: Journal of linguistic society of America. v. 68, n.1, p.4-10, mar. 1992.

KRIEGER, W. B.; KRIEGER, G. C. **Dicionário Escolar**: xerente-português; português-xerente. Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.

LAKOFF, G. Classifiers as a reflection of mind. In.: CRAIG, C. (Ed.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1986.

LAKATOS, E. M. ; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Atlas, 2001.

LUZ, E. M. **Em Busca do Passado Perdido: uma análise estruturalista dos mitos sobre três heróis culturais Akwe®-Xerente**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

MACKEY, W. F. **Toward an ecology of language contact**. In: MACKEY, W. F. (org.) **Sociolinguistic studies in language contact**: methods and cases. Haia: Mouton, 1979.

MARTINES, G. V. **Aspectos semânticos dos nomes classificadores em Munduruku**. 2007. 91f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo, 2007.

MATTHEWS, P. H. **Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MATTOS, R. de. Fonêmica xerente. **Série linguística**, Brasília, n. 1, p. 79-100, 1973.

MESQUITA, R. **Índios na cidade**: a situação sociolinguística dos Xerente de Tocantínia – TO. In: III CONPEEX – Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da UFG. Goiânia: UFG, 2006.

_____. **Empréstimos linguísticos do português em Xerente Akwe®**. 2009. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

MITHUN, M. The convergence of noun classification systems. In.: CRAIG, C. (Ed.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1986. p. 379-398.

MUFWENE, S. **The ecology of language evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

NETTLE, D. & ROMAINE, S. **Vanishing voices**. The extinction of the world's languages. Oxford: Oxford University Press, 2000.

NICHOLS, J. On alienable and inalienable possession. In: **In honor of Mary Haas**. New York: William Shipley, 1988. p. 557-609.

NIMUENDAJÚ, Curt. **The Xerente**. Los Angeles: L. A. Press, 1942.

NUNES, P. V. **Princípio icônico e trabalho lexicográfico: aplicação aos nomes da língua Munduruku**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade de Brasília. Brasília, 2000.

O'GRADY, W.; DOBROVOLSKY, M.; ARONOFF, M. **Contemporary linguistics**. New York: For Bedford/St. Martin's, 1997.

PAYNE, D. Noun classification in Yagua. In.: CRAIG, C. (Ed.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1986. p. 113-132.

PAYNE, J. R. **Complex phrases and complex sentences**. In: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description**. Complex constructions. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 3-41.

PAYNE, D. L. (org.). **Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages**. Austin: University of Texas Press, 1990.

PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax: a guide for Field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

PICANÇO, G. L. **Munduruku: phonetics, phonology, synchrony, diacrony**. 2005. Tese (Doutorado em Letras). The University of British Columbia. Columbia, 2005.

POLECK, L. (org.) **Tbê Akwẽ Nimtkaikrembbahã Peixes da área Xerente**. Projeto de Educação Indígena do Tocantins. Goiânia: CEGRAF, 1997. p.14-44.

POSNER, M. Empirical studies of prototypes. In.: CRAIG, C. (Ed.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1986. p. 113-132.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In.: **Suma Etnológica Brasileira**, 1984. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Petrópolis: Darcy Ribeiro, 1987.

RIBEIRO, B. **O índio na história do Brasil**. São Paulo: Global, 1982.

RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização**. Petrópolis: Vozes. 1986.

RIBEIRO, E. R. **Morfologia do verbo Karajá**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 1996. 60 p.

_____. O marcador de posse alienável em Karirí: um morfema Macro-Jê revisitado. In: **Revista Liames**. n. 2, v. 1. Campinas: Unicamp, 2002.

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1994.

ROMAINE, S. **Language in society: an introduction to sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1996.

SCHAFF, A. **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1974.

SCHROEDER, I. **Política e parentesco nos Xerente**. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, A. L. da ; FARIAS, A. Pintura corporal e sociedade: os partidos xerente. In: VIDAL, L. (org.). **Grafismo indígena: estudos de Antropologia Estética**. São Paulo: Edusp, 1992. p. 89-116.

SIQUEIRA, K. M. de F. **Aspectos do substantivo na língua Xerente**. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

_____. Considerações esparsas acerca do estudo lexical da língua Xerente. **Trilhos**, v. 5, n. 5, p. 26-33, 2007.

_____. Descrição de nomes de partes do corpo em composições lexicais na língua Akwê®-Xerente. In.: BRAGGIO, S. L. B.; SOUSA FILHO, S. M.(orgs.). **Línguas e culturas Macro-Jê**. Goiânia: Vieira, 2009. s.l, s.n., p. 273-296.

SOUSA FILHO, S. M. **Aquisição do português oral pela criança xerente**. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

_____. **Aspectos morfossintáticos da língua Akwê Xerente (Jê)**. 2007. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

_____. Reflexões sobre a aquisição de língua pela criança xerente. In.: BRAGGIO, S. L. B.; SOUSA FILHO, S. M. (orgs.) **Línguas e culturas Macro-Jê**. Goiânia: Vieira, 2009. s.l., s.n., p. 297-314.

SOUZA, S. L. **Aspectos fonético-fonológicos da língua Akwê-Xerente**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

TRAN, T. C. **Bilingual dictionary for students of linguistic**. New York: University Press of America, 2006. p. 22.

VIEIRA, R. P. F. **O papel da língua escrita na aquisição de uma segunda língua na escola indígena Xerente Waikarnãse.** 2005. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

UNESCO. **Declaración Universal de Derechos Lingüísticos:** preliminares (9 de junio de 1996). Barcelona, 1996. Disponível em: <<http://WWW.unesco.org/cpp/sp/declaraciones/linguisticos.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2008.

WIERZBICKA, A. **Understanding cultures through their key words.** New York: Oxford University Press, 1997.

WILLIAM, C. W. **Poemas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE – A

FORMULÁRIOS

1 Formulário elaborado para averiguar hipótese sobre o uso de raízes nominais com função de categorização (classificadores) na formação de composto da língua Akwẽ-Xerente

3º Período da pesquisa:

Pesquisadora: Kênia Mara de Freitas Siqueira

Instituição: Universidade Federal de Goiás

Data do trabalho de campo: maio 2009

Nome da língua: Akwẽ-Xerente (Jê)

Localização: Tocantínia – TO

Auxiliar/pesquisa: Hirêki Idade: 30 anos

Local de nascimento: Porteira

Atual residência: Tocantínia

Sexo: feminino

Escolaridade: Ensino Médio (cursando)

Posição na sociedade indígena: mulher do Responsável pela aldeia

Objetivo: Solicitar ao colaborador que descreva os objetos para identificação da função das partículas (raízes): “*danpokr*”, “*nrô*” nos compostos.

Abordagem: funcional.

1) <i>danpokr nẽ</i> ‘tamboril’	Observações: “folha meio branca, compridinha”
2) <i>danpokr nẽ awre</i> ‘tamboril da beira’ (árvore)	“árvore grande”
3) <i>danpokr nẽre</i> ‘orelha-de-macaco,	“a semente parece uma orelha de

tamboril' (árvore)	macaco"
4) <i>danpokr nẽ swire</i> 'tamboril da folha miúda'	"tamboril com folhas finas"
5) <i>danpokr nẽ wdê</i> 'orelha-de-pau, urupê'	?
6) <i>nrõ</i> 'coco'	"é o coco"
7) <i>nrõi ku</i> 'bicho do coco'	?
8) <i>nrõi po</i> 'palmito'	"é mais macio"
9) <i>nrõ kru</i> 'coqueiro'	"tem folhas de coqueiro"
10) <i>nrõkwatata</i> 'alma-de-cabloco' (pássaro)	?
11) <i>nrõ to</i> 'najá' (coco)	"tem folhas de coqueiro"
12) <i>nrõkwatêtbe</i> 'mulungu'	?
13) <i>nrõkwatêtperê</i> 'carrapato-pólvora'	"carrapatinho pequenininho"
14) <i>nrõwda</i> 'tucano'	"tucano, tem bico grande"
15) <i>nrõwdê su</i> 'palha piaçaba'	"palha"

--	--

2 Formulário elaborado para averiguar hipótese sobre o uso de raízes nominais com função de categorização (classificadores) na formação de composto da língua Akwê-Xerente

3º Período da pesquisa:

Pesquisadora: Kênia Mara de Freitas Siqueira

Instituição: Universidade Federal de Goiás

Data do trabalho de campo: maio 2009

Nome da língua: Akwê-Xerente (Jê)

Localização: Tocantínia – TO

Auxiliar/pesquisa: Hirêki Idade: 30 anos

Atual residência: Tocantínia

Sexo: feminino

Escolaridade: Ensino Médio (cursando)

Posição na sociedade indígena: mulher do Responsável pela aldeia

Objetivo: Solicitar ao colaborador que descreva os objetos para identificação da função das partículas: “pa”, pre” nos compostos.

Abordagem: funcional

1) <i>wdê pa</i>	‘raiz’	Observações: “é raiz”
2) <i>wdê pa kuze</i>	‘pra-tudo’	“raiz para remédio”
3) <i>wdê pa rã</i>	‘pau-de-ovo’ (raiz)	?
4) <i>wdê pa zdazê</i>	‘padagi’	?

6) <i>tpê ka pa</i>	‘piaba-comprida’	“piabinha, compridinha”
7) <i>padi</i>	‘tamanduá-bandeira’	“tamanduá grande, rabo grande”
7) <i>padirê</i> (inseto)	‘bicho-de-pau, taquarinha’	?
8) <i>kê zêkuhu nnã pre</i>	‘abelha-uruçu-amarela’	“abelhinha, amarela”
9) <i>kê zâ pre</i>	‘abelha-vira-olho’	“abelha”
10) <i>krên pre</i>	‘periquito verdadeiro’	“periquito”
11) <i>krên pre wawê</i>	‘periquito-coroa’	“periquito da cabeça peluda”
12) <i>kuti zdapu pre</i>	‘jia’	“perereca”
13) <i>kuza pre</i>	‘suçuarana’	“onça vermelha”
14) <i>nêpre prerê</i>	‘sangue-de-boi’ (pássaro)	?
15) <i>sika kra pre</i>	‘galinha’	“galinha”
16) <i>si nã pre</i>	‘carcará-do-peito-vermelho’	“gavião”
17) <i>sipre</i>	‘cigana’ (pássaro)	?

18) <i>stu krãĩ pre</i>	‘pica-pau-da-cabeça-vermelha’	“passarinho do pau”
19) <i>siwta pre</i>	‘sanhaço-de-fogo’	?
20) <i>tê hizapre</i>	‘mata-cachorro’ (planta)	?
21) <i>tpê ba pre</i>	‘arraia-de-fogo’	“arraia grande”
22) <i>tpê kato pre wawẽ</i>	‘piaba-de-olho-vermelho-grande’	“piaba”
23) <i>tpê pan pre</i>	‘gavião-do-rabo-amarelo’	?
24) <i>tpê zdawa pre</i>	‘pirara’ (peixe)	?

3 Formulário elaborado para averiguar hipótese sobre o uso de raízes nominais com função de categorização (classificadores) na formação de composto da língua Akwê-Xerente

3º Período da pesquisa:

Pesquisadora: Kênia Mara de Freitas Siqueira

Instituição: Universidade Federal de Goiás

Data do trabalho de campo: maio 2009

Nome da língua: Akwê-Xerente (Jê)

Localização: Tocantínia – TO

Auxiliar/pesquisa: Hirêki Idade: 30 anos

Atual residência: Tocantínia

Sexo: feminino

Escolaridade: Ensino Médio (cursando)

Posição na sociedade indígena: mulher do Responsável pela aldeia.

Objetivo: Solicitar ao colaborador que substitua o termo destacado para averiguar o uso de “danpokr”, “nrô”, “pa”, “po” e “pre” nos compostos em frases:

- 1) Wdê krâi po nttu ta hã kne®si.

*tpê krâi po

*tpê kato pre wawe®

“Tpê krâipo nãt ta hã kne®si.”

“Tpê kato pre wawe® Nat ta hã kne®si.”

- 2) Kuza nãt hesu proko.

* kwa te® po

“Kuza Nat kwa te® pó pôkô.”

3) Zu tē kme® zani® da.

* tpê zdawa pre

“Tpê zdawa pre te kme® zani® da.”

4) Tkai krowi aikte nrãdi.

* nrõ kru

“Tkai krowi/ padirê/ mârdi.

5) Bdadi sawredi.

* tpê ka pa

“Tpê ka pa sawredi.

**4 Formulário elaborado para averiguar hipótese sobre o uso de raízes nominais com
função de categorização (classificadores) na formação de composto da língua Akwẽ-
Xerente**

3º Período da pesquisa:

Pesquisadora: Kênia Mara de Freitas Siqueira

Instituição: Universidade Federal de Goiás

Data do trabalho de campo: maio 2009

Nome da língua: Akwẽ-Xerente (Jê)

Localização: Tocantínia – TO

Auxiliar/pesquisa: Hirêki Idade: 30 anos

Atual residência: Tocantínia

Sexo: feminino

Escolaridade: Ensino Médio (cursando)

Posição na sociedade indígena: mulher do Responsável pela aldeia.

Objetivo: Solicitar ao colaborador que substitua o termo destacado para averiguar o uso de “danpokr”, “nrõ”, “pa”, “po” e “pre” nos compostos em frases:

1) Wat kbare i®nkhi mei®si.

* nrõi po

“Wat nrõi po i®kmei®si (kmei®si).”

2) Kdã nãt wara.

* wapa pra po

“Wapa pra po nat wara.”

3) Tkai tê mora wrãdi.

*nrõi ku

“Nrõi ku tê mora warãdi.”

4) Sire nāt pasiri.

*sipre

* stu krāi pre

“Sipre nat wara.”

“Stu krāi pre nat wara.”

APÊNDICE – B TRANSCRIÇÃO

1 *CORPUS*

1 knE®t9 iŭni®mp|kP↔ŭwanõ

‘a pedra está na minha mão’

wa = em

2 k↔| waŭh↔ŭdi

‘a água é fria’

3 ajkŭdEti®serparŭkwatEtk|

‘a mãe está pegando a criança’

4 watoza amu®hiŭmu®

‘eu chego aí’

5 r n↔®t|ŭkPekm↔®daŭka

‘ele viu algum bicho’

6 waŭkP ŭde n↔®tsi↔ŭPi

‘o arco está quebrado’

7 waŭps↔®ŭn↔®t|Ydeŭwak↔ŭm↔®wasisi

‘ele amarrou o cachorro na árvore’

8 kPewi∪Pe P was∪dE∪h↔

‘o mato fica perto daqui’

10 P mnirn↔® P↔®∪di

‘a for é branca’

11 i®kP↔®sawPE∪di

‘minha cabeça é grande’

12 wa i®ni®mku∪ba∪di

‘eu tenho uma canoa’

13 bd↔∪di sauPE∪di

‘o caminho é comprido’

14 tYta®∪h↔®n↔®t| i®ni®kni®si iwa∪h↔

‘ela comeu carne ontem’

15 P mh)∪n n↔®t| P mku∪me

‘ela jogou a casca fora’

16 ∪wat kwa∪kP↔∩ap|kP↔∪h↔

‘eu estou cavando um buraco’

17 k↔ si®mpse∪di

‘o rio está cheio’

18 tYta®∪h↔®n↔®sidami® P mnir∪n↔®

‘ele cheirou a flor’

19 ∪t↔ n↔®t|kPikYd∪bPEaw∪e

‘a chuva entrou na casa’

20 tbene®iPibi∪zE

‘ele nada como um peixe’

21 P ∪wa mwas∪kun↔®

‘contar uma história’

22 Yde∪n↔® wa∪n↔® i®mn↔®∪wa sam|∪p k

‘eu bati as costas na árvore’

23 k↔ i®ms ∪mPi®

‘me dá um pouco d’água’

24 tehiPe∪ki

‘a perna dela é fina’

25 i®∪kwasE∪ki

‘meu dente está doendo’

26 wat|k\ ba∪re i®nkhimE®i®si

‘eu comi alguns pequis’

27 k↔t↔ n↔®t|wa∪Pa

‘a anta correu’

28 n↔®ti®si p∪kPatE?tE?

‘ela apertou o braço dele’

29 ∪we aj mō∪Pi®

‘vem aqui’

30 wap↔® kwa∪ne® Ydek↔m↔®∪da

‘eu estou vendo duas árvores’

31siPe∪n↔®t| paishi↔Pi

‘a asa do passarinho está machucada’

32 impt ∪kwapse∪di

‘meu pai é bom’

33 ajk∪dEt|si↔∪zu

‘as crianças estão brincando’

34 wanõPi® watsasa∪Pi® iwa∪h↔

‘nós caçamos ontem’

35 kt↔kY®mõ kY®mõaPE∪di

‘a vaca tem chifre’

36 Yde kP↔®p n↔®t|tYtah↔®kne®∪si

‘ele comeu uma manga’

37 simi®si

‘um’

38 pa}kwa∪nE®

‘dois’

39 mPE®pPa∪nE®

‘três’

40 sikwai®∪pse

‘quatro’

41 aj∪mPE∪mE®

‘falar’

42 sikuŭza ũn↔®t| sapuk|
‘ele costurou a roupa’

43 h↔ŭPE waŭzat m↔® i®mPE® ®ŭmE®
‘eu vou falar com ele amanhã’

44 tota n Pi®ŭh↔
‘eles estão andando’

45 kPiŭwa tYta ŭh↔® n↔®ŭmP↔®
‘ele está dentro de casa’

46 kuza n↔®t|heŭsu P ŭk
‘o fogo queimou as folhas’

47 wa h↔ŭdi
‘ eu estou com frio’

48 ŭsi®mdazEŭki
‘a fumaça é cinzenta’

49 waŭPi® imŭpse®j®mgõŭdi
‘eu não gosto de fumo’

50 ini®mpŭkP↔wan↔®t|kP↔pYŭku
‘eu furei a mão com um pedaço de pau’

51 i®ni®kŭb wat|s\ŭhe
‘eu cortei minha unha’

52 kwih↔ ~ kYjŭh↔

‘jacaré’

53 kwih↔® kYa nomõ ~ kwih↔t| kYa n ®m ®

‘o jacaré está na lagoa’

54 i®n↔®∩waP m|h↔∪di

‘eu moro longe’

55 kP

‘macaco’

56 kP wa Yde® tsiwak↔m↔® d↔∪k\

‘eu vi o macaco em cima da árvore’

57 da zEpaP∪kwa

‘mãe’

58 tuta∪h↔® n↔®t|kupa kne® ∪kPe

‘ele plantou mandioca’

59 ↔®mb↔ n↔®t|hukuknE®∪wi®

‘o homem matou uma onça’

60 t5u∪Pe

‘menino’

61 t5a∪Pe

‘menina’

62 pikõ∩n↔®t|d↔∪P↔

‘a mulher morreu’

63 nanE® paissi®sizE∪h↔

‘como é seu nome?’

64 wanõPi®

‘nós’

65 hewaP∪t5uwaPE∪di

‘tem muita nuvem no céu’

66 huku n↔®t|knE®∪u

‘ele matou a onça’

67 parkwan↔wã p kPe

‘nós temos duas orelhas’

68 ni®mpt kwa

‘pai’

69 sikakPe watk↔m↔®da∪k\

‘eu vi um ovo no ninho’

70 tutah↔® n↔®t|tbekPesõ

‘ele pescou um peixe’

71 rom∪h\

‘pele’

72 mPe®pPane®wat|akwe® km↔®∪d↔k|

‘eu vi três pessoas’

73 i®du ku®sE∪di

‘piolho coca muito’

74 P ®mkP↔® kP idi

‘a fruta está podre’

75 P ®mkP↔® kP i k ®di

‘a fruta não está podre’

76 nimõkõi®dih↔zEne®

‘ele não veio porque estava doente’

77 hesu n↔®t| pP

‘a palha queimou’

78 i®m∪b↔

‘rabo’

79 waps↔®b↔

‘o rabo do cachorro’

80 knE® sapt ∪di

‘a pedra é redonda’

81 k↔ kP↔ h↔∪di

‘o rio é fundo’

82 ini®kP↔ wats\h\ aPE®jYapru wat b

‘eu cortei a mão e saiu sangue’

83 ajsi®pkP↔ sh↔P↔wa za dawapPu wat b

‘se você cortar a mão, vai sair sangue’

84 kwatbPemi® n↔®t kP↔®j kw↔ne®Pe® k↔mb\

‘O menino mergulhou (de cabeça) no rio’.

85 ↔mb↔® n↔®t i®kP↔®jsku

‘O homem raspou sua cabeça’. (lit. a própria cabeça)

86 kP↔®jkd↔

‘inclinar a cabeça’

87 kP↔®jkP↔

‘virar a cabeça.’

ANEXOS

ANEXO A -

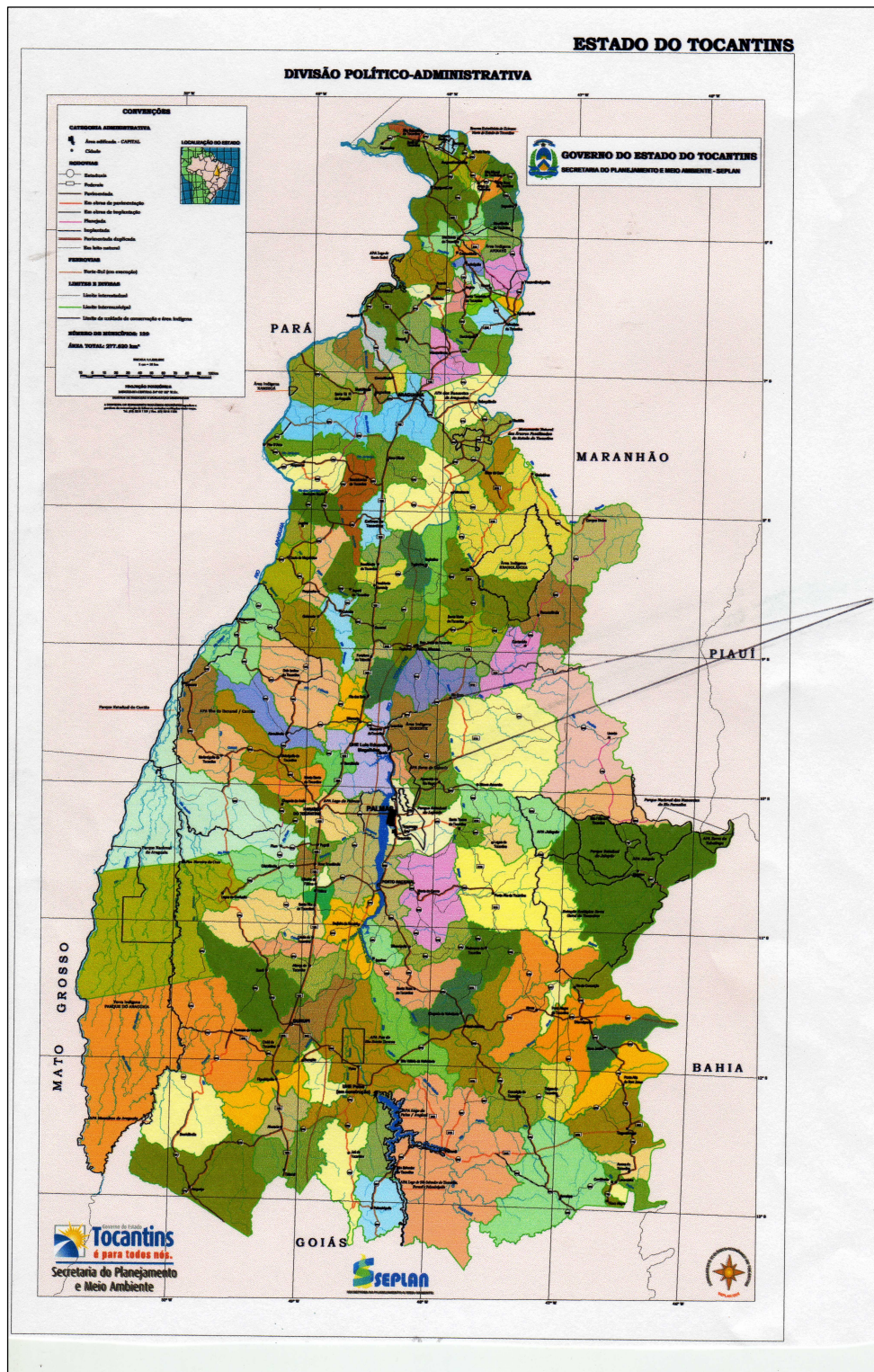
CENSO XERENTE (2004)

Área Xerente

Aldeia	Escola	População	Nº de alunos				Professores
			Pré	1ª fase	2ª fase	Ensino médio	
Rio Sono	Esc. Ind. Sina	117	02	23	-	-	02
Nova	Esc. Ind. Kasiwamri	45	07	11	-	-	01
Salto	Esc. Ind. Waikamase	-	04	44	-	-	02
Brejinho	Esc. Ind. Waikazate	30	03	14	-	-	01
Mirassol Nova	Esc. Ind. Krasapte	-	-	17	-	-	02
Jenipapo	Esc. Ind. Sobre	31	04	08	-	-	-
Porteira	Esc. Ind. Sremtowe	-	12	50	-	-	04
Recanto	Esc. Ind. Solti	-	02	20	-	-	01
B. Comprido	Esc. Ind. Suzawre	151	-	13	39	-	03
Funil	Esc. Ind. Sakruwe	-	04	59	-	-	02
Aldeinha	Esc. Ind. Kawamri	34	01	08	-	-	01
Bom Jardim	Esc. Ind. Srewasa	59	-	12	-	-	01
Boa Esperança	Esc. Ind. Skrawe	62	-	06	-	-	01
Serinha	Esc. Ind. Waipainere	77	04	19	-	-	01
Varjão	Esc. Ind. Kumsera	66	02	10	-	-	01
Vão Grande	Esc. Ind. Smisuite	49	03	07	-	-	01
Zé Brito	Esc. Ind. Sawrepte	58	-	17	-	-	01
Lajedado	Esc. Ind. Wokrero Katopkuje	37	03	13	-	-	01
Mirasol Velho	Esc. Ind. Dbatopre	-	04	23	-	-	01
Traira	Esc. Ind. Karehu	72	04	29	-	-	02
Rio Preto	Esc. Ind. Dakamai-ser	27	-	08	-	-	01
Riozinho	Esc. Ind. Wakwamek	45	-	14	-	-	01
N. Horizonte	Esc. Ind. Kwatepo	48	04	10	-	-	01
Paraíso	Esc. Ind. Kawe	46	01	14	-	-	01
Cercadinho	Esc. Ind. Kummkwe	72	02	11	-	-	01
Baixa Funda	Esc. Ind. Wazase	58	-	08	-	-	-
Boa fé	Esc. Ind. Romtepre	54	02	15	-	-	01
Bela Vista	Esc. Ind. Kranipi	151	01	09	-	-	01
Karehu	Esc. Ind. Wakuke	37	04	11	-	-	01
Morrinho	Esc. Ind. Wandekruwe	43	01	12	-	-	01
Sangrador	Esc. Ind. Kamowamri	-	03	11	-	-	01
Recanto	Esc. Ind. Kawakazase	-	02	10	-	-	01

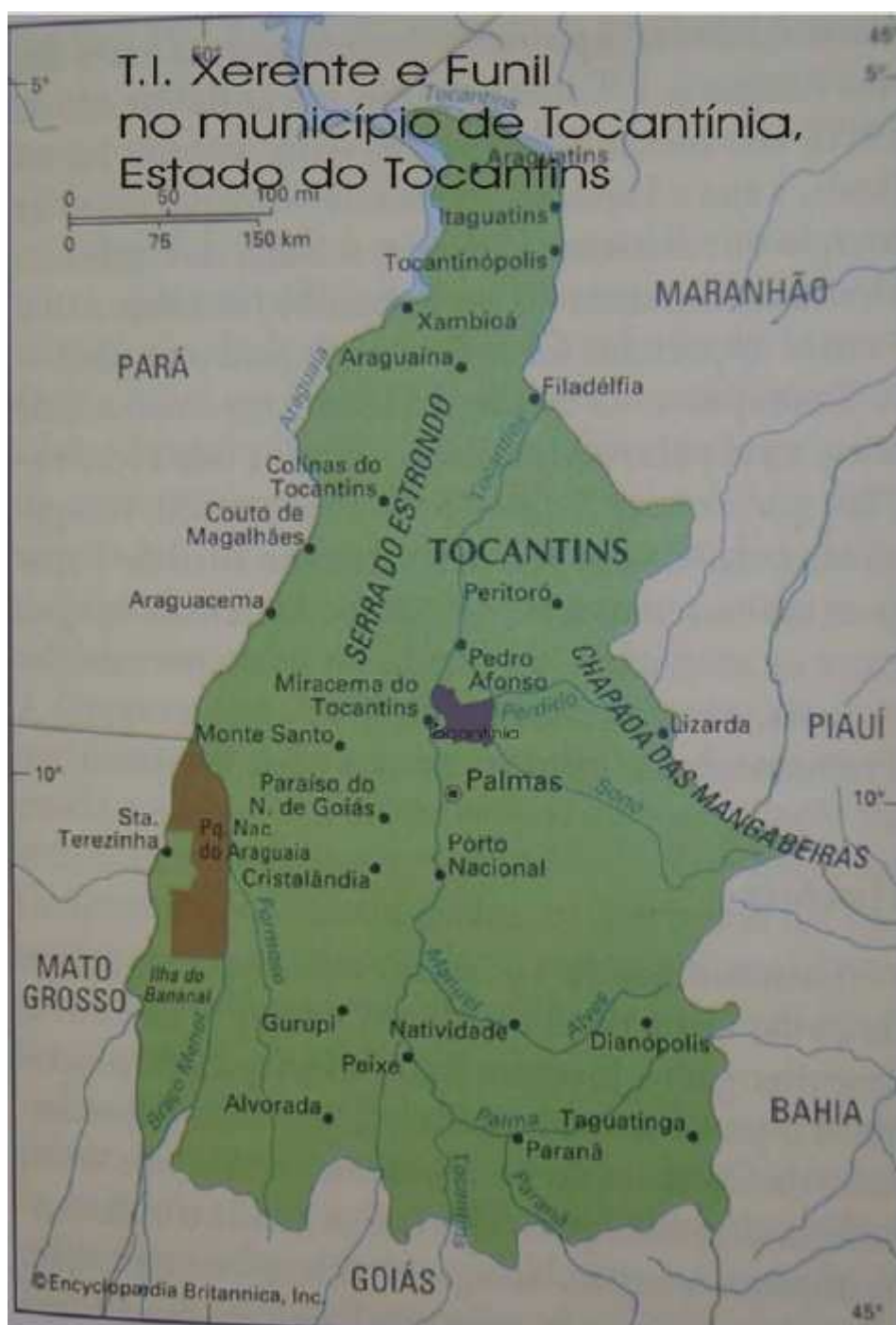
Tabela 1 Relação Aldeia/Escola/População/Alunos matriculados/Professores (Secretaria da Educação e Cultura do Tocantins, 2004).

ANEXO B - MAPAS



1 Área Indígena
Xerente

Mapa 1 Estado do Tocantins - Divisão Política Administrativa (Secretaria do Planejamento do Estado do Tocantins).



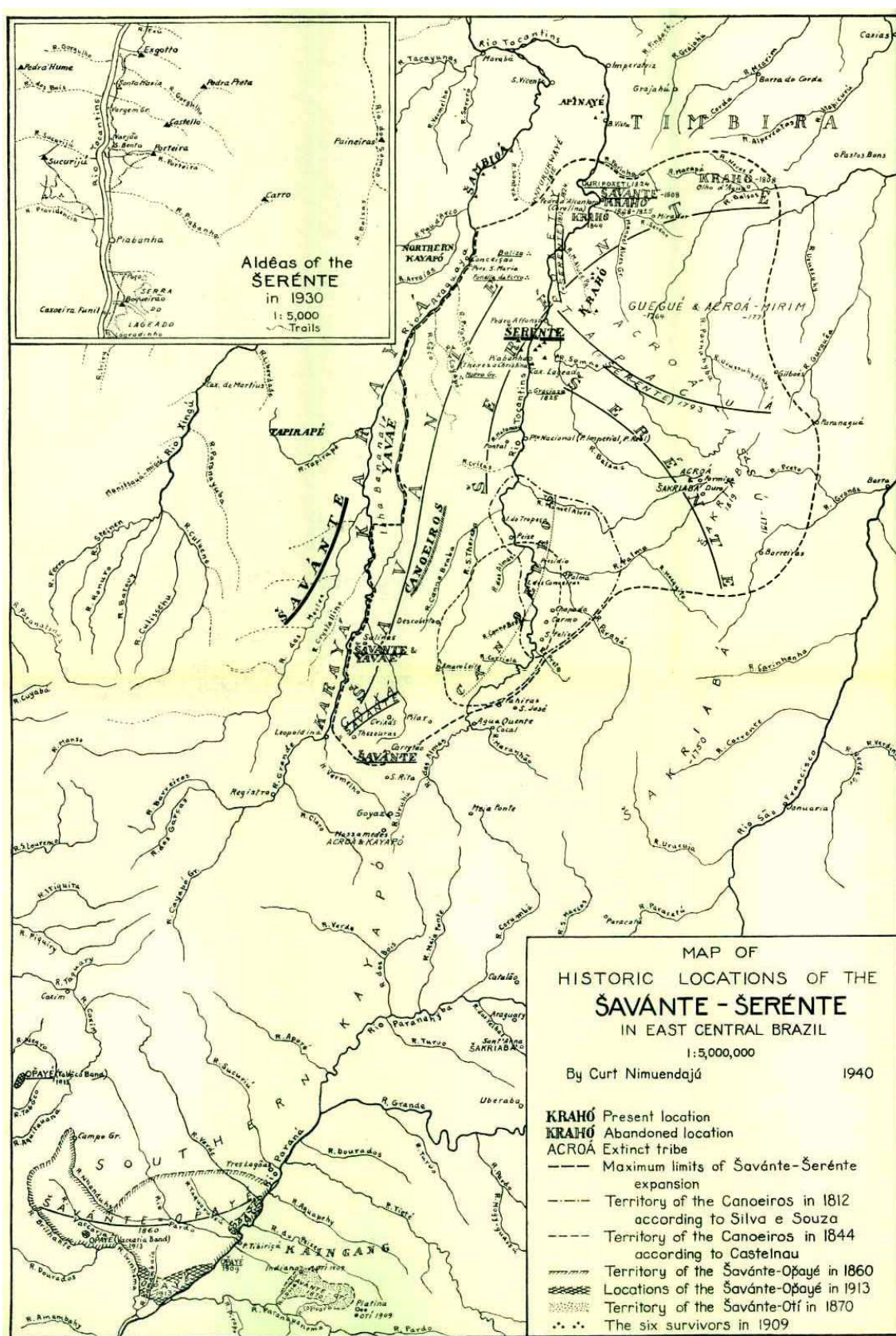
Mapa 2 Terras Indígenas Xerente e Funil (SCHROEDER, 2006, p. 4).



Mapa 3 Distribuição dos Postos e Aldeias Xerente em 2000 (OPAN e GERA/UFMT – 2000)



Mapa 3- Bacia do Tocantins e Araguaia. Área Xerente - entre o Rio Tocantins (Kâ wawe®) e Rio do Sono (Kte® ka ka) (ALMEIDA, 2004).



Mapa 4 – Localização histórica dos Xavante e Xerente. (NIMUENDAJU, 1942).

ANEXO C - FIGURAS

Ilustração 1 – Tamboril (danp kP ne®)



Ilustração 2 – Fruto e semente de tamboril (danp kP ne®)



Ilustração 3 – Mutum (↔kka)



Ilustração 4 – Jacu (↔kka pPE)



Ilustração 5 – Jacupim (↔kka skP↔®jku mnô)



Ilustração 6 – Copaíba (kP↔®j sku)

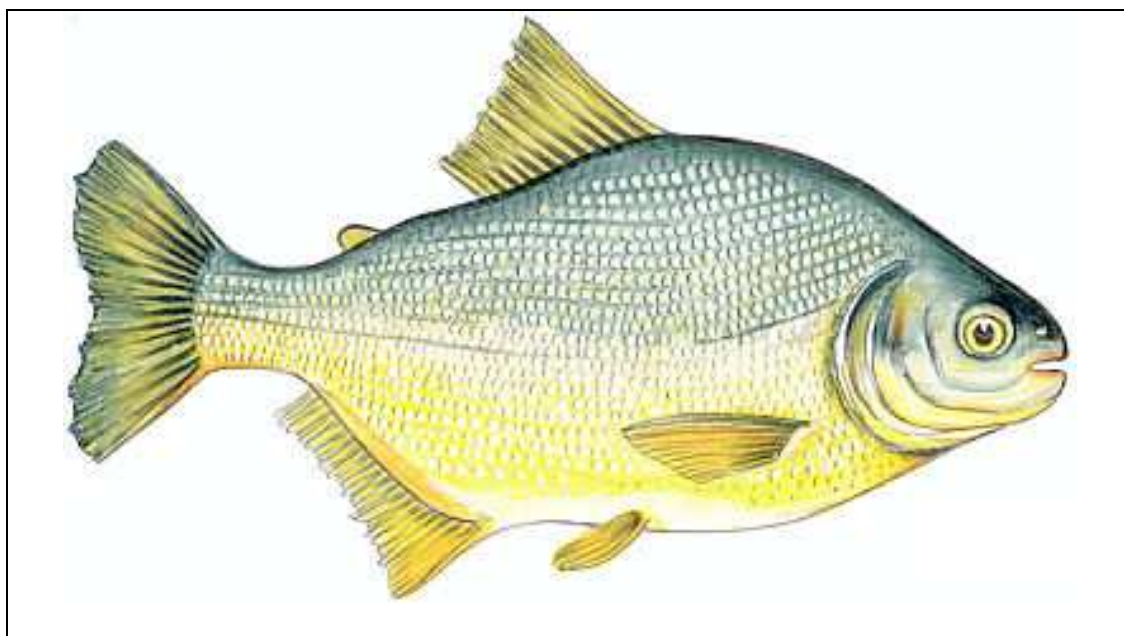


Ilustração 7 – Pacu (tpe wajkwa ka)



Ilustração: Sromnê Xerente

Ilustração 10 – Arraia (tpe b↔)

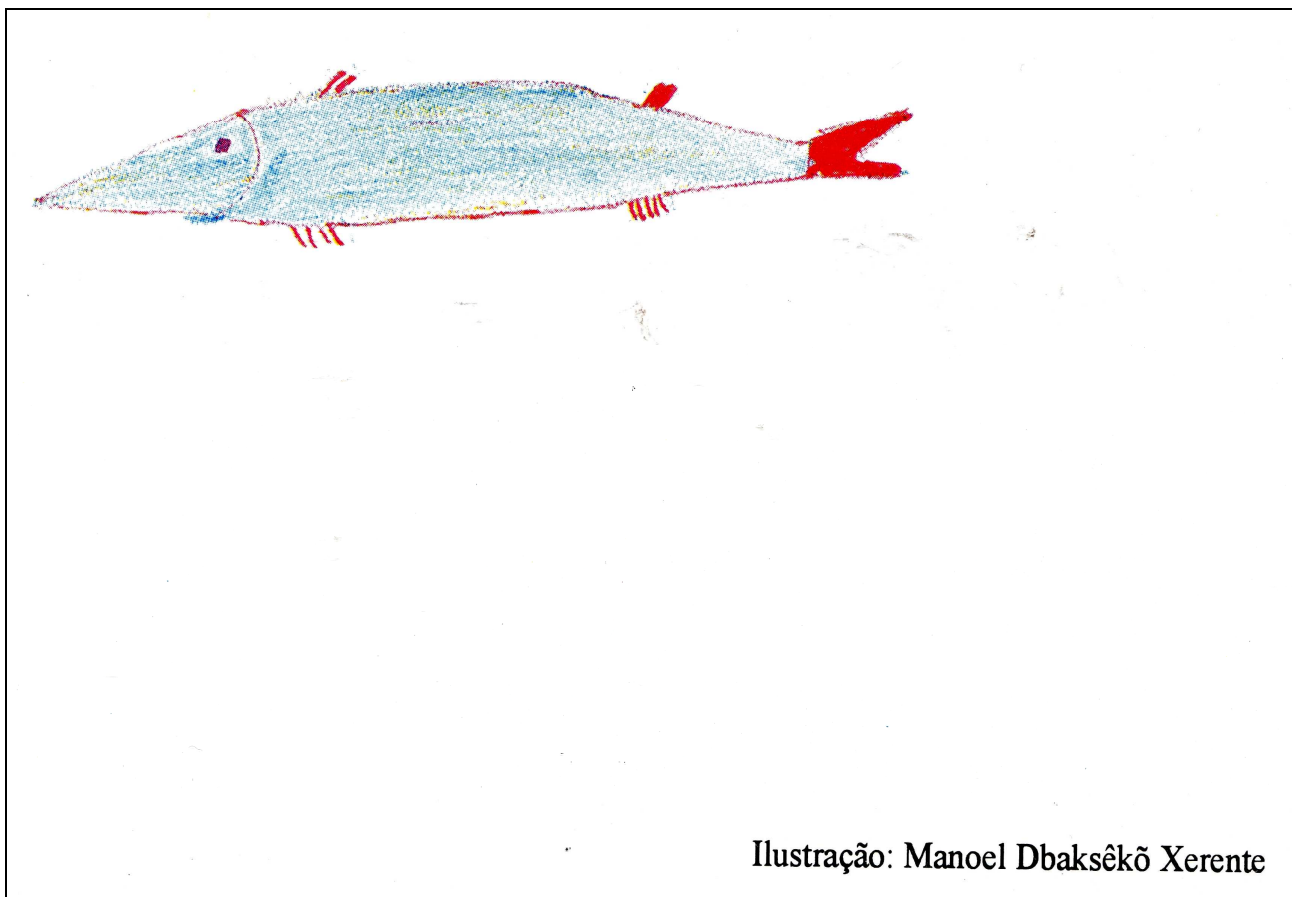


Ilustração: Manoel Dbaksêkô Xerente

Ilustração 11 – Bocado (tpe wtah))

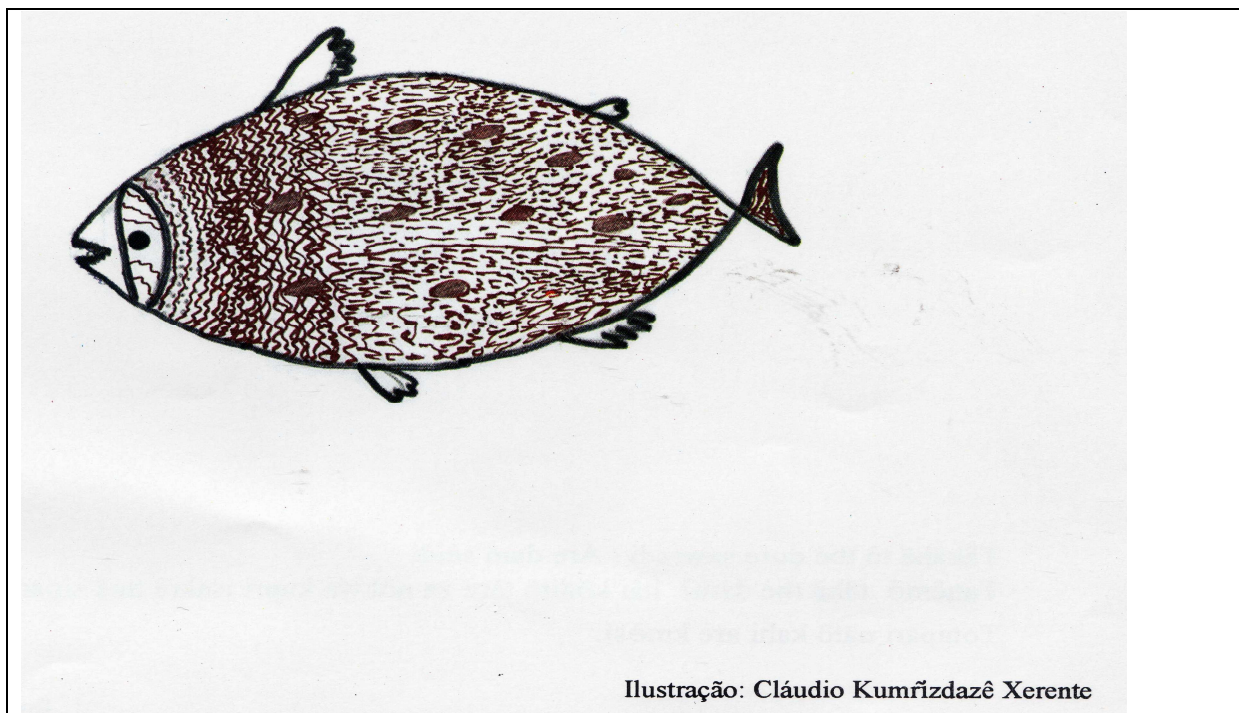


Ilustração: Cláudio Kumfízdazê Xerente

Ilustração 12 – Caranha (tpe wajkwa kukPe-waw↔®)

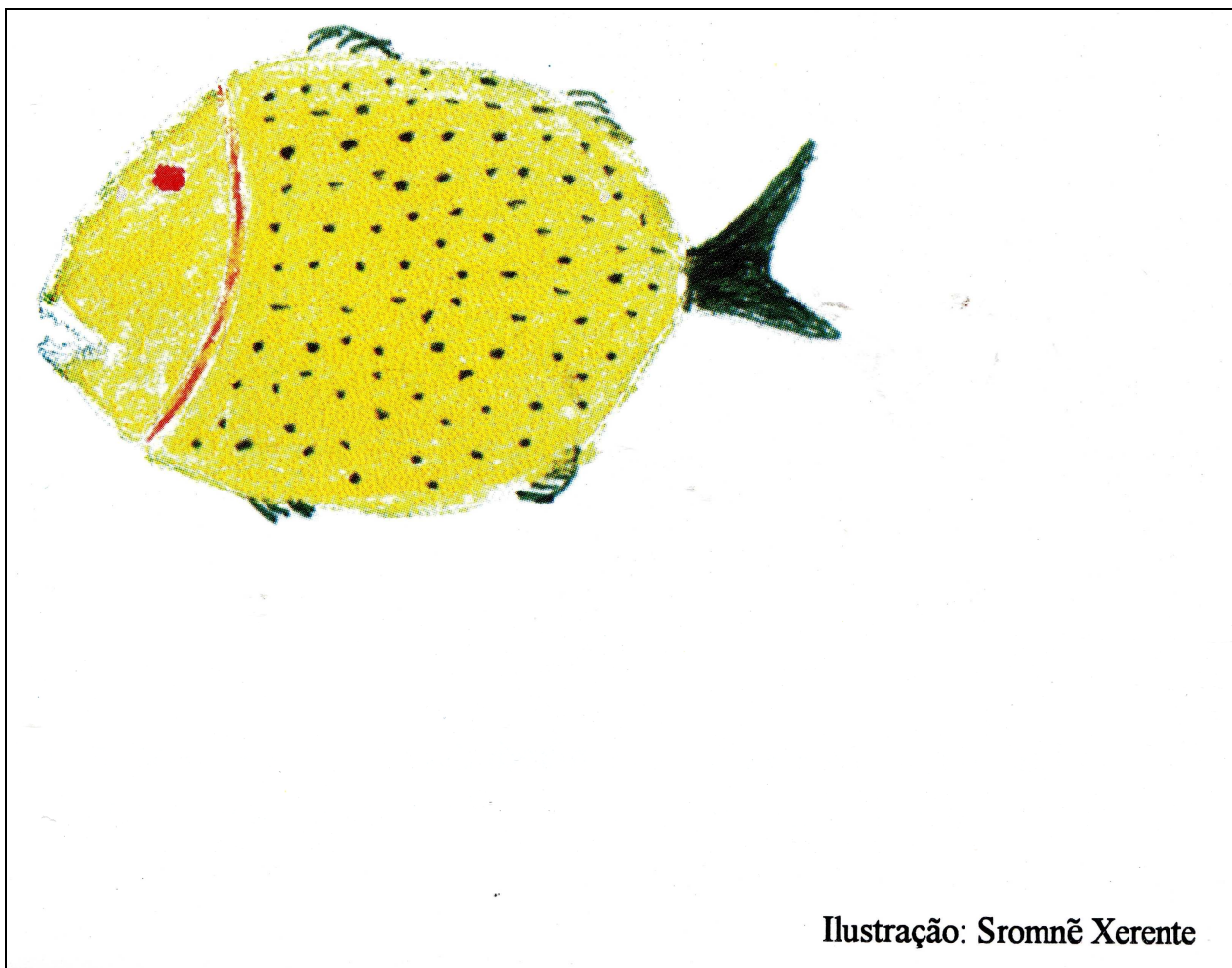


Ilustração: Sromnê Xerente

